

Ficha Técnica

Copyright © Vampeta e Celso Unzelte

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Produtora editorial: Fernanda Satie Ohosaku
Assistentes editoriais: Maitê Zickuhr e Ranata Alves

Transcrições de áudio: Josélia Sales
Preparação de texto: Paula Almeida
Revisão de texto: Iraci Miyuki Kishi
Capa: Mateus Valadares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vampeta, 1974-

Vampeta: memórias do velho Vamp / Vampeta em depoimento a Celso Unzelte. – São Paulo : LeYa, 2012.
256 p. : il.

ISBN 9788580446746

1. Vampeta - biografia 2. Sport Club Corinthians Paulista
3. Futebol I. Título II. Unzelte, Celso Dario, 1968-

12-0362 CDD 927.96334

Índices para catálogo sistemático:

1. Jogadores de futebol - biogra

2012

Todos os direitos desta edição reservados a
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do Grupo Leya]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

VAMPETA
memórias do velho Vamp

Vampeta
em depoimento a
Celso Unzelte

*Ao meu pai
À minha mãe*

Marcos André Batista Santos (Vampeta)

Salmo 91

- 1 Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.*
- 2 Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.*
- 3 Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciosa.*
- 4 Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel.*
- 5 Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia,*
- 6 Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia.*
- 7 Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.*
- 8 Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.*
- 9 Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação.*
- 10 Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.*
- 11 Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.*
- 12 Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra.*
- 13 Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente.*
- 14 Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome.*
- 15 Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei.*
- 16 Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.*

Salmo 100

*Celebrai com júbilo ao SENHOR, todas as terras.
Servi ao SENHOR com alegria; e entrai diante dele com canto.
Sabei que o SENHOR é Deus; foi ele que nos fez, e não nós a nós mesmos; somos povo seu e ovelhas do seu pasto.
Entrai pelas portas dele com gratidão, e em seus átrios com louvor; louvai-o, e bendizei o seu nome.
Porque o SENHOR é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração.*

Apresentando Vampeta
(por Celso Unzelte)

Vampeta tornou-se um dos grandes ídolos do Corinthians. Ao mesmo tempo, é dono de um cinema histórico que mandou restaurar em sua cidade natal, Nazaré das Farinhas, na Bahia. Posou nu para uma revista gay. Deu cambalhotas na rampa do Palácio do Planalto, diante do então presidente da República, para comemorar o pentacampeonato mundial que ele próprio havia ajudado a Seleção Brasileira a conquistar. É quase impossível, portanto, encontrar alguém que não tenha ouvido falar de pelo menos uma dessas suas aventuras.

Para cumprir a missão de apresentar alguém como ele, que dispensa apresentações, escolhi contar um *causo* (ou “resenha”, como o próprio Vampeta prefere chamar), bem no estilo dos muitos que compõem este livro.

* * *

Para um amigo meu, corintiano roxo, uma das primeiras vezes que Vampeta apareceu foi em um sonho, há quase catorze anos. O jogador acabava de ser bicampeão brasileiro e de posar para a revista *G Magazine*, transformando-se em uma espécie de símbolo nacional de virilidade. Nada mais inquietante para quem, como aquele meu amigo, era pai de uma menina que mal acabara de completar um ano. No sonho, Vampeta estava na sala, sentado no sofá, pedindo a mão da menina em namoro.

O meu amigo dizia:

— Mas Vampeta... Ela ainda é uma criança!!!

Elegantemente vestido, com aquela risca no cabelo tão característica de seus tempos de jogador, Vampeta não se abalava. Só respondia, bem a seu estilo irreverente:

— É que eu “amo ela”...

Aquele mesmo diálogo se repetia várias vezes. Até que a certa altura o meu amigo tomava coragem e falava:

— Vampeta, acho melhor você ir embora antes que a minha mulher chegue. E olha que nem corintiana ela é!!!

* * *

Terror dos adversários dentro de campo (e dos pais de mulheres fora dele), Vampeta está todo aqui. O livro só não saiu antes porque eu, enquanto tentava transcrever alguns depoimentos dados por ele, não conseguia parar de rir. O mesmo deverá acontecer com vocês na hora que começarem a ler.

1

De Deco a
Velho Vamp

Meu nome é Marcos André Batista Santos, mas ninguém me chama assim. Nem dentro da minha própria família. O Parreira me chamava de Marquinhos, mas nunca de Marcos André. O Oswaldo de Oliveira também me chamava de Marquinhos. Os outros treinadores todos com quem eu trabalhei sempre me chamaram de Vampeta. O Felipão sempre me chamou de Vampeta. O Luxemburgo me chamava de “Negão”. O Joel Santana, de Vampeta. O Geninho, o Leão, o Antônio Lopes... Acho que em toda a minha vida eu só fui Marcos André, mesmo, na escola, na hora da chamada.

* * *

Vampeta é um apelido que eu só peguei quando cheguei no Vitória. Mas lá em Nazaré das Farinhas, onde eu nasci, meu nome era Deco — Deco vem de André, né? Eu tinha catorze anos quando meus pais foram morar no subúrbio de Plataforma, em Salvador. Jogava em um time de Plataforma, o Tri, onde também só me chamavam de Deco. Aí, teve um teste para jogar no Vitória. Vi uma chamada na televisão para fazer o teste e fui sozinho, sem nenhum empresário. Não foi ninguém que me levou, não: eu mesmo peguei minha chuteira Biribol e, como estudava de manhã, matei uma aula.

De onde eu morava, em Plataforma, até a Toca do Leão, no bairro de Canabrava, pegava dois ônibus e um trem. Naquela época, como era menino, passava por debaixo da borboleta, não tinha que pagar. Era longe, mas eu fui. Passei no teste e logo que eu cheguei no dente de leite os caras me botaram esse apelido. Quem inventou isso foi um amigo chamado Elialdo e um outro chamado Cesinha: Vampeta, mistura de vampiro com capeta, porque eu não tinha os dentes da frente.

* * *

Lembro do teste como hoje: “Quem joga de lateral-direito?”. Eu olhava, todo mundo sentado... Percebi que quem levantasse a mão primeiro já ganhava a posição. Então, a lateral direita, que era a primeira depois do goleiro, foi onde deu mais brecha pra eu entrar. Depois comecei a jogar de ponta-direita, com o técnico Alberto Leguelé, ex-jogador do Bahia. Foi ele também quem me puxou pro meio-campo.

Três anos depois, fui para o profissional. Ia jogar um Ba-Vi. O Bahia vinha com um meio-campo que foi campeão brasileiro em 88: Paulo Rodrigues, Bobô... O Hélio dos Anjos era o treinador do Vitória e me viu jogando no juvenil, junto com Toninho Oliveira; ele queria me lançar nesse Ba-Vi, numa quarta-feira à noite. Mas acabei não estreando no profissional, não. Desci para jogar mais uma vez pelo júnior, na preliminar. Na época, como estava passando aquela novela *Vamp*, virou Vampeta de vez.

O pessoal em Nazaré, quando eu apareci na televisão, estranhou: Vampeta??? Em Plataforma, onde eu morava, meus pais também passaram a me chamar de Vampeta. O apelido pegou tanto que até minha avó e minha mãe me chamam assim. Ninguém na minha família, apenas poucos, pouquíssimos, amigos de Nazaré continuam me chamando de Deco. Virou Vampeta pra todo mundo. E eu achava legal, diferente... Vampiro, capeta... Aí virou Vampeta. Aí ficou Vampetinha. E Marcos Vampeta, que eu cheguei a gravar em uma mensagem eletrônica no meu celular (“Você ligou para Marcos Vampeta...”). Atualmente, Marcos Vampeta é também o nome de uma fundação administrada por uma tia minha, na Bahia.

* * *

Já Velho Vamp só apareceu, mesmo, depois que eu parei de jogar. Foi pra não me chamarem de veterano. Saiu espontaneamente: Velho Vamp. E é bom, porque eu sempre tive um relacionamento muito bom com a imprensa, e isso aí foi pegando. Nunca ninguém me chamou de veterano, sempre foi o Velho Vamp. O Ricardinho mesmo, que jogava comigo no Corinthians, eu sempre chamei de “Vetera”, por causa do cabelo grisalho. Comigo, felizmente, isso não aconteceu: eu fiquei com essa de Velho Vamp, e assim escapei de ser chamado de veterano.

2

Minha primeira
“resenha”

Eu sempre gostei de escutar histórias. Escutava pra guardar e depois contar. Tenho um grande amigo, chamado Samuel Morais Leal, que é lá de Nazaré e morava duas casas depois da casa da minha avó. Samuel é quatro anos mais velho do que eu, e era também o cara mais cômico que tinha. De noite, a gente ficava sentado nas portas das casas, conversando e contando histórias de assombração e piadas. Quem mora no interior sabe que tem muito isso — histórias de lobisomem, caipora... Mas ele, o Samuel, contava muita piada, e eu lembro que comecei minhas próprias histórias com uma história dele. Uma piada que tinha em torno de quarenta palavras, todas com a letra “f”. Essa pode ser considerada minha primeira história, ou minha primeira “resenha”, como dizem os jogadores de futebol. É assim:

Dois caras fugiram do presídio. Quando estavam a dez quilômetros de distância, um deles falou: “Tô com fome”. E o outro respondeu: “Não, não dá pra gente parar ainda, estamos muito próximos da prisão”. Mas o outro insistiu, dizendo que na cadeia ele tinha banho de sol, cinco refeições por dia e que se fosse pra fugir daquele jeito era melhor voltar. O parceiro, então, concordou em entrar em um restaurante, desde que o outro não falasse nada, ficasse quieto, pra ninguém desconfiar.

Os dois, então, entraram no restaurante e se sentaram. O que havia mandado o outro ficar calado viu, pelo crachá, que o nome da garçonete era Filó. E pediu:

- Filó, faz favor.
- O que você quer comer? — perguntou a garçonete.
- Frango, farofa, fritas, feijão.
- E pra beber?
- Fanta.
- Aceita uma sobremesa?
- Figo fresco.
- Aceita um café?
- Fraco e frio.

Tudo com a letra “f”. A garçonete, então, explicou o caso ao dono do restaurante, que desconfiou e resolveu abordar um dos clientes suspeitos:

- Boa tarde, amigo. Qual é o seu nome?
- Firmino Fragoso Filho.
- E você é de onde?
- Fortaleza.
- O que você faz?
- Fui ferreiro.
- E fazia o quê?
- Foice, faca, ferradura, ferramenta e facão.
- Você fuma?
- Fumo Free.
- Lê revista?
- *Fatos e Fotos*.
- Pra que time você torce?
- Flamengo.
- E seu ídolo?
- Felipe.
- Tem filhos?
- Fátima e Fernando.

— É, eu já percebi que você fala tudo com a letra “f”... Se você conseguir falar mais onze palavras com a letra “f”, eu te dou um Fusca que eu tenho lá fora pra você fugir, porque eu já percebi que vocês estão fugindo da polícia.

— Filó, filhinha, faz favor... Ficando fiado, formidável! Ficarei fiel...

— Errou! Você falou nove!

— ... foda-se, fresco!!!

Eles ganharam o Fusca, mas na hora em que estavam saindo acabaram batendo o carro na porta do restaurante. O dono, então, reclamou:

— Pô, vocês bateram o Fusca?

— Faltou freio...

* * *

Toda vez que ele me contava essa história, eu pedia: “Pô, Samuel, repete, repete...”. Pra decorar isso tudo (eu só improvisei o “Flamengo” e o “Felipe”). Daí, depois, fui jogar bola e cheguei no profissional. Ouvia os caras contando as histórias de jogos do passado, histórias engraçadas, e eu gravava tudo. Dali a pouco eu mesmo estava vivendo aquilo que os caras (Túlio, Romário, Bebeto, Neto, Renato Gaúcho, Viola...) passaram. Caras mais velhos do que eu, cinco, seis anos. Tem histórias pra caramba, e as pessoas gostam de escutar. São coisas boas, que fazem sorrir. Espero que vocês também gostem.

3

O homem de
Nazaré

Nazaré, onde eu nasci, em 13 de março de 74, fica a oitenta quilômetros de Salvador, no Recôncavo da Bahia. Na época da estrada de ferro, era a última parada do trem, depois de Cachoeira, Maragogipe... Lá tem o porto, de onde saía cravo, canela e principalmente farinha, o que acabou dando o nome de Nazaré das Farinhas para a minha cidade. Ia tudo para Salvador, para o Mercado Modelo, pelas embarcações ou até mesmo pelo trem. No centro da praça é tudo mangue com água doce, o manguezal, que dá na praia. A quinze quilômetros está a Ilha de Itaparica, a trinta e cinco quilômetros está o Morro de São Paulo. Está também Valença.

Nazaré tem vários engenhos de cana-de-açúcar. A minha casa mesmo era de um senhor de engenho. Lá eu já recebi Antônio Carlos Magalhães, Ronaldo Fenômeno, vários amigos. As pessoas da região, em época de eleição, pedem pra pernoitar na minha casa, que é muito bonita. Tem um rio que passa atrás e continua com o mesmo design, como era em 1920, 1919...

Sou um cara interessado na história da minha cidade. Lá em Nazaré, tudo é Dom Pedro I, porque o imperador chegou a ir à cidade e onde ele pernoitava virava o centro das atenções. Na época, a capital podia ser Salvador, depois o Rio de Janeiro. Mas, como Nazaré teve a honra de ter o imperador, mesmo que de passagem, a gente costuma falar que lá também chegou a ser capital do Brasil. Pelo menos por algum tempo.

* * *

Minha mãe, Marlene Ângelo Batista Santos, é de uma cidade chamada Santa Inês, também na Bahia, que fica a duzentos quilômetros de Nazaré. Meu pai, Manuel Messias Santos, é sergipano de São Cristóvão. Minha mãe sempre foi dona de casa, a vida toda. Meu pai sempre foi carreteiro, caminhoneiro, dirigia ônibus. Era motorista de carros pesados. Minha avó por parte de mãe, Angelina (que Deus a tenha em bom lugar), era de Santa Inês também. Por causa desse negócio da estrada de ferro (a ferrovia, hoje, não existe mais), na época, muitas pessoas trabalhavam em Nazaré. Minha avó veio com meu avô e se estabeleceu ali. Meu avô criou a família dele lá. Minha mãe conheceu meu pai, que na época também estava trabalhando por lá. E dali nasceu Vampeta.

* * *

Tenho dois irmãos: Márcio Luís Batista Santos (o apelido é Noca), quatro anos mais novo que eu, e Miscilene Batista Santos, um ano mais nova que eu. Minha mãe fala que botou o nome dela de Miscilene porque na época tinha uma cantora chamada Miss Lene. Quer dizer: uma irmã que é irmão, né?! É que ela é sapatona, como a gente fala lá na Bahia. Ela é sapatão. Por isso, minha irmã acabou virando mesmo “Misci Show”. Também a chamam de Ana Machado.

Isso foi uma coisa tranquila, porque minha família é aberta, tem de tudo. Tenho primos que são homossexuais, tias que também são sapatonas. Minha família é muito liberal, graças a Deus, acostumada com tudo. Isso foi revelado pra gente na mesa, na frente de todo mundo, não teve aquela história de “ah, o que vai acontecer?”. Nada disso.

Eu já jogava no PSV Eindhoven, da Holanda, e tinha ido passar as férias do fim do ano de 94 em Nazaré. Aí chego em casa, estou sentado, eu, minha mãe, meu irmão e minha irmã. Minha mãe chega pra mim e fala:

— Tenho uma novidade pra te contar.

— Fala, mainha — afinal, eu estava sete meses longe de casa...

— Eu achei que tinha botado dois filhos homens no mundo e uma mulher. Acabei botando

três “homens”, e o mais arretado é o do meio... É a que mais pega mulher!!!

Minha irmã, então, levantou e disse:

— Se a senhora soubesse como é bom ter outra mulher, não teria três filhos sentados na mesa escutando essas besteiras que a senhora tá falando agora...

* * *

Eu ganhei muito dinheiro com bola, vivo muito bem. Realizei aquele sonho de ter carro importado, mulheres bonitas, ser uma pessoa pública, jogar na Seleção, em grandes clubes. Peguei as melhores mulheres que se pode pegar, tive dinheiro no bolso, altos salários. Mas eu não trocaria nada disso se pudesse voltar para aquela minha infância de Nazaré. Se o tempo pudesse estacionar nos meus catorze, quinze anos, eu não mudaria nada.

Era mais feliz quando tomava banho de rio (lá em Nazaré tem muito rio). Quando eu voltava, minha avó falava: “Agora tem que passar um óleo”. Porque a gente que é moreno fica cinzento. Então eu pegava o dendê, mordida pra sair aquele oleozinho e passava no corpo, ficava no sol me enxugando com a roupa pra não chegar em casa molhado. Dali ia pro “baba”, bater uma bola. Andava nos quintais de Deus e o mundo, nas fazendas, chupando cana, comendo jaca. Eu e meus amigos, Samuel, Noel. Terminava de almoçar e falava assim: “Vamos pranossafazenda agora, chupar cana?”. Tudo na fazenda dos outros, é claro. Que a gente falava que era nossa.

* * *

Não andava com roupa de marca, nada, mas também não tinha problema. Eu até brinco com um amigo meu, hoje, que não trabalha. Falo assim pra ele: “Pô, você é inimigo público do governo, você nunca trabalhou, nunca pagou imposto...”. Naquela época eu era assim, não tinha compromisso com nada. Não tinha que me preocupar em pagar um plano de saúde, não deixar faltar nada pros filhos, pra família, não tinha dor de cabeça com nada. Era só chegar em casa pra almoçar, jantar, tomar café, ir pra escola, jogar bola, tomar banho de rio, andar pelo quintal dos outros.

Naquela época, meu maior sonho era ir pra praia, na Ilha de Itaparica. Que até ficava próxima, a quinze quilômetros. A maioria da vizinhança, aqueles que tinham um poder aquisitivo melhor, tinha uma casa de praia. Mas quando eu ia pra lá minha avó fazia pra mim uma marmita, com feijão, arroz, carne frita com farinha. Eu levava, deixava debaixo de um pé de coco, tomava banho de mar, voltava. Enchia uma boia com câmara de pneu de trator, ficávamos em dez, quinze dentro dela, com as ondas batendo, lá em Itaparica. Com o dinheiro que eu ganhei depois, logo tivemos a nossa casa de praia também, que eu tenho até hoje lá.

Nunca passei fome: tomava vitamina de abacate com leite, comia farinha com açúcar. Nosso iogurte era pegar aquele suco de uva em pó, de saquinho, e misturar com leite. Aquilo era o nosso iogurte. Nunca fui fã de montar a cavalo, mas andava, nadava em rio. A gente gostava de uma brincadeira chamada Pitu. Éramos seis, sete, e um tinha de pegar o outro dentro da água. Por isso, eu sempre falo que o melhor momento da minha vida foi aos catorze anos, porque não tinha dor de cabeça. Hoje tenho que pensar no plano de saúde, na escola, na pensão. Tenho que mandar dinheiro pra mãe, pro pai, tenho que ajudar alguém... Felicidade mesmo era aquele momento em que eu não tinha incumbência de nada. Essa incumbência era pro meu pai, pra minha mãe, pra minha avó, porque eu devia dar uma dor de cabeça da porra.

* * *

Em Nazaré eu já jogava futebol na rua, em um time chamado Batatam — que é também o apelido do bairro João Bittencourt, onde eu morava. O engraçado é que eu tenho uma história toda ligada ao Corinthians, mas o uniforme do nosso time, quando éramos moleques, era igual ao do Santos, porque todo mundo tinha uma camisa branca, um *short* branco e uma meia branca.

Também era fácil de fazer o escudo do Santos. Mas eu era Bahia, sempre fui Bahia, apesar de ter tido a honra de fazer o teste no Vitória.

A cidade lá não é asfaltada: tem calçamento de pedra, como em Ouro Preto. Aquela cidade antiga, com prédios, casarões da época do império. Eu jogava bola naquele calçamento e nunca tive nada, nunca arranquei a cabeça de um dedo. Sempre jogando pela rua. Botava mais dois paralelepípedos ou botava mais duas sandálias pra fazer o gol. Lembro bem que nessa época, em Nazaré, a polícia passava pela rua e pegava a bola pra furar. Se a bola caísse na casa de alguém, até prendiam. Hoje, todo mundo quer que o filho seja jogador de futebol, mas, naquele tempo, ainda não era assim, não. Pra jogar no meio da rua, eu vinha da escola à tarde, brincava só à noite. A gente chegava em casa todo sujo, limpava os pés, tomava banho. Até hoje, quando estou em Nazaré, bato minha bolinha no meio da rua.

* * *

Antes de ter a chance de jogar no Vitória, eu sempre fiz meus “corres” lá em Nazaré. Já vendi picolé, já trabalhei na feira, encerava a casa dos vizinhos. Sempre gostei de jogar bola, sempre estudei, mas tinha também que ter um tênis, uma camisa legal, uma bermuda. E como é que a gente ganhava dinheiro pra ajudar em casa?

Nazaré é a terceira cidade no estado da Bahia que mais tem terreiros de candomblé. Perde só pra Salvador, que é a capital, e pra Cachoeira, que fica a uns cem quilômetros. Como chega gente de toda parte do país procurando um pai de santo ou uma mãe de santo pra resolver os problemas, eu tinha uma equipe já montada: um cara dono de um táxi, eu e mais outro primo meu, que tinha uma moto.

Quando chegava um cara diferente — cidade pequena, de vinte e oito mil habitantes, dos quais catorze mil moram na cidade e os outros catorze mil moram na zona rural, quase todo mundo se conhece —, a gente já pegava a pessoa na rodoviária:

— Boa tarde, nosso amigo. Tá precisando de quê?

— Tô precisando de um “papai” bom, que resolva uns problemas da minha família.

— Tem um aí, tem o Pai de Noite, que é fera. É o melhor pai de santo que tem em Nazaré.

— Pai de Noite? Mas ele é bom mesmo?

— É bom, sim.

Em seguida, o mesmo cara entrava no táxi, e o motorista, nosso amigo, já perguntava:

— Qual é o seu problema?

— É minha irmã, que tem uma ferida na perna e não consegue curar.

Aí eu e o meu primo, de moto, emparelhávamos com o carro e pedíamos pro motorista parar, dando uma desculpa qualquer, que queríamos receber um dinheiro que ele estava devendo pra gente, por exemplo. Nisso, o motorista descia e avisava:

— Vão na frente e falem pro Pai de Noite que a irmã do cara tem na perna uma ferida que não cura.

Só que eu e meu primo estávamos tão bêbados em cima da moto que acabamos dando a informação errada pro pai de santo. Dissemos que era o cliente que tinha a ferida na perna, e não a irmã dele.

Logo o cara do táxi chegou com o cliente, e o Pai de Noite, que estava na porta, falou:

— Se achegue, nosso amigo.

O Pai de Noite pegou uma bola de cristal, jogou um pano em cima e disse:

— Nosso amigo, essa ferida que você tem na sua perna aí...

O cara logo interrompeu:

— Não, eu não tenho ferida nenhuma, não! É a minha irmã que tem! Vocês querem é me roubar! Podem devolver o meu dinheiro.

* * *

Quando meus pais foram morar em Salvador, eu fiquei em Nazaré, morando com a minha

avó. Depois de um ano, também fui para Salvador, morar no subúrbio, mas sempre ligado a Nazaré. Quando chegavam as férias, minha avó falava: “Só vem pra Nazaré se passar de ano”. Chegava lá em dezembro, ficava janeiro, fevereiro... Voltava só em março, quando começavam as aulas. Por isso, até hoje, férias, pra mim, é ir pra Nazaré.

Nessas minhas voltas, já aconteceu muita coisa engraçada. Por exemplo: quando eu dei uma casa em um programa do SBT, para um moleque, no valor de cinquenta mil reais (e ele ainda queria que eu pagasse a conta de luz...). Isso foi no mês de agosto, setembro de 98. Quando chego em Nazaré, em dezembro daquele mesmo ano, de férias, depois de ter sido campeão brasileiro pelo Corinthians, todo mundo na cidade estava na minha porta. Um queria uma casa, outro queria um rádio, outro queria um cavalo... Sabe como é, cidade do interior, com vinte e oito mil habitantes, como é Nazaré das Farinhas... Da minha casa pra praça, pro centro de Nazaré, dá uns três quilômetros. E eu sempre vou de carro. Um dia eu estou em casa com mais dois amigos e digo:

— Queria fazer uma coisa diferente, que eu nunca mais fiz quando estou por aqui. Queria ir andando, caminhando até a praça, como eu fazia no tempo de criança.

Ia eu andando pela calçada e aí tinha um boteco onde eu parei para tomar uma cerveja antes de chegar na praça, em frente ao hospital de Nazaré. Quando eu e esses dois amigos paramos (isso eram umas oito horas da noite), chega um moleque de uns dezesseis anos e fala:

— Seu Vampeta, tudo bem?

— Tudo bom. Qual é seu nome?

— Meu nome é Jairo. Ô, seu Vampeta, eu queria comprar um rádio, pra escutar os jogos do Corinthians.

— E quanto é o rádio?

— Dez reais, na feira.

Tirei dez reais do bolso e dei pra ele.

Acabam as férias, volto pra São Paulo, dá mais um ano e eu volto pra Nazaré. Encontro novamente esse moleque na praça.

— Seu Vampeta, com o dinheiro que o senhor me deu eu comprei o rádio, mas não passava jogo do Corinthians, não. Só passava jogo do Vitória e do Bahia. Você não pode me dar uma televisão, não, pra eu assistir jogo do Corinthians?

— Tá bom, eu te dou uma televisão. Mas você mora onde?

Ele morava num bairro chamado Muritiba.

— Então vamos lá ver sua casa junto com a sua mãe. O que é que você faz?

— Eu trabalho na feira, eu carrego as compras pra casa das pessoas.

Quando eu fui ver, o moleque morava em um quadrado. Aí eu disse pra minha tia: como eu já dei uma casa lá em São Paulo, escolhe uma casa aqui, também, que eu vou dar pra esse menino. Minha tia, então, comprou uma casa de vinte mil reais, eu mobiliei a casa toda, botei televisão, o moleque ficou feliz, todo mundo na cidade ficou sabendo.

Vim embora. Passa mais um ano e eu encontro esse moleque, já agora com dezoito anos. Falei:

— E aí, Jairo, como é que são as coisas?

— Vampeta, a casa é boa, mas tá faltando ar-condicionado...

Foi aí que o pessoal me avisou pra não ajudar mais, não, porque ele não estudava, não fazia nada.

* * *

Oglamournas férias — no Nordeste todo, não só em Nazaré ou no interior da Bahia — é ir pra AABB, a Associação Atlética Banco do Brasil. Tem o campo *desociety*

, tem piscina e eu vou lá jogar bola com os meus amigos. Foi quando o pessoal me falou:

— Vampeta, tem um menino aqui em Nazaré que joga pra caramba. O cara é craque de bola. Chama Fabinho, e todo mundo falava dele.

— Joga na seleção de Nazaré, no campeonato intermunicipal. Leva ele lá pro Corinthians pra fazer um teste.

— Então manda esse menino jogar bola comigo domingo, lá na AABB, que eu quero ver se ele joga bem mesmo.

O menino foi lá. E jogava pra caramba. Então eu perguntei a idade.

— Eu tenho vinte e três anos.

— Então, você é mais velho que eu... Pensei que ia te levar pra fazer um teste lá na divisão de base do Corinthians...

— Mas não dá pra fazer um “gato” em mim, não?

— Mas eu não sou de fazer “gato”!

— Então tem um cara aqui que dá um jeito de fazer um “gato” em mim.

Ele foi no dono do cartório, que gostava muito dele e me falou:

— Vampeta, se você levar ele pro Corinthians eu faço um “gato” nele. Aí não vai ser só você de atleta representante de Nazaré das Farinhas. Vai ter outro, o Fabinho, também.

Aí eu falei:

— Tá bom, então... Vinte e três, né? Pelo seu corpo, assim, vamos botar você com dezesseis anos. Mas tem que comunicar sua mãe.

A gente mandou chamar a mãe dele, ela veio e eu falei:

— Olha, vou levar seu filho pro Corinthians, mas nós vamos ter que fazer um “gato” nele.

— E o que é um “gato”?

— Diminuir a idade pra dezesseis anos.

— Então, seu Vampeta, não é melhor arredondar logo esse gato de sete pra dez anos, não?

Aí eu trouxe ele pro Corinthians, deixei no alojamento, ele estava fazendo o teste pro juvenil. Só que à noite ficava conversando com os seguranças e deixou escapar:

— Sabe quem já esteve em Nazaré?

— Não...

— O Chacrinha. O Chacrinha já esteve em Nazaré.

— Mas como? Você só tem dezesseis anos, como é que sabe que o Chacrinha já foi em Nazaré, se o Chacrinha morreu há tanto tempo?

Aí ele tentou disfarçar:

— Ah, foi a minha mãe que me contou!!! A minha mãe que me contou...

O pior é que, no fim, ele nem passou no teste.

* * *

Eu tenho um primo chamado Edu, lá de Nazaré, que também tinha o sonho de ser jogador de futebol. Nós dois fomos pro Vitória, só que aí a minha caminhada foi legal, foi indo, foi indo, eu cheguei ao infantil, juvenil, júnior, profissional e deu sequência à minha carreira. Mas esse primo meu ficou pra trás, não conseguiu ser atleta profissional de futebol. Eu tenho também uma tia que cuida de uma ilha, ao lado da ilha de Itaparica. Lá nessa ilha tem em torno de duzentos funcionários.

Terminou o Campeonato Brasileiro de 99, e eu fui pra casa. Estou em Nazaré e esse primo meu está desempregado. Eu chego e peço pra minha tia:

— Ô, tia, dá uma chance pro Edu trabalhar aí na fazenda...

— Não, Vampeta... Ele só pensa em bola, quando você tá na cidade ele não quer fazer nada...

— Mas você emprega tanta gente... Dá uma chance pro cara.

— Será que ele quer mesmo trabalhar?

— Quer, sim. Eu vou mandar ele vir falar com a senhora.

Essa tia minha está sentada no escritório, com o ar-condicionado ligado, quando chega meu primo:

— Olha, tia, já conversei com o Vampeta e ele mandou a senhora me dar uma chance aí no

emprego.

— Vou te dar, mas você sabe que o ano tem trezentos e sessenta e cinco dias e você só vai ter quinze dias de folga?

Ele aceitou, mas começou a tirar a camisa lá mesmo. Então, a tia perguntou:

— Mas, Edu, por que você está tirando a camisa?

— Porque eu quero começar pelos quinze dias de folga...

* * *

Eu já estava jogando na Holanda quando pedi para o treinador do PSV Eindhoven, Dick Advocaat, me dar dez dias de folga pra vir pro Brasil. Afinal, era época de jogos das seleções nacionais, e eu era o único jogador de todo o plantel profissional que não fazia parte de nenhuma seleção. Os holandeses do PSV quase todos eram da seleção principal. Os moleques eram das seleções de base da Holanda. Os estrangeiros, todos de seleção, eram quatro belgas, dois romenos, dois iugoslavos e o Ronaldo, convocado pra Seleção Brasileira. Eu ficava lá sozinho, treinando com o time B. O técnico, então, me liberou. E eu vou pra onde? Nazaré.

Um dia, estou na praça da cidade e aí chega um senhor de idade, chamado Uriel Cavalcante, arrecadando dez, vinte reais de cada um pra poder restaurar o cinema, um dos mais antigos do Brasil, de 1921, cujo telhado estava caindo. Falei:

— Ô, Uriel, eu não vou dar vinte reais, não. Deixa eu ir lá ver o cinema.

Não dava setenta metros de onde eu estava. Fui olhar e disse:

— De quem é esse cinema?

— Da família de um vereador. Só que a Igreja Universal quer comprar e a família dele, muito católica, não quer vender.

— Ele pode ir lá na casa da minha avó à noite? Porque eu compro o cinema.

Custava oitenta mil reais. Eu ganhava no PSV oito mil dólares. Ofereci trinta mil reais em dinheiro, parcelando as outras prestações de cinco mil reais. Voltei pra Holanda e todo mês eu mandava o dinheiro. Comprei o cinema, mas ninguém estava sabendo na cidade. Deixei a incumbência de restaurar o prédio para o Uriel, um cara muito religioso, que conhece tudo lá em Nazaré. Ele junto com uma tia minha.

Eu só não sabia que a restauração ia custar tanto dinheiro. Gastei quase quinhentos mil reais! Minha sorte é que eu renovei contrato com o PSV depois. Levei três anos sem ajuda de ninguém, sem ninguém botar um real do bolso, com os meus próprios recursos, mesmo. Aí restaurei o cinema e a cidade toda ficou sabendo.

Só que uma coisa vai casando com a outra, o Banco Excel me compra e me traz pro Corinthians. Eu vinha restaurando o cinema desde 96. Uma mulher lá da Bahia participou de um concurso da Globo de lá: quem mandasse a melhor ideia para uma matéria ganhava um aparelho de TV. E ela sugeriu uma matéria sobre o meu cinema. Mas a primeira matéria nacional foi na ESPN Brasil, que foi lá com o Roberto Salim e o Alemão(*Ronaldo Kotscho, repórter*). Isso deu uma repercussão danada. Venho pro Corinthians, sou convocado pra seleção principal. O cinema ficou todo pronto. Vou ao programa da Marília Gabriela,*De Frente com Gabi*, vou ao Jô Soares. O engraçado é que, nessa época, quando eu entrava no avião para disputar os jogos do Campeonato Brasileiro, as pessoas não falavam “Olha o Vampeta aí”. Elas falavam: “Olha, não é o menino do cinema?”.

Pra Marília Gabriela eu disse que só ia inaugurar o cinema quando o senador Antônio Carlos Magalhães fosse. Na época, ele era presidente do senado e eu sempre tive a maior admiração por ele. No dia seguinte, chega um fax no Corinthians, da presidência do senado. Ele foi junto comigo e com o Ronaldo Fenômeno. Aí foram o governador da Bahia, o prefeito de Salvador, os prefeitos das cidades vizinhas, deputado que não acabava mais. Geralmente, Antônio Carlos Magalhães inaugurava, pegava o helicóptero e ia embora. Só que ele disse que gostava muito de mim e queria ir em minha casa. Disse que gostava de comer acarajé bebendo água de coco, e eu contratei uma baiana só pra cozinhar pra ele. Foi ele, que torcia pro Vitória, quem me

colocou no conselho do clube, depois da Copa de 2002.

O cinema ficou a coisa mais linda. Logo que foi inaugurado, a mulher do senador César Borges criou junto com minha tia uma fundação, a Fundação Marcos Vampeta, que transformou o lugar em um cineteatro. Hoje, aliás, tem mais peça de teatro, aulas de teatro para crianças, lá, do que filmes. Cabem mil pessoas sentadas. Acho que o maior patrimônio que eu tenho é aquele cinema. Eu sou o dono, mas se entrei nele umas dez vezes foi muito.

* * *

Eu sempre falo que Nazaré tem um pouco de cultura, de civilização, porque está perto de Salvador, não está perto do sertão. Lembro bem que a maioria dos meus amigos tem duas ou três formaturas. Grandes pessoas na política baiana e até mesmo na política brasileira, como Waldir Pires, que foi governador da Bahia, estudaram em Nazaré, se formaram lá na cidade. É um lugar que tem muitas escolas, o índice de analfabetismo é muito baixo, muito baixo mesmo. Mas as oportunidades de trabalhar também não são muitas, então é preciso sair. O Bira, do programa do Jô Soares, sempre fala que a primeira esposa, a primeira namorada dele, foi de Nazaré das Farinhas, e que ela estudou lá, se formou lá. Então, tem várias personalidades que conhecem Nazaré.

A única coisa que eu não gosto é quando as pessoas falam que eu saí de lá não sei de onde. É mentira. Eu saí de uma cidade a oitenta quilômetros de Salvador, onde 70%, 80% da população não é analfabeta. Nasci em um lugar privilegiado, perto de praia, de mangue, perto da capital, onde o índice de fome é muito baixo, todo mundo tem um poder aquisitivo legal, não passa fome, como às vezes acontece quando o cara está dentro do sertão.

Agora tem dois anos que eu não vou pra lá. Minha avó morreu e eu também parei de ir porque a época de ir para lá é o mês de janeiro e, trabalhando com futebol, sempre tem a Copa São Paulo de Juniores. Era recebido pelo prefeito, chegava na cidade e todo mundo me cumprimentava, pegava as melhores mulheres da cidade. Até hoje, com todo o respeito, continuo sendo a maior estrela de Nazaré das Farinhas.

4

No Vitória,
um vencedor

Acho que esse meu bom humor vem dos baianos em geral. Até baiano mal-humorado, às vezes, se torna engraçado. Puxei muito isso da família da minha mãe. Já meu pai é um sergipano sério, não gosta muito de brincadeira, por isso, dificilmente, a gente brinca com ele. Mas minha mãe, não: está sempre rindo, sempre brincando, sempre saudável. Em 89, eles se separaram. Meu pai veio morar em São Paulo, em Itaquera. Minha mãe criou a gente. Depois, conheceu meu padrasto, Bernardo Pereira dos Prazeres. Esse cara sempre me incentivou e me ajudou. Só não teve a chance de me ver jogando no futebol profissional, porque faleceu de diabetes.

Lembro que, quando cheguei no ginásio, lá no subúrbio de Salvador, sempre fui um bom aluno. Sempre fui fera em Matemática. Em Geografia, História, Português. Sempre passei, não com folga, mas com o necessário ou um pouquinho acima do necessário. Inglês era uma teta. Isso jogando bola e estudando, jogando bola e estudando. O professor César, de Matemática, até hoje é meu fã. Só tranquei a faculdade de Educação Física porque, jogando de quarta e domingo, não deu mais.

Minhas histórias no futebol começaram logo que eu fui morar no alojamento do Vitória, no Barradão, naquela famosa Toca do Leão. Ali, também a carreira do Vampeta foi indo. No Vitória, fiz toda a divisão de base: dente de leite, infantil, juvenil. Quando chego nos juniores, vou jogar a Copa São Paulo e dali eu já estou treinando entre os profissionais, com Arthurzinho, Renato Martins, Gil Sergipano, Ronaldo (goleiro campeão brasileiro no Bahia), o Gil (também campeão brasileiro no Bahia). O Arthurzinho é o mesmo que em 84 veio pro Corinthians pra substituir o Sócrates. Olha como o mundo é pequeno.

Hoje os jogadores sobem pro profissional e todo mundo é tratado de modo igual. Só que naquele tempo não era assim, não. Eles nem me chamavam de Vampeta. Por causa do meu tamanho, me chamavam de “Ajuda de Custo”:

— “Ajuda de Custo”, vem cá!

Era “Ajuda de Custo” pra lá, “Ajuda de Custo” pra cá. Tanto que hoje eu sempre brinco com os meninos lá no Grêmio Osasco, onde sou vice-presidente. Também chamo eles de “Ajuda de Custo”.

* * *

Vimos jogar a Copa São Paulo de Juniores pelo Vitória. Antes, participavam os campeões e vices de cada estado mais alguns convidados. Não era que nem hoje, que o torneio está inchado, com cento e poucos clubes. Minha primeira Copa São Paulo! O ano era 93. Eu, Dida, Paulo Isidoro, Alex Alves, Dedimar, Bebeto Campos. Praticamente todo mundo se deu bem, jogou em outros times grandes, acabou saindo do Vitória.

Fomos jogar no Pacaembu, eu me lembro como hoje. Onze horas da manhã e o estádio parecia aqueles jogos do profissional. A gente, do Vitória, não se assustava muito, porque no Campeonato Baiano o profissional jogava e os juniores jogavam na preliminar, então a gente sempre pegava casa cheia na Fonte Nova, também. A torcida chegava antes pra ver o nosso time de juniores, que era muito forte. Nós já éramos promessas na Bahia, eu já era da Seleção Brasileira Sub-20, o Dida também.

No nosso grupo, naquela Copa São Paulo, estavam também Palmeiras, Paraná e Atlético Mineiro. No primeiro jogo, perdemos do Palmeiras (2 a 0). Mas depois empatamos com o Paraná (1 a 1) e nos classificamos goleando o Atlético Mineiro (5 a 2), porque se classificavam dois times de cada grupo. O Palmeiras fez seis pontos (não era o negócio de três pontos por vitória, como hoje, ainda eram só dois), nós fizemos três. Só que depois da derrota para o Palmeiras, à noite, depois do lanche, o Milton Mota, superintendente das categorias de base do

Vitória, reuniu todo mundo em um dos quartos onde nós estávamos concentrados, no ginásio Baby Barioni, ali perto do Parque Antártica. Sentamos, o Mota veio, e ele, que é exigente pra caramba (um dos caras mais exigentes que eu já conheci), começou a dar a maior dura na gente.

— Como é que vocês perdem pro Palmeiras? Não pode, não pode.

Aí ele começou a falar de um por um:

— Seu Dida, tem que sair do gol.

— Seu Dedimar, lateral-direito lento, apático. Não foi na linha de fundo uma vez.

— Minha dupla de zaga, Flávio e Reinaldo. Dupla de zaga de bobão, dois bobões.

— Seu Júnior, você, quando voltar pra Bahia, não é mais “júnior”, não. Você já é profissional, não pode jogar mal assim!

E aí chega em mim, o capitão do time:

— Seu Vampeta: lerdo, lerdo, lerdo, lerdo. Apático, apático...

Bebeto Campos era o outro volante, que jogava comigo:

— Seu Beбето Campos. Guerreiro? Que guerreiro, o quê! Guerreiro, que nada!

— Alex Alves. Não deu um chute, não correu...

E vai chegando a vez do Paulo Isidoro, outro meia, que adora ouvir Roberto Carlos. Desde moleque, aos dezesseis anos, o Paulo Isidoro já tinha seus discos de vinil, fita cassete, lá no alojamento sempre escutava o Roberto Carlos. Quando o Milton Mota chega de surpresa pra fazer essa reunião, o Isidoro está num canto, debaixo do beliche, escutando Roberto Carlos. Está todo mundo posicionado assim, nos beliches, num quarto só. E a bronca do Milton continuou, só que desse jeito:

— Paulo Isidoro! Paulo Isidoro... Roberto Carlos, meu amigo??? Que bom gosto!!!

Naquela noite, o único elogiado foi o Paulo Isidoro. Só porque o nosso superintendente também era fã do Roberto Carlos.

* * *

Naquela Copa São Paulo, o Vitória chegou até a semifinal, contra o São Paulo. Perdemos nos pênaltis, mas depois ganhamos o terceiro lugar, num jogo contra a Portuguesa (1 a 0). Quando chegamos na Bahia, foi a maior festa. Todo mundo subiu pro profissional, o time todo. Dali, no ano seguinte, fomos vice-campeões brasileiros da segunda divisão. Perdemos o título na Fonte Nova, para o Paraná, 1 a 0, gol de Saulo, que depois veio jogar no Palmeiras. Nos profissionais, sempre muito alegre, eu já começo a participar das “resenhas”. Um contava uma história, eu já começava a guardar. E aí foi, foi e é por isso que eu tenho essas histórias todas hoje.

No primeiro voo de avião, os caras mais velhos falavam:

— Olha, vai ter que pagar o lanche.

Aquela mesma brincadeira que tem hoje:

— Vai pagar o lanche, vai pagar o lanche. Aeromoça, cobra o lanche dele!

Isso quando era o primeiro voo, pra “batizar” o cara, né?

Tinha também no hotel uma brincadeira que os caras faziam muito. Por exemplo: euestava no quarto, aí um dos caras do profissional descia e falava pelo telefone com uma voz diferente:

— Alô, Vampeta?

— É, pois não. Quem é?

— Aqui é da Rádio Estádio (ou da ESPN Brasil). Dá pra você descer pra dar uma entrevista? A gente quer fazer uma entrevista com você.

Porra, naquela época dar uma entrevista, sair na televisão, era o máximo. Eu descia, ficava lá no saguão do hotel, mas não tinha ninguém. Depois o cara aparecia, todo mundo aparecia e começava a dar risada. Esse era o trote que tinha.

* * *

Em seguida, eu sou convocado para a Seleção Brasileira Sub-20 junto com o Marcos, goleiro do Palmeiras, e o Amoroso, atacante que na época jogava no Guarani. Tanto que nós três somos amigos até hoje, por causa daquela seleção. Daquela turma, só eu, o Marcos e o Dida chegamos a ser campeões mundiais como profissionais, em 2002. Tinha também o Sávio, do Flamengo, o Caico, do Inter, o Paulo Miranda, do Paraná Clube, o Marcelinho Paulista, do Corinthians, o Magrão, centroavante do Palmeiras, e o Sorlei, zagueiro do Fluminense. O treinador era o Júlio César Leal. Dali eu subi pro profissional. Fiz meu primeiro contrato em URVs(*Unidade Real de Valor, que antecedeu o real comounidade de conversão, entre 1.º de março e 1.º de julho de 1994*). Foi nessa época, também, que tive minha primeira relação sexual.

Minha primeira vez foi com uma menina da escola. Eu estava na Seleção Brasileira Sub-20, já no profissional do Vitória, fazendo o maior sucesso, mas até então nunca tinha tido nenhuma relação sexual completa. Na época, se você conseguia pegar no peito da menina já era uma grande coisa. Se chupasse, a gente falava que deu um “codo” legal, no dialeto da Bahia. Eu já tinha pegado algumas meninas na própria escola, mas uma relação sexual, mesmo, ainda não.

Fui pra seleção Sub-20 junto com o Dida, do Vitória, e o Rodrigo Mineiro, cabeça de área do Bahia. Lembro que voltei da seleção, já ganhava dois salários mínimos no Vitória, estudava em uma escola chamada Pedro Calmon e conheci uma menina que era da minha classe. Estava fazendo o primeiro ano de contabilidade. Eu tinha dezessete anos, ela era cinco anos mais velha. E foi em um motel na orla de Salvador, no bairro da Pituba. Eu já podia pagar, estava “suave”. Só não tinha carro.

Depois disso, comecei a atropelar geral. Eu era “o cara” da escola e comecei a pegar as meninas. Lembro que eu e o Alex Alves, que também jogou no Vitória, chegávamos na escola e parávamos tudo. Depois disso, em matéria de mulher, cheguei na Holanda já escolado (cada holandesa que eu peguei...). Quando fui emprestado ao Fluminense, já estava “voando”. Aí a gente gostou e não parou mais. Depois, aqui em São Paulo... Hoje, muitas delas são casadas e a gente não pode dizer o nome, senão a casa cai. Mas eram famosas, filhas de empresários, por exemplo. Peguei um monte. Mulher do grupo Banana Split, da *Praça É Nossa*, do SBT, da Globo. Eu era o camisa 5 do Corinthians, 8 da Seleção, dono do melhor pagode de São Paulo, o Terra Brasil. Não tinha como evitar. Eu não me considero um símbolo sexual, mas sempre brinco que tem gosto pra tudo. Tem mulher que gosta de anão, de preto, de alto, de branco, de azul, de feio...

Como atleta, nunca fui o melhor em nada, mas tinha as qualidades de todos em tudo. Uma vez, o fisiologista Renato Lotufo, do Corinthians e da Seleção, fez uns testes, e em um grupo de trinta jogadores eu era o quarto mais rápido, o terceiro com mais resistência, o segundo com mais explosão. O Mirandinha, atacante do Corinthians, por exemplo, era o mais rápido, mas a resistência dele era uma merda. Eu estava sempre entre os cinco melhores em todos os testes. Só fui ter uma lesão em 2003, no Corinthians, pisando em um buraco do gramado no Pacaembu.

* * *

No Vitória, não fiquei nem um ano e meio como profissional. Fui campeão baiano em 92 e vice-campeão brasileiro em 93. O time era: Ronaldo, goleiro (só depois que o Dida assumiu a titularidade). Aí tinha Rodrigo, Gil Sergipano (que saiu do Bahia e veio pro Vitória), Roberto Cavalo, Arthurzinho, Zé Roberto, Renato Martins, Ramón, Pichetti. Só que esse sucesso continuado me levou também a ir logo embora pra Holanda.

Quando o Romário foi vendido pro Barcelona, os holandeses do PSV Eindhoven precisavam botar um atacante no lugar dele. Vieram ver o Edmundo e o Luizão, na época do time do Palmeiras/Parmalat. Só que eram muito caros. Aí falaram assim pra eles: “Vai lá na Bahia que tem um time que foi vice-campeão e o atacante é muito bom. E é novo”. Esse atacante era o Alex Alves, que naquele Brasileiro fez chover. Tanto que o próprio Corinthians só perdeu um

jogo naquele Brasileiro, que foi lá na Fonte Nova, para o Vitória, por 2 a 1, com um gol do Alex Alves. Era o Corinthians do técnico Mário Sérgio, que tinha Silvinho, Viola, Rivaldo. No jogo de volta, em São Paulo, a gente empatou: 2 a 2. Fomos vice-campeões brasileiros, perdendo a final pro Palmeiras.

Começa o Campeonato Baiano e esses holandeses foram lá pra Bahia pra ver esse time jogar. Ficaram vários dias olhando o Alex, eles foram pra ver o Alex. Mas eu comecei a me destacar, fui me destacando. E esses holandeses olhando, na Fonte Nova, sem ninguém saber. Era um cara que comandava a Seleção Sub-20 da Holanda e trabalhava no PSV Eindhoven, Kees Rijvers. Ele esteve lá, olhou, olhou, chegou no Paulo Carneiro, que era o presidente do Vitória. Aí teve um jogo da Copa do Brasil, a gente pegou um tal de Ariquemes, de Rondônia, eu fiz dois na Fonte Nova, a gente meteu 3 a 0. No domingo teve um Ba-Vi, a gente meteu quatro no Bahia, 4 a 0. Tinha aquele negócio do gol do *Fantástico*, o programa escolhia o gol mais bonito da rodada. Eu driblei o Rodolfo Rodríguez, goleiro, driblei a zaga toda do Bahia. Estava chovendo, eu fui de peixinho na torcida do Vitória pra comemorar. Os holandeses, então, falaram:

— A gente veio pra comprar um atacante, mas a gente gostou do moreno, do moreno.

Aí o Paulo Carneiro falou:

— Não, leva o moreno e o atacante, que bom é o atacante.

— Não, nós gostamos dele, o moreno. Ele tem o perfil do Rijkaard, um dos grandes craques da Holanda na década de 1980, a gente quer levar ele.

E o Paulo Carneiro insistindo:

— Não, não. Leva o loirinho também, que ele joga muito bem, pô!

Ele queria vender o Alex Alves de qualquer jeito. Na verdade, ele queria era vender o pacote todo. Só que o Palmeiras também queria me comprar, e também o Alex Alves e o Paulo Isidoro. O Cruzeiro já tinha levado o Dida, goleiro. O Rodrigo, lateral, tinha ido pro Bayer Leverkusen, da Alemanha. Eu acabei indo mesmo pro PSV Eindhoven e o Alex Alves e o Paulo Isidoro vieram pro Palmeiras junto com o Dedimar. Depois o Júnior veio pro Palmeiras também. Todo mundo daquele time saiu. Tudo assim, em questão de semanas, uma semana de um pra outro. Desmontou todo aquele time. O Vitória sempre vende muitos jogadores. Ninguém nem tinha carro ainda, a perua do Vitória passava e levava a gente pra treinar. E eu, que ia treinar de bermuda *jeans*, camiseta e tênis, de repente tive que ir lá pra Holanda pra fazer os exames médicos. De terno e gravata.

5

A Holanda de
Vam...peta

O mundo é foda. Eu cheguei em 88 no Vitória e seis anos depois, em 94, já estava indo para o futebol holandês, pro PSV Eindhoven. Onde tudo é “van”, né? Van der Saar, Van Bommel... Não tem o Marco van Basten? Então, eu quis acompanhar e virei o Marcos Vam... Peta!!!

Por causa disso, o Valencia, da Espanha, até quis me contratar, depois que já tinha um tempo que eu estava jogando na Holanda. Já estavam pra fechar o contrato quando viram que eu, apesar do nome começando com “van”, não era holandês, não: era brasileiro. Aí, desfizeram o negócio e acabaram comprando o Angloma, um lateral-direito da seleção francesa que era da Inter de Milão.

* * *

Pra ir pra Holanda, o PSV me pagou passagem de primeira classe. Imagina só: a gente aqui no Campeonato Brasileiro só andava de classe econômica, de Transbrasil. Pra chegar em São Paulo, pingava em tudo quanto era lugar. Se ia fazer um jogo em Belém do Pará, parava em Fortaleza, parava em Recife, parava em Sergipe... pinga-pinga. Saía ao meio-dia, chegava a Belém às cinco horas da tarde, às oito horas da noite... Só com aquele lanchinho no estômago.

Eu indo pra Holanda, dentro do avião, na primeira classe. Aí vem a aeromoça:

— Caviar ou lagosta?

Pensei: “Esse caviar aí eu não sei que porra é, não. Vou comer é lagosta, que lagosta é camarão. E camarão a gente come direto, né? Lagosta é um camarão maior”.

Dali em diante, ficava sempre com medo de comer caviar. Não faz muito tempo isso, tem só uns seis ou sete anos que eu fui saber o que é caviar. São umas ovas, você come com torrada. E eu achando que era uma coisa de outro mundo. Olha quanto tempo levou isso aí.

* * *

Chegando lá na Holanda, fiz os testes no PSV Eindhoven. Nos exames médicos não deu problema nenhum. Assinei contrato de três anos e à noite eles me levaram pro estádio pra ver um show de Eros Ramazzotti e Laura Pausini. Falei: “Caraca, que porra é isso aí?” Eu nem sabia quem eram Eros Ramazzotti e Laura Pausini. Na Bahia, só tinha Margareth Menezes, Carlinhos Brown, Daniela Mercury, Chiclete com Banana. Ivete Sangalo nem estava chegando, Ivete era da Banda Eva, ainda. Eu digo: “Caraca, o que eu vim fazer aqui...”.

Faço os exames, o PSV me dá mais dez dias de folga. Volto pra Bahia, me despeço dos meus companheiros lá no Vitória, fico dez dias em Nazaré. Depois, volto pra Holanda e aí conheço um padre lá pra me dar aula de holandês. Ele falava português porque viveu vinte anos em Belém do Pará. Botaram ele pra dar aula pra mim, pro Ronaldo, pro Marcelo Ramos, que chegou depois. Ele deu aula de holandês pros brasileiros todos que passaram por lá. Ainda é vivo, eu acho, o nome dele é Cosbutti. Era chamado de Tiago aqui, Padre Tiago, mas lá na Holanda era Cosbutti. Ele fez o batizado dos filhos do Romário lá na Holanda e tudo.

Eu morava em um hotel e todo dia esse padre me pegava pra levar pra uma escola. Eu ficava das oito da manhã às oito da noite aprendendo holandês, pra quando os outros atletas voltassem da Copa do Mundo de 94 eu já saber falar alguma coisa. Eles tinham essa preocupação.

Chegava meio-dia, pra comer vinha sopa, pão com tomate, cebola. Porque não tem almoço na Holanda, não é costume deles. À noite, sim, tem um prato quente. No primeiro mês lá foi todo dia isso. Eu ligava pra minha mãe, a ligação cara pra caramba. Ligava na casa da vizinha, que tinha telefone, mandava chamar minha mãe e falava:

— Puta que pariu, mainha! Ó, aqui não tem comida não, aqui é só pão e não sei o quê.

E minha mãe falava:

— Segura, tem que ficar aí.

Afinal, eu ganhava oito mil dólares. Estava ganhando duzentos e cinquenta URVs, oito mil dólares em 1994. Oito mil dólares já é dinheiro pra caramba hoje, imagina em 94... Pelo contrato, eu tinha direito a um carro. Era um Vectra. Mas eu não tinha carteira. Então, eu pegava meu CPF e botava minha foto. Se a polícia me parasse, não sabia o que écarteira de brasileiro, mesmo...

* * *

Cheguei à Holanda no tempo em que jogador, antes de ir pra Europa, tinha que começar no eixo Rio-São Paulo. Jogava primeiro no Corinthians, Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, Santos, Palmeiras ou São Paulo, pra só depois poder chegar na Europa. Eu não: fui direto do Vitória pro PSV. Na Bahia, morava no alojamento do clube e pra treinar botava uma bermuda, um tênis, uma camiseta, por causa do calor. Na Holanda, primeiro mundo, era tudo diferente. Os caras iam treinar de terno e gravata.

No Brasil eu já era escolado, com dezoito anos tinha disputado dois Brasileiros. A gente já tinha ido a São Paulo, Rio, conhecido o Brasil todo. Mas eu nunca tinha ido pra Europa. Antes de chegar na Holanda, fui no máximo ao Equador e ao Peru, com o Vitória, fazendo excursão. Fui também pra Senegal, na África, em uma excursão do tipo “Itamar Franco”. É que o Palmeiras, campeão brasileiro, não quis ir e falou: “Vai o vice”. Pra nós, do Vitória, era festa ir pra África.

* * *

Fui aprendendo holandês. À noite, no hotel, queria jantar, apontava no cardápio e vinha o que eu comi ao meio-dia: pão, tomate, cebola, abacate. Puta que pariu! Não sabia falar nem inglês nem holandês. Eu, burro, em vez de marcar o que tinha pedido pra não pedir de novo, no dia seguinte acabava repetindo o mesmo pedido. Cheio de fome, não saía do hotel, não conhecia nada.

Acostumado a comer moqueca de peixe, rabada, feijoada, galinhada, essas comidas pesadas, eu perguntava pro padre que me ensinava holandês: “Como é que eu faço pra comer uma carne, um frango?”. Pedia pra ele chegar lá no cardápio, escrever num papel e deixar o papel comigo. Ele até escrevia, mas só que quando ia embora esquecia de me dar o papel, acabava levando junto com ele (o padre já tinha setenta e poucos anos). Aí, eu chegava lá no hotel, pegava um papel, desenhava um frango, desenhava um boi, desenhava um montinho de arroz. O cara ria e aí trazia um bife com arroz. Falei: porra, vou comer *pizza*. *Pizza* é igual no mundo todo. Fiquei quase um mês comendo *pizza*, até falar holandês e morar num apartamento.

A gente também ia pra um restaurante italiano que o Romário frequentava muito, porque a primeira coisa que se faz, pra se sentir seguro, é procurar uma língua latina. Depois, eu conheci um italiano chamado Domenico e dois espanhóis, António e Gilberto. Um era dono de um restaurante italiano e os outros dois, de um restaurante espanhol. À noite, eu só ia pra esses dois restaurantes e passava sempre bem. São lugares tradicionais em Eindhoven, todo mundo vai, todo mundo conhece.

* * *

Dali a pouco termina a Copa do Mundo, o Brasil elimina a Holanda na semifinal (lá, todo mundo de laranja...) e os jogadores holandeses voltam. O PSV tinha também um sueco, um romeno, três belgas, isso no meu primeiro ano lá. Ronaldo chegou logo depois de mim. Não tinha esse negócio de União Europeia como hoje, só podiam jogar dois estrangeiros. Mas na pré-temporada a gente foi fazer um jogo contra o Barcelona e aí podia jogar todo mundo. E eu estou vendo o Stoichkov, búlgaro, e o Laudrup, dinamarquês, combinando uma jogada ensaiada em espanhol. Só que eu estava ligado na parada. Toda hora roubava a bola e os caras

não entendiam nada. Depois, o Romário, que na época também estava no Barcelona, falou pros caras que eu era brasileiro, por isso estava entendendo tudo o que eles falavam.

Nessa mesma pré-temporada que o PSV fez na Espanha, eu não sabia o que era aquele prato grande que os espanhóis chamam de *suprá*, *suplá*... sei lá [*sousplat*]. Pensei: “Pô, aqui deve ser diferente. O prato deve ser maior pra ninguém repetir, então vou cair pra dentro”. Peguei aquele pratão e enchi com tudo. Botei feijão, arroz, galinha... Enchi aquele prato e sentei na mesa do lado de Boudewijn Zenden, Phillip Cocu, Jaap Stam, aqueles craques todos da Seleção Holandesa. Os caras só olhando pra mim. Depois que vim a perceber que aquele prato era pra você botar o outro prato por cima. Era a base. E eu achando que era o prato pra colocar a comida. E os jogadores dando risada, o Dick Advocaat, que era o treinador, todo mundo morrendo de rir.

* * *

Ainda na Holanda, eu também joguei três meses emprestado no VVV Venlo, da segunda divisão holandesa, a *Eredivisie*, como eles falam por lá. Um clube que se dá muito bem com o PSV: são três “vês” (de Venlose Voetbal Vereniging, que em português quer dizer União de Futebol de Venlo) mais o nome da própria cidade, Venlo, que fica a uns oitenta quilômetros de Eindhoven. Com o término do Campeonato Holandês da primeira divisão, me falaram: “Antes de você sair de férias, joga seis partidas pelo Venlo”. Como podia emprestar, eu fui. Quase a gente sobe pra primeira divisão.

Foi muito rápido. Eu morava em Eindhoven e só ia lá pra treinar e jogar. Seis joguinhos, jogo rápido. O pessoal tinha o maior carinho por mim. Primeiro, porque você chega com *status* de jogador do PSV. Mesmo não sendo titular, mas vem de um time grande, porque Ajax, Feyenoord e PSV são os três clubes grandes da Holanda. Eles perguntavam do Ronaldo, mas me entendiam pouco. E eu não entendia nada do que o pessoal de lá falava.

Em Eindhoven eu já entendia todo mundo. Em Amsterdã eu também entendia. Ia a Roterdã e entendia. Mas em Venlo não entendia nada. Então, pensava assim: “Caralho, eu tô estudando, volto lá pra Eindhoven e entendo tudo, aqui eu não entendo nada...”. Perguntei isso pro padre que me dava aula, e ele me explicou que, como os caras estão mais perto da Alemanha, então eles usam mais o sotaque alemão do que o holandês. Lá era mais Alemanha do que Holanda. Hoje, eu sei falar e sei ler em holandês, só não sei escrever. Também... Pra quê? Eu não ia mandar carta pra ninguém de lá, mesmo...

* * *

No fim, ficaram no PSV três belgas, eu e o Ronaldo. Mesmo assim, pelo regulamento da época, só podiam jogar dois estrangeiros. Eu até podia ficar no banco, mas só podia entrar se fosse no lugar de um dos dois. E eu, de cabeça de área, não ia entrar nunca no lugar do Luc Nilis, que é um dos maiores jogadores da história da Bélgica. O cara foi um dos maiores que eu vi jogar, também, junto com Ronaldo. Se perguntar pro Ronaldo Fenômeno, ele fala que o Luc Nilis foi o melhor atacante que jogou com ele. O que o Ronaldo e o Luc Nilis faziam... Porra, faziam chover! Aí eu ficava no banco sempre.

Nisso, saí do hotel, fui morar num condomínio só de jogadores solteiros. Aí eram os caras, os holandeses, que passavam em casa, me pegavam e me levavam pra escola depois do treino. Lembro que tinha um lateral-direito que se chamava Geoffrey Prommayon, que a gente chamava de “Geff”. Ele nasceu na Tailândia, mas vinha do Suriname e falava holandês. Esse cara era um dos maiores amigos que eu tinha no grupo. Quando eu cheguei lá, no primeiro ano, era ele que me levava pra sair em Eindhoven. Íamos pra boate, saíamos pra dançar. E ele só falava isso, pra mim e pra mulherada, durante a noite toda:

— Marcos Brasil... Geff Suriname.

Mas ali, na Holanda, eu ainda era muito mocinho, tinha só dezenove anos. A malandragem eu peguei toda em São Paulo, quando vim para o Corinthians.

6

Tricolor
por um ano

Quando a lei dos jogadores estrangeiros estava pra mudar, considerando todos os europeus como “comunitários”, vem o Fluminense, do Rio, e me contrata por empréstimo. Cheguei ao Tricolor (carioca, é claro!) na época da final do estadual de 95, quando o Fluminense foi campeão contra o Flamengo, com um gol de barriga de Renato Gaúcho. Depois, joguei o Brasileiro todo. Chegamos na semifinal, metemos quatro no Santos, no Maracanã, mas tomamos cinco no Pacaembu. Na volta foi 5 a 2, três gols de diferença que mataram a gente. No Rio ganhamos de 4 a 1 e em São Paulo perdemos de 5 a 2. O time tinha o Emerson no gol. Aí vinha Ronald, lateral-direito. Na zaga, Sorlei e Lima. Lateral esquerdo, Cássio. No meio-campo, eu, Otacílio, Aílton e Rogerinho. No ataque, Renato e Valdeir. Pelo Flu, joguei mais um Carioca e voltei pra Holanda. Mas deu tempo de colecionar algumas histórias.

* * *

Jair Pereira foi meu treinador no Fluminense. Ele chegava no treino e a primeira coisa que fazia era dar um bico na bola, pra cima, pra tentar dominar quando ela caía. Se ele dominasse bem a bola, era sinal de que o treino seria bom. Se dominasse mal, seria uma merda. Pura superstição.

Era um jogo amistoso entre o Fluminense, campeão do Rio em 95, em cima do Flamengo, com aquele gol de barriga do Renato Gaúcho, e o Fast, do Amazonas, em um domingo à tarde, em Manaus. Um sol quente da porra. O Jair Pereira dava a opção aos veteranos do time — Ricardo Rocha, Renato Gaúcho — de jogar ou não em partidas festivas como aquela. Olhando o adversário se aquecer, o Ricardo Rocha, zagueiro tetracampeão mundial pela Seleção Brasileira, em 94, viu um camisa 9 bem acima do peso e falou:

— Ah, aquele centroavante ali, hoje, é moleza. Eu quero jogar, sim.

Começa o jogo com o estádio lotado e uma correria danada do centroavante gordinho pra cima do Ricardo Rocha, que de dentro do campo gritava pro técnico:

— Jair, me tira! Me tira que ele corre muito! Eu esqueci que cavalo também tem barriga e corre...

Mais engraçado ainda era ouvir o Jair respondendo pro Ricardo Rocha:

— Não... Agora você vai ficar aí sofrendo. Não foi você que pediu pra jogar?

* * *

O Fluminense contratou um zagueiro chamado Frei, um cara que foi do Rio Verde, de Goiás, e morava junto comigo no Lux Hotel, no Leme. Como eu tinha um Corsinha, dava carona pra ele. A gente ia treinar junto nas Laranjeiras. Só que nos coletivos o Frei era do time reserva e dava porrada pra todo lado. Em uma sexta-feira (a gente estava indo pro coletivo pra enfrentar o Bahia no domingo), eu falei pra ele:

— Você tá dando muita porrada no Valdeir, o “The Flash”, e no Renato Gaúcho. Eles são os nossos dois principais atacantes. Olha que você vai *sefuder*...

Mas ele me respondia:

— Eu sou xerifão, né, Vampeta? Onde eu jogo eu meto a porrada, mesmo. Comigo não tem esse negócio que é Renato Gaúcho, que é Valdeir, não.

E eu insistia:

— Mas agora você tá vindo pra um time grande. Não quer ficar? Já pensou se machuca o Renato Gaúcho? Nem no banco você vai ficar.

E ele retrucava:

— Eu meto a porrada em todo mundo mesmo, não tem essa. O único cara em quem eu não

bati em minha vida foi no Cláudio Adão.

Aí eu quis saber:

— No Cláudio Adão? E por que você não bateu no Cláudio Adão?

E ele explicou:

— É que o Cláudio Adão jogando... Porra, que nego cheiroso!!! Quando ele disputou o Campeonato Goiano, eu chegava perto dele pra dar uma pancada, mas aí sentia aquele perfume gostoso, via a educação dele e não conseguia dar uma porrada no Cláudio Adão. Ficava com aquele odor dele no nariz e quando olhava a bola só na rede, e ele só marcando. Ele fazia o gol e deixava o aroma. Que nego cheiroso! Foi o único que eu não bati na minha vida...

* * *

Fomos jogar um Fla-Flu e o nosso técnico era o Jair Pereira. O Joel Santana tinha saído do Fluminense e ido justamente pro Flamengo. A dupla de zaga do Flamengo era Júnior Baiano e Ronaldão, olha só. Na preleção, Jair Pereira perguntou:

— Quem vai marcar o Júnior Baiano?

E a dupla de zaga do Fluminense era Ricardo Rocha e Lima. O Jair insistiu:

— Quem vai marcar o Júnior Baiano na bola parada?

O Ricardo Rocha falou:

— Eu marco a bola.

O Lima também falou:

— Eu marco a bola.

E o Jair Pereira:

— Pelo amor de Deus, meus dois zagueiros estão com medo de marcar os zagueiros do Flamengo! Nós vamos ganhar como???

Só que tinha um peruano no Fluminense chamado Percy Olivares, da Seleção Peruana. Aí alguém sugeriu:

— Bota o peruano pra marcar o Júnior Baiano!

O Jair Pereira reagiu:

— Ô, caralho! Vocês tão é querendo jogar a bucha pra cima do peruano. Tem que vir alguém lá de trás!

O Renato Gaúcho, que até ali só estava ouvindo, não aguentou:

— Vocês tão de sacanagem... Bota o Vampeta, então!

Justo eu, que na época era magrinho, franzino. Aí alguém falou:

— Não, o Vampeta também não. Bota o Otacílio.

O Jair Pereira tentou botar um ponto final na discussão:

— São os meus dois zagueiros que vão marcar. Um marca o Júnior Baiano e o outro marca o Ronaldão.

Aí o Ricardo Rocha falou:

— Ô, Jair. Eu sou bom é pra acompanhar a bola, deixa o peruano marcar o Júnior Baiano.

No fim, fomos pro Maracanã sem decidir quem marcava o Júnior Baiano.

* * *

Eu já tinha jogado Ba-Vi, enfrentado AjaxvsPSV, que são grandes clássicos, e agora disputava o Fla-Flu. A torcida do Fluminense chamava meu nome, do Otacílio, dos caras que eram ídolos, como o Renato: “Oba, oba, oba, Renato chegou... Trazendo alegria pra galera tricolor...”. E tinha o Baixinho, também, lá no Flamengo, o Romário no ataque. A torcida vinha: “Olelê, olalá, Romário vem aí, o bicho vai pegar...”. Depois o mundo dá voltas, eu vou parar no Flamengo. E a torcida do Flamengo quando pega no pé de alguém é foda. Mas em coreografia não tem igual.

Quando a gente entrou pra jogar aquele Fla-Flu, eles começaram a gritar o nome de um por um. Do Gilmar, goleiro, ao ponta-esquerda. Aí chegava no nome do Ronaldão e a torcida

falava: “Ronaldão é mau, pega um, pega geral!”. Chegava no Júnior Baiano, e a torcida: “Júnior Baiano é mau, pega um, pega geral!”.

Olhando aqueles dois negrões se aquecendo, suando, o Valdeir, que era nosso atacante, falou pra mim:

— Olha, com esses dois caras aí, dá a bola pro Renato. Mas não manda ela em mim, não...

* * *

Como o coletivo era à tarde, de manhã o que é que eu fazia? Eu ia pra Ipanema umas dez horas, ficava de manhã na praia e quando dava três horas ia pro treino, que começava às quatro. Mas eu chegava antes pra descansar um pouquinho e tomar banho no clube. Tinha um roupeiro no Fluminense que era um cara que todo mundo no Brasil conhecia, porque foi a três Copas do Mundo: o Ximbica. E ele sempre me falava se referindo a outros jogadores baianos como eu que haviam passado pelo clube:

— Baiano, cuidado, baiano... Bobô passou por aqui e não fez isso, era inteligente. Luís Henrique, muito inteligente, também não fez isso. Se você continuar assim, vai morrer de fome; se você continuar assim, vai ficar pobre... Não segue os caras, porque o Rio é foda. O Rio é foda...

Ximbica estava certo. Passar a manhã toda naquele sol e ir treinar, mesmo tendo vinte anos, cheio de saúde, não dava. Resolvi seguir os conselhos dele.

* * *

7

Corinthians,
minha história

O Corinthians é incrível. Você tem um respeito por ele muito grande quando é adversário. O Corinthians é temível. Joguei contra ele com a camisa do Vitória, do Fluminense, do Flamengo, do Brasiense e sei do que estou falando. Só que quando você está no Corinthians sabe que isso o torna mais forte e acaba virando corinthiano. Veja o caso do Ronaldo Fenômeno: passou a vida toda declarando amor ao Flamengo e hoje todo mundo sabe que ele é Corinthians.

Eu, quando vim para São Paulo, não tinha clube paulista, mas comecei a me envolver com o Corinthians. Você começa a criar rivalidade, mesmo, com os outros clubes. A minha história hoje é toda identificada com o Corinthians. Por onde eu passo, é só Corinthians, Corinthians, Corinthians... Quando eu percebi isso, falei: não jogo no São Paulo, não jogo no Santos, não jogo no Palmeiras. Nem pensem em me contratar, já vou logo avisando. Foi no Corinthians, também, que eu vivi a maioria das minhas melhores histórias.

Eu estava jogando o Campeonato Holandês quando vem o Banco Excel, me compra e me traz pro Corinthians. Tinha acabado de renovar contrato no PSV por mais três anos, ganhava vinte e cinco mil dólares. De oito eu fui pra vinte e cinco! Vim pra cá ganhando o mesmo salário, vinte e cinco mil reais (na época, o real valia praticamente o mesmo que o dólar), assinei um contrato de três anos. Eu estava de férias na Bahia, vim passar Natal e Ano-Novo e no dia 3 de janeiro teria que voltar. Mas aí surgiu a negociação e eu já fiquei aqui no Brasil, mesmo. Só tive que ir à Holanda pra pegar minhas coisas.

* * *

Em 97, o Corinthians quase caiuno Brasileiro, o pessoal me falou que a torcida até invadiu o ônibus dos jogadores e não sei mais o quê. Aí me perguntavam: “Pô, o que você vai fazer no Corinthians? Tá tão bem na Holanda!”. Eu também estive pra ir pro Valencia, da Espanha. Mas eu pensava comigo: “Se jogar bem nesse Corinthians aí, eu vou pra Seleção, é certeza”. Falava isso pros meus amigos lá em Nazaré. Na Ilha de Itaparica, estava na praia e falava pros caras: “Eu vou chegar na Seleção”. As minhas histórias sobre o Corinthians, aliás, começam nessa fase ruim do time, antes mesmo de eu chegar. Quem me contou essa foi o Gilmar Fubá, que já estava jogando lá.

Diz que no Brasileiro de 97, quando o Corinthians jogou contra o Santos lá na Vila e perdeu, eo ônibus com os jogadores estava subindo a serra de volta pra São Paulo, a torcida da Gaviões apedrejou tudo. Isso foi num domingo. Na segunda-feira à tarde, o técnico, que era o Joel Santana, reuniu os jogadores pra falar mal do presidente, Alberto Dualib, do Nesi Curi e do Nei Nujud, que eram da diretoria:

— Ó, a culpa do Corinthians tá nessa situação não é de vocês, jogadores, não.

Nisso, estão vindo o Nesi, o Dualib e o Nei atrás dele. E os jogadores fazendo sinal pro Joel não falar mal da diretoria. O Gilmar, o Marcelinho, o Rincón, todo mundo deu um toque nele. Que emendou:

— A culpa é da diretoria, que contratou esses jogadores *estudo ruim*...

* * *

Na minha apresentação tocou a tradicional sirene do Parque São Jorge. Chegamos eu, o Marcelinho e o Gamarra. Só que eu cheguei pelo Banco Excel. O Gamarra eu não sei se chegou pelo Banco ou se veio emprestado do Benfica. O Marcelinho, de volta do Valencia, da Espanha, trazido com o dinheiro de uma promoção via telefone, o Disk-Marcelinho. Fomos pro Parque São Jorge, os três juntos, para sermos apresentados. Só que o Gamarra já tinha jogado

na Inter, já era um jogador da Seleção Paraguaia. Marcelinho era o ídolo do Corinthians, já com história no Brasil. Eu, dos três, era o mais anônimo. Mas do apelido, pelo menos, todo mundo gostava, e a parada foi dando certo, foi dando certo, foi dando certo...

Quando cheguei ao Corinthians, tinha o Rodrigo, lateral-direito, que é baiano e jogou comigo no Vitória. O Índio, que veio do Vitória pro Corinthians. E o Edílson, que também era baiano, mas já era um cara de sucesso, de Seleção e tudo. Eu não tinha essa amizade toda com o Edílson, só havia encontrado com ele algumas vezes, na Bahia, jogando bola na praia com Marcelo Ramos, Dida, Cristóvão, Júnior Baiano, Oséas. Só que Edílson sempre foi o mais marrentinho, fui pegar essa amizade com ele aqui no Corinthians. E Edílson toca cavaquinho, gosta muito de pagode, na Bahia tem trio, tem um bloco de Carnaval com 6 mil foliões. Tudo isso nos aproximou.

O técnico era o Vanderlei Luxemburgo, que já havia me indicado para o Santos em 97. Mas o Santos não tinha dinheiro. Ele vem pro Corinthians em 98 e me indica novamente. No Campeonato Holandês, o Vanderlei me viu jogar de lateral-direito, pela ESPN Brasil. Fui até escolhido como o melhor da posição naquele campeonato, só que eu nunca fui lateral. Sempre fui cabeça de área, primeiro homem, segundo homem de meio-campo. É que lá, quando todos os jogadores europeus passaram a ser “comunitários”, só fiquei eu de estrangeiro, e aquele era o único lugar no time. Além disso, também estava sabendo que o Mauro Silva e o Dunga não queriam mais nada com a Seleção, estavam abertas duas vagas nessa posição. Por isso, eu queria jogar como volante. São coisas que os caras hoje em dia não analisam mais, mas eu analisava.

Eu já estava com esse pensamento de falar pra ele que não era lateral, mas achei melhor deixar acontecer a negociação primeiro. O Antonio Mello, que era preparador físico do Vanderlei, foi meu preparador no Fluminense, quando fui emprestado pelo PSV Eindhoven e a gente chegou à semifinal do Brasileiro. Na época, ele trabalhava com o Joel Santana. Pensei: “O Mello me conhece, já foi preparador físico no Bahia, já me viu jogando no Vitória, já foi meu preparador físico no Fluminense. Eu vou chegar no Corinthians e dizer que nunca joguei de lateral, os caras me improvisaram lá porque era o único espaço que tinha pra mim no PSV...”.

No meu primeiro jogo, contra o Palmeiras, em Ribeirão Preto, me botam pra jogar de lateral. Em dezembro, eu tinha jogado pela Liga dos Campeões, contra o Dínamo de Kiev, sob uma temperatura de cinco graus abaixo de zero. Em Ribeirão, estava 40 graus. Fiz a pré-temporada pro Campeonato Paulista ainda como lateral. Lembro que a gente estava em Serra Negra quando eu cheguei pro Vanderlei em um dia, no treino, e falei:

— Vanderlei.

— Fala, Negão (ele sempre me chamou de Negão).

— Vanderlei, deixa eu jogar de cabeça de área. Eu jogo bem de cabeça de área, não jogo de lateral-direito. Joguei três anos e meio assim na Holanda porque era o único espaço que tinha pra mim e porque os dois volantes do PSV eram da Seleção. Quando os dois não jogavam, eu é que jogava de volante.

O Vanderlei respondeu daquele jeito dele:

— Como é que é?

Só que eu sempre tive muita personalidade:

— É, é isso mesmo que eu tô te falando. Você me contratou porque você me viu jogando...

— ... eu te vi de lateral, caralho!

— Você me viu de lateral lá, mas você não via todos os jogos. Eu jogava de volante, também. Quando o Jonk ou o Cocun não jogavam, quem jogava era eu, cara. De volante. E o Mello aí, ó, seu preparador físico, trabalhou comigo no Fluminense. Sabe que eu sou volante. E você também já me conheceu de volante, que eu já te enfrentei várias vezes no Campeonato Brasileiro jogando de volante, pô!

— Mas o time tá precisando de lateral-direito, porra!

De fato, no meio-campo do Corinthians, as opções eram Marcelinho Paulista, Fábio

Augusto, Gilmar Fubá e Rincón. Só que o Rincón ainda não jogava de volante, ele era mais na frente, mais meia. Já os laterais eram só o Rodrigo e o Índio, ainda subindo dos juniores. Mesmo assim, eu insisti:

— Faz um teste comigo, bota eu de volante nesse jogo aí e bota o Fábio Augusto de lateral-direito. Se eu fizer merda, você me tira.

— Como é que é?

— É isso aí, se eu fizer merda, você me tira.

Era um jogo contra a Ponte Preta. Então ele falou:

— Então faz sua merda no meio.

E jogou a camisa pra mim.

Aí, o meio-campo ficamos eu, Gilmar Fubá, Rincón e Marcelinho. O Fábio Augusto foi pra lateral direita. Foi um amistoso, um jogo-treino. E olha, eu acabei com o jogo. O Mello, que sempre foi meu amigo, deu uma força:

— Vanderlei, faz isso que ele tá falando, que com esse menino a gente chegou na semifinal do Brasileiro com o Fluminense. Você precisa ver o fôlego que ele tem, o que ele faz no meio-campo.

— Porra, Mello, mas eu contratei ele para a lateral direita...

— Confia no que eu tô te falando.

Aí o Mello veio e me falou:

— Agora, faz o que tu sempre fez.

O Mello tem uma parcela muito grande na minha carreira, na minha chegada no Corinthians. Eu nunca contei isso pra ninguém, mas foi bom eu poder contar agora.

* * *

Começa o Campeonato Paulista e eu também começo a arrebentar jogando no meio-campo. Depois que chegou o Ricardinho, ficou melhor ainda. Aí o Gilmar é sacado do time titular e o Rincón vem pra trás. Chegamos na final do Paulista, ganhamos o primeiro jogo do São Paulo, 2 a 1. Aí o Raí é inscrito e joga só a segunda partida. Como a gente ganhou a primeira e o lado esquerdo do São Paulo era Denilson e Serginho, e o Rodrigo não foi muito bem no primeiro jogo, o Vanderlei me falou:

— Negão, quebra essa pra mim, joga essa de lateral-direito que nesse jogo o empate é nosso.

Eu fui pra lateral direita, pra marcar o Serginho e o Denilson, mas acho que a gente perdeu aquele campeonato por causa disso. Desmanchou o meio e botou o Romeu pra marcar o Raí. Aquela incumbência era pra mim ou pro Rincón, mas o Vanderlei botou o Romeu. A gente perdeu de 3 a 1, o Raí fez um gol e o França dois. O Vanderlei mandou o Romeu embora depois disso. Recebi uns troféus como o melhor volante do Paulista, disputei pra ver quem foi o melhor jogador do campeonato.

Começa o segundo semestre, o Brasileiro, volto pro meio, joga o Índio de lateral. O Vanderlei fica revezando, nós somos campeões brasileiros. Ganho a Bola de Prata da revista *Placar*, ganho todos os prêmios que se podiam ganhar. O Vanderlei assume a Seleção Brasileira em 99, depois da Copa de 98, e me convoca pela primeira vez.

Sobre aquele Paulista de 98, o primeiro campeonato que eu disputei pelo Corinthians, tenho, ainda, mais uma história engraçada para contar. Nós fomos fazer um clássico contra o Palmeiras, que estava 0 a 0. Córner pro Corinthians, o Marcelinho bate, o Oséas cabeceia e marca um incrível gol contra. Os torcedores devem se lembrar disso.

O jogo terminou 1 a 1, o Oséas fez aquele gol contra lá, todo mundo achou que ele tentou tirar e botou pra dentro. Ele achou que estava atacando, né? Eu vou pra Bahia e minha mãe mora no subúrbio de Salvador. O Oséas mora lá também. Aí encontrei com ele e falei:

— Ô, Oséas, e aquele jogo lá? Deu branco em você? Você foi tirar a bola e acabou botando pra dentro? Você achou que tava atacando quando o Marcelinho bateu o córner?

E ele só falou:

— Vampeta, o pior de tudo não foi ter feito o gol contra em um clássico Corinthians e Palmeiras, com o Morumbi lotado. O pior foi olhar pro Gamarra e ver ele falar assim pra mim: “Coitado...”.

* * *

Aí a gente ganha o Brasileiro de 98. Depois, em 99, no Paulista, Corinthians campeão em cima do Palmeiras. Começa a Copa América, eu ganho a Copa América pela Seleção. Em 99, volto da Copa América e sou bicampeão brasileiro. Dali a pouco começa a gozação do porco, do gambá (a gente é gambá, né?). A história fala que o grande rival do Corinthians é o Palmeiras. Eu, em 98, 99, pode ter certeza de que tinha muita raiva do Palmeiras, que era um time do caralho, pra ganhar deles era foda. Eu perdi duas Libertadores pro Palmeiras e um Brasileiro pro Santos. O que me conforta, além da rivalidade, é que eu perdi pro Marcos, pro César Sampaio, pro Zinho, pro Alex, pro Evair, pro Arce, pro Júnior, lateral-esquerdo, pro Júnior Baiano, pro Roque Júnior, pro Rogério, pro Oséas, pro Felipão... Você olha e diz assim: caralho, olha o time dos caras! É todo mundo da Seleção Brasileira. Tinha até mais qualidade que o Corinthians. Só que também no meio-campo eu, Rincón, Ricardinho e Marcelinho fazíamos chover. Com o Edílson e o Luizão na frente, Dida no gol... Então, são jogos memoráveis em que o Palmeiras ganhava uma, a gente ganhava a outra.

Em 99, na final do Paulista, eu e o Edílson tivemos um problema sério com o Felipão, que treinava o Palmeiras. O Palmeiras ganhou a Libertadores eliminando a gente, tirou a gente nos pênaltis, nas quartas de final. Só que na semana seguinte era o Campeonato Paulista, a final também, contra o Palmeiras. Eles entraram em campo com cabelo pintado de amarelo, rosa... No primeiro jogo, eu dou um carrinho no Tadei, o juiz não dá falta, eu levanto a bola, meto no Marcelinho, o Marcelinho cruza e o Edílson faz 1 a 0. Depois, Corinthians 2 a 0, Corinthians 3 a 0. A gente tinha perdido a Libertadores pros caras, estava engasgado. Aí eu tô saindo de campo, Felipão vem atrás de mim, me dá um tapa nas costas e fala:

— O que é teu tá guardado, tchê!

Olhei pra ele e falei:

— Ó, vai tomar no teu cu. E manda teu time treinar pra caralho, que agora, pra ser campeão paulista, vocês vão ter que ganhar de quatro.

Naquela mesma semana, o Felipão começou a falar que ninguém dava uma “chegada” no Edílson, que o Vampeta faz o que quer dentro de campo. Alguém gravou isso e botou na mídia, aí deu uma repercussão da porra. Eu e Edílson, a gente combinou de sacanear o Palmeiras. Afinal, eles tinham que ganhar de quatro pra ser campeão. Foi aí que Edílson disse:

— Ó, então eu vou atravessar o campo fazendo embaixadinha.

O Dinei falou:

— Não, mete o lenço da Feiticeira ou o chicote da Tiazinha (duas mulheres gostosas que estavam fazendo muito sucesso na TV naquela época).

Mas o Edílson insistiu:

— Não, não... Eu vou atravessar o campo fazendo embaixada, mesmo.

Quer dizer: foi tudo combinado. Depois que empatamos por 2 a 2, com o título garantido, o Edílson fez as embaixadas. Aí o pau fechou e o Felipão guardou aquilo até nos convocar pra Copa do Mundo, em 2002.

* * *

Ainda em 99, eu lembro que na convocação da Seleção pra Copa América, quando eu cheguei lá em Foz do Iguaçu, no Paraná, estava Marcos, goleiro do Palmeiras. A delegação toda sentada no restaurante, na hora do almoço, ele levanta quando eu chego e fala:

— Vampeta, muito obrigado. Eu tô na Seleção porque você perdeu aquele pênalti e eu virei São Marcos.

A gente é muito amigo, desde a seleção de base, Seleção Brasileira Sub-20. Dei risada e

pensei: “Um a zero pra ele. Não tem como eu pegar o Marcos agora... Pegar ele em quê? Mas eu ainda peço”. Esperei cinco meses.

Fomos campeões da Copa América juntos. No fim daquele ano, enquanto a gente ganhava o bicampeonato brasileiro, o Palmeiras foi disputar com o Manchester, da Inglaterra, aquele torneio que falam que era Mundial, mas era pra ver quem ganhava um carro. Eles podiam fazer até em Nazaré das Farinhas: bastava botar um carro lá. Falam que é título mundial, mas quem tem título mundial, mesmo, daqueles que a Fifa organiza, é Corinthians, Inter e São Paulo.

Aí eu lembro que o Marcão foi pro Japão. O Giggs cruza a bola, o Marcos sai mal e o Keane vem e faz o gol, 1 a 0 Manchester, Manchester campeão. O Marcos volta pro Brasil achando que a culpa foi dele. Estava chorando, chegou chorando, dizendo que ele queria parar de jogar. E eu digo: “Agora, vou dar a volta no Marcos”. Peguei o telefone, liguei pro Marcão e falei:

— Marcão?

— Fala, Vamp.

— Porra, cara, você tá chateado... Tô vendo aí que você tá falando que vai querer parar de jogar...

— É, tô chateado, falhei no gol. A culpa foi minha, a gente podia ter ganho o Mundial.

— Que é isso, cara? Não fala isso. Você *fudeu* os caras, mesmo, mas não precisa parar de jogar, não.

— Pô, eu pensei que você ia me ligar pra me dar moral...

— Não, eu liguei foi pra falar que você *fudeu* os caras, mesmo. Tchau, Marcão!

E bati o telefone.

* * *

Eu tô lá no Corinthians, no Parque São Jorge — eu, Edílson, Marcelinho, a galera toda —, e dali a pouco aparecem dois caras de terno e gravata, querendo falar com a gente.

— Estamos aqui a mando do César Sampaio, do Evair, do Felipão, e do Zinho, do Palmeiras. Eles mandaram procurar você, Vampeta, o Edílson e os demais jogadores.

— Pra falar sobre o quê?

— Investimentos na Boi Gordo. É bom, os caras do Palmeiras estão fazendo.

A gente pegou o contato deles, ligou pro Sampaio, ligou pro Paulo Nunes e os caras confirmaram:

— É coisa boa, mesmo. O Arce investiu, todo mundo investiu.

Edílson foi o primeiro a investir. Comprou quase um milhão de reais em bois. Eu falei:

— Ó, esse boi aí eu não tô vendo. Fazenda e boi no papel, pra mim, não colam.

Mas o Edílson falou:

— Então eu vou te dar quinze bois de presente.

Depois disso eu criei coragem. Peguei cento e cinquenta mil reais e comprei os bois. Mas tudo no papel, a gente nunca foi na fazenda pra ver. Quando a gente ia fazer churrasquinho no Corinthians, chegava tudo lá com a marca Boi Gordo: talher, copo, dominó, as picanhas, tudo. O Edílson até falava:

— Pô, os caras são feras, mesmo.

Os caras do Corinthians, do São Paulo, do Santos, os jogadores do Brasil todo começaram a investir. Jogador de futebol tem essa mania de quando um faz uma coisa, um passa pro outro. Aí eu vou pro Flamengo, tô vendo o *Jornal Nacional* ouço falar assim:

— Boi Gordo pede concordata.

Falei: “Nossa, o que é isso? Concordata?”. Aí liguei pro Edílson:

— Edílson, o que é isso aí? A Boi Gordo, passou agora no *Jornal Nacional*, pediu concordata?

Aí Edílson falou:

— Vamp, quebrou, estamos quebrados, nossos bois foram pra casa do caralho...

Quebramos eu, Felipão, Edílson, Oséas, Paulo Nunes. Nós ficamos na mão, e os bois foram pelos ares. Os bois sumiram todos, eu só fiquei com o papel. Passam mais uns quatro, cinco

anos, eu vou jogar em Brasília, no Brasiliense, e os caras me aparecem com um investimento de avestruz máster, pra investir em avestruz. Aí eu falei:

—Ó, tô fora. Já tomaram meu boi que eu nem vi, só tô com papel, e agora vocês querem me dar avestruz? Sai fora!

* * *

Mas de 2000 pra cá acho que o grande rival do Corinthians passou a ser o São Paulo. Tanto que eu até brinco: se jogar Palmeiras e São Paulo, eu sou Palmeiras. Se jogar Santos e São Paulo, eu sou Santos. Meu maior rival, hoje, é o São Paulo. Acho que o São Paulo é um clube diferenciado nesse aspecto de contato, eles são mais “meigos”, mesmo, mais distantes. Respeito muito a instituição, acho um grande clube, mas rival é rival.

Todo mundo fala mais é dessa história do Bambi, em relação ao São Paulo: “E o Bambi, Vampeta?”. Eu sempre digo: “Rapaz, acho que essa parada já tinha, já existia. Eu só acordei o gigante que estava adormecido...”. Contra o São Paulo, “os bambis”, pelo Corinthians, eu joguei 23 vezes, só perdicinco. Bati neles até com o Brasiliense, não desmerecendo o time de Brasília, não. E ali dentro do Morumbi, ainda. Uma vez, nós já tínhamos enfrentado Palmeiras, Portuguesa e Santos e no que eu saio do jogo um repórter pergunta: “E aí, Vampeta? Já teve todos os clássicos, agora só falta enfrentar o São Paulo”. E eu falei: “É, só falta enfrentar osbambis”. No dia seguinte eu vejo as matérias: “Vampeta chama são-paulinos de bambis”. Pensei: agora não posso dar pra trás. E falei, do meu jeito: “Ah, mas é uma forma agradável, né? Melhor que pó de arroz. Já tem gambá, que é o Corinthians. Já tem a baleia, lá, o peixe, queé o Santos. O porco, que é o Palmeiras. O São Paulo tem que adotar também algum bicho”.

Lembro que depois eu vinha passando na avenida Sumaré, antes de um jogo Corinthians e São Paulo, e vejo em uma sorveteria Kaká, Júlio Batista, Belletti e Luis Fabiano, se não me engano. Os quatro tomando sorvete. Eu tinha acabado de jogar uma partida de dominó — eu, Edmundo, Djalminha, Cláudio Guadagno —, vou passando com o carro pra ir pra concentração. Já tinha tomado três litros de vinho, cheguei em uma loja de carros ali na Sumaré. Aí, quando eu vou passando, vejo os caras. Dei uma ré e falei:

— E aí, bambis? Domingo é “laço”, viu?

Aí ficou essa história. Mas não fui eu que inventei, não. Acho que esse negócio de Bambi já tinha, eu só acordei o monstro adormecido.

* * *

Em 1999, o Corinthians foi bicampeão brasileiro, e o lateral direito era o César Prates, que revezava na posição com o Índio. Ele veio do Botafogo, do Rio, e andava sempre com *oshort* acima do umbigo. Era muito rápido, veloz pra caramba. Nessa época, o Rincón estava indo pra Seleção Colombiana convocado e eu, Edílson, Marcelinho, Ricardinho, Luizão, Dida estávamos todos na Seleção Brasileira. Tanto que na hora da janta o Rincón falava: “Essa mesa aqui ésó de seleção...”.

A gente estava jantando no restaurante, todo mundo uniformizado, com tudo certinho: meia, calça, camisa, tudo certinho. Chega o César Prates, vindo do futebol carioca, sem meia, de sandália havaiana. Aí a gente teve que falar pra ele:

— Ô, fera, aqui não é Rio, não. Já viu como todo mundo tá vestido? Aqui tem que andar todo mundo igual.

Aí ele olhou em volta, se sentiu todo diferente e falou:

— Ah, desculpa.

Voltou pro quarto, botou tênis, meia, desceu e falou:

— Agora eu posso sentar na mesa de vocês?

— Aqui todo mundo é companheiro, pode sentar.

Chegou logo pro Edílson, que era o mais marrento, e perguntou:

— Pô, eu quero ir nessa barca pra Seleção. Quero ir junto com vocês, quero ir pra Seleção.

Como é que eu faço pra ir pra Seleção junto com vocês?

Edílson e Luizão olharam pra ele, eo Edílson falou assim:

— Chega na linha de fundo, fecha os olhos e cruza na área que vai ter alguém...

Porque o César Prates chegava na linha de fundo e sabe o que ele fazia? Cortava pra dentro e chutava pro gol.

— Se você fizer isso, chegar no fundo e cruzar, vai ter alguém lá. Então, só faz isso. Não precisa olhar nem nada.

— Pô, mas nem um passe, assim? Você quer no primeiro pau ou no segundo?

E o Edílson falou:

— Faz isso que eu te falei, porque tu não joga nada. Tu só vai ter que correr ali na beirada, faz isso e só cruza. Fecha os olhos, não precisa acertar passe nenhum, que eu e o Luizão... a gente se vira lá dentro.

— Porra, mas desse jeito eu não vou pra Seleção com vocês, não.

— A gente sabe que você não vai. Mas faz o que eu tô te falando: só chega lá e cruza...

* * *

Também em 99, durante o Campeonato Brasileiro, um torcedor do Corinthians invadiu o gramado do Pacaembu em um jogo contra o Vasco. Por causa disso, perdemos dois mandos de campo. Tivemos que jogar no Maracanã, onde ganhamos do Inter de 4 a 2 e perdemos do Atlético Mineiro de 4 a 0. O jogo com o Inter foi em um domingo à tarde. Chegamos em São Paulo por volta das nove, dez horas da noite e eu fui pro Terra Brasil, a casa de pagode da qual eu era dono. Depois fui tomar sopa em uma pracinha na Rua Alagoas, em Higienópolis, onde eu morava na época.

Estávamos tomando sopa, eu e mais dois amigos, e dali a pouco entram quatro caras anunciando um assalto. Um deles com um agasalho do Corinthians. Renderam o gerente e quando me viram falaram:

— Olha só quem tá aqui, o Vampeta... Não vamos roubar você, não. Não vamos roubar ninguém, só a casa.

E o cara ainda me pediu um autógrafo.

* * *

Eu acho que o time de 2000 foi o melhor Corinthians em que já joguei na história, aquele time do Mundial. O de 98 não era tão forte quanto o de 99 e 2000. Vejo muita gente falando que aquele Mundial foi torneio de verão, mas, hoje, pra chegar na Libertadores e no Mundial no fim do ano, nem precisa ser campeão brasileiro. Basta entrar no famoso G-4. E nós fomos os representantes do Brasil no Mundial de 2000 porque éramos os campeões brasileiros de então. Depois, na semifinal da própria Libertadores, contra o Palmeiras, no primeiro jogo, a gente estava dando um baile. Só que fizemos 3 a 1 e depois começamos a dar muito toque de calcanhar. Eles empataram e no finalzinho eu fiz 4 a 3, levando a vantagem pro segundo jogo. A gente saiu na frente de novo, mas os caras viraram pra 3 a 2 e nos pênaltis nós caímos fora. Daquele time também tem várias histórias.

* * *

O Edílson e o Marcelinho, por exemplo, chegaram a brigar dentro do vestiário, com faca e tudo. Aquelas facas que não cortam ninguém, só laranja, mas brigaram. Briga por vaidade. Era difícil. O Rincón, também, já não gostava do Edílson, acho que desde a época do Palmeiras, não sei. Tiveram umas confusões lá, mas a gente chegava dentro de campo e ganhava. O importante era chegar dentro de campo e ganhar.

Na Libertadores de 2009, a gente ia jogar com o The Strongest, da Bolívia, lá em Cochabamba. Ficamos várias semanas treinando em Atibaia. Uma semana antes do jogo, o

Marcelinho vai no meu quarto e diz:

— Vampeta, vamos tirar o Rincón do time. Ele atrasa muito o jogo, abre aquelas asas dele, não quer tocar a bola pra ninguém...

Eu falei:

— Você é louco? O cara joga pra caralho...

No meu quarto o Marcelinho não arrumou nada. Aí, ele foi no quarto do Edílson:

— Edílson, vamos tiraro “negão” do time? O “negão” é foda. Você é amigo do Amaral, vamos botar o Amaral pra jogar. Ele vai marcar mais, vai roubar mais bola pra gente. O Rincón pisa na bola, a gente tá ganhando de 2a 0 e ele fica segurando o jogo.

O Edílson falou:

— Aqui você não vai arrumar nada. Eu não gosto do “negão”, mas ele joga pra caralho!

Depois disso, eu fui dormir. Não vou pro café da manhã, só pro almoço. Termina de almoçar e o Rincón fala:

— Quero uma reunião no meu quarto, todo mundo. Depois do almoço, todo mundo no meu quarto.

Os caras, então, protestaram. “Não, depois do almoço não, pô! Antes do treino da tarde, três e meia. O treino é quatro, três e meia a gente passa lá...”

O Rincón concordou:

— Tá bom. Três e meia todo mundo no meu quarto e treino quatro horas. É meia horinha, rapidinho.

Vamos pro quarto do Rincón. Antes, eu falei pro Edílson:

— Reunião de novo? O que foi?

— Pô, tu não leu nos jornais, não? Marcelinho deu uma entrevista querendo que tire o Rincón do time de qualquer jeito, vai dar uma merda do caralho...

Estava todo mundo no quarto do Rincón: eu, Gamarra, Dinei, Nei, Maurício, Edílson, Silvinho, Edu, Kleber, Fernando Baiano, Mirandinha... O Rincón então chega pro Marcelinho e fala, mostrando o jornal *Lance!*:

— Marcelo, o que é isso aqui, Marcelo?

Agora, Jornal da Tarde, Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, todos com a mesma notícia: “Marcelinho exige a saída de Rincón do time”.

O Marcelinho vem:

— Ô, Freddy, vai tomar no cu! Tá acreditando na imprensa?

E o Rincón responde:

— Marcelo, não mandei você tomar no cu, Marcelo. Eu só estou conversando com você.

E pegou o Marcelinho pelo pescoço, com um braço só. Não sei se era esganadura ou enforcamento. A galera do deixo-disso vai tentar separar, separamos a confusão. Vamos pro treino.

* * *

Passa uma semana, vamos enfrentar os caras lá em Cochabamba. No fim, empatamos em 1 a 1. Estavam faltando três, cinco minutos pra terminar o primeiro tempo e o Edílson perdeu uma bola, deu um contra-ataque e o Nei fez uma defesa do caralho. O Rincón falou:

— Edílson, toca a bola, segura a bola.

E o Edílson:

— Ô, colombiano... Vai tomar no cu, tu é o que mais erra no time e eu não falo porra nenhuma!

Pra quê? Termina o primeiro tempo, entra o Rincón dentro do vestiário e vai subindo água, Gatorade, tudo na direção do Edílson. Eu estava do lado dele. Levanto e falo:

— Freddy, calma! Calma aí!

— Vampeta, eu não vou bater nele, eu só quero conversar com ele.

Edílson, então, deu dois passos pra trás:

— Bate um caralho, rapaz... Tá com mania de bater nos pequenos? Você bateu no Marcelo semana passada, quer me bater... Bate no Vampeta, que é do teu tamanho!

Aí eu falei:

— Epa, para, para! Não me joga contra o cara, não! O cara é meu amigo...

Foi a vez do Nei, goleiro, falar:

— Calma, calma, gente!

E do técnico, que era o Evaristo de Macedo, emendar:

— Ô, Nei, você cala a boca. As estrelas podem brigar, porque se entendem. Você não é estrela, então fica quieto. Podem continuar a briga.

* * *

Aquele time brigava, mas também jogava demais. Outra vez, a gente ia pegar a Ponte Preta lá em Campinas. Na preleção, o Vanderlei explicou que a Ponte, lá, era difícil, não sei mais o quê, aquele blá-blá-blá. Ele começou a dar a preleção e a falar, falar, falar. E o Edinho, filho do Pelé, era o goleiro da Ponte. Termina a preleção e o Vanderlei pergunta quem quer falar alguma coisa. Porque o Vanderlei sempre pergunta: “Quem quer falar alguma coisa?”. Então, o Edílson, lá no fundo, com o chapeuzinho dele, levanta a mão:

— Eu!

— O que que você quer falar, neguinho?

— Eu quero falar pro grupo: vamos chutar pro gol, porque o que o pai dele fez de gol, hoje ele vai ter que tomar!

* * *

Estamos jogando pela extinta Copa Mercosul de 2000, pegando o Boca Juniors, lá na Bombonera. Aquele alvoroço, 1 a 0, 2 a 0, 3 a 0 pro Boca. Córner pro Boca, eu vou pra área, fico no primeiro poste. Quando olho, o Márcio Costa está com um relógio no pulso. A dupla de área era Márcio Costa e João Carlos. Como a gente estava jogando com manga comprida, o juiz não percebeu. Então eu olho ele de relógio e digo:

— Ô, Peixe (eu chamava o Márcio Costa de Peixe)... Você tá de relógio, porra?

E ele:

— É que eu não vejo a hora de acabar esse jogo, senão a gente vai tomar uns oito!

— Três a zero pro Boca ficou barato. Ficou barato, cara.

* * *

O Dinei é o único jogador na história do Corinthians que ganhou três Brasileiros seguidos pelo clube. Foi campeão em 90, 98 e 99. Por isso, sempre achou que era o xodó da torcida, que nem o Neto. Ele dizia:

— Pô, eu sou o xodó, eu sou da Gaviões.

Quando a gente entrava em campo, a torcida cantava os nomes de um por um: “Rincón, Rincón, Rincón...”.

“Gamarra, Gamarra...”

“Edílson, Edílson...”

“Uh, Marcelinho! Uh, Marcelinho...”

“Não é mole, não, Vampeta é do Corinthians e também da Seleção!”

Aí entramos numa fase ruim, mas a torcida, mesmo assim, vinha com Dinei. E o Dinei namorava a moral.

“Ão, ão, ão, Dinei é do Corinthians e também da Seleção! Ão, ão, ão, Dinei é do Corinthians e também da Seleção!”

Só que aí, em seguida, a Gaviões já entrava:

“Iu, iu, iu, é primeiro de abril... Iu, iu, iu, é primeiro de abril...”

* * *

Eu dava ingresso pro pessoal me ver jogar. Cada jogador tinha direito a dois, três ingressos. Se você quisesse mais, tinha que comprar, mas eu sempre fui muito malandro. Chegava no supervisor e dizia: “Olha, eu preciso de vinte ingressos. Nessa merda aí cabem quarenta mil pessoas e eu não vou comprar ingresso pra família, pra amigo meu me ver jogar. Senão não vou jogar bem... Quero quarenta ingressos, senão vai dar a maior confusão”. Ele vinha, me dava escondido e falava: “Olha, não fala pros outros jogadores...”. Então, eu tinha em todos os jogos vinte, trinta ingressos.

Os outros jogadores, que não tinham ninguém pra dar ingresso, como o Edílson, me davam os deles. Eu fazia o recolhe dentro do ônibus e da concentração e ligava pros meus amigos. Sempre foi muito amigo meu pra me ver jogar, da Vila Maria, do Tatuapé. Depois, saíamos todos juntos.

Quando morava em Higienópolis e terminava o jogo no Pacaembu, eu ia caminhando pra casa, não levava nem meu carro. Deixava o carro na garagem ou pegava uma carona rapidinho, mas gostava mesmo de ir caminhando com o Edílson. Ali na Praça Charles Miller, em frente ao estádio, tem uma banca de jornal e um tio que vende cachorro-quente e cerveja. Eu sempre passava no meio da torcida ali, esperava a saída deles. Alguns ficavam porque já sabiam que eu passava ali. Na vitória ou na derrota — só que no Pacaembu sempre foi mais vitória, poucas vezes a gente perdeu no Pacaembu. Bem poucas mesmo.

* * *

Eu gostava muito da noite. Mas ficava sempre no meu camarote, na minha casa de pagode, o Terra Brasil. Recebia as pessoas, tudo, mas sempre ali. Tem amigos meus que viram a noite. Eu não: se eu cansei, deu meu horário na noite e eu estou cansado, vou dormir. Ficava com o Ronaldo, o Luizão, o Edmundo, e os caras conseguiam ir até de manhã, até oito, nove, dez horas. Eu não. Posso até dormir às cinco e acordar de novo às oito, nove. Mas pra eu ficar assim, dois dias virado, nem a pau. Isso desde moleque.

Se, por exemplo, tivesse treino na segunda, eu ia pra noite no domingo, porque sabia que geralmente o treino era à tarde. Pra quem jogou era só dar voltinha no campo e fazer banheira. Eu sempre fui muito consciente disso, porque sabia que aquele sucesso todo que fiz na minha vida era resultado da bola. Tinha medo de jogar mal, das coisas não darem certo, não poder ir aos lugares bons e as pessoas estarem te olhando e te cobrando. Principalmente no Corinthians. Eu sabia que o sucesso todo vinha dos resultados em campo. Tanto que eu, Edílson, Gilmar, Dinei, Fernando Baiano sempre combinávamos: “Vamos ganhar essa porra hoje e a gente vai pro pagode. Mas se perder a gente não vai porra nenhuma”. Porque torcedor do Corinthians é igual a formiga, tem em todo lugar. Por isso a gente sempre se preocupava em ganhar primeiro. Primeiro ganha, depois curte a festa.

* * *

Mas depois dos jogos eu saía, saía mesmo. Porque às vezes o Vanderlei Luxemburgo, o Oswaldo de Oliveira ou o Parreira concentravam a gente na segunda depois do lanche, às dez horas da noite, pra jogar só na quarta-feira às 9h40 da noite. Olha só o tempo de concentração. E na concentração é só comer, beber (mas nada de bebida alcoólica), dormir e jogar conversa fora. Então, quarta à noite, depois do jogo, eu dava uma esticada, porque sabia que na quinta não ia fazer nada e na sexta já estava trancado de novo.

Isso não é só um dia, uma vez, um mês. É o ano todo. Por isso que alguns jogadores fogem quando têm oportunidade — não como o Jobson, o Adriano, esses caras aí... esses já estão loucos demais. Pode perguntar pra todos os treinadores com quem eu trabalhei. Comecei com Hélio dos Anjos, João Francisco, Sérgio Ramírez, Agnaldo e Oswaldo de Oliveira, no Vitória.

No Fluminense, peguei o Joel Santana e o Jair Pereira. No Flamengo, eu trabalhei com Zagallo e Carlos Alberto Torres. No Brasiense, com Espinoza, Joel e Márcio Bittencourt. No Goiás, com Geninho e Antônio Lopes. No Corinthians, Vanderlei, Oswaldo, Evaristo, Parreira, Geninho, Juninho Fonseca, Nelsinho, Carpegiani e Zé Augusto, um pouquinho. No Juventus, Márcio, Fescina e Sérgio Soares. Na Seleção, Vanderlei, Candinho, Leão e Felipão. Láfora, Dick Advocaat, Marco Tardelli, Marcelo Lippi, Luis Fernández e um alemão que eu nem lembro o nome, no futebol kuwaitiano (puxa, eu nem lembro o nome desse meu treinador... Fomos campeões, mas eu não lembro). Se você perguntar a todos esses treinadores se já dei algum problema de concentração, ou de bebida, se eu não fui treinar, não vai ter problema nenhum de fazer essa consulta a nenhum deles.

Nunca escapei de concentração, nunca gostei disso. De estar concentrado e sair pra beber ou pra arrumar mulher. Isso eu fazia depois do jogo, sabia que tinha. Fazia questão de jogar bem e ganhar. Quando a gente perdia, queria que viesse logo o jogo seguinte pra poder ganhar. E pra poder sair.

No Flamengo e no Brasiense, eu escutava histórias de jogadores que fugiam da concentração. Mas no Corinthians isso era muito difícil, porque era um andar só pra nós, cheio de seguranças. Dois seguranças na porta do elevador, pra torcedor não entrar e jogador não ficar escapulindo. Lá embaixo, no saguão, ficavam mais dois seguranças. Se você está concentrado, vai no máximo ao saguão do hotel ou ao restaurante. Tem os horários. Não tem por que estar andando pelo hotel. Se estou hospedado no 11.º, o que é que vou fazer no 14.º andar? Só se for pra conversar com algum diretor, algum presidente que tenha me chamado em particular. Se não for isso, é esquema.

Mas que tem esquema, tem. Principalmente em times menores, que não têm essa segurança toda. Nos times grandes, principalmente em São Paulo, tem muito segurança. No Flamengo eu tinha certeza de que os jogadores tinham esquema. Não posso afirmar, mas sabia, porque não tinha tanta segurança.

Certa vez, quando a gente estava jogando na Bahia, saiu uma história de um jogador famoso do Corinthians que saiu do quarto dele pra encontrar uma mulher também famosa, da televisão. Mas bateu no quarto errado, onde estavam dois velhinhos que deram queixa dele. À noite, tome reunião do grupo, convocada pelo técnico...

* * *

Dei sorte, porque nas minhas passagens pelo Corinthians peguei fases muito boas. A não ser no final, já em 2007, quando voltei pela terceira vez, pra fazer parte do grupo já bem depois do Campeonato Brasileiro começado. Aí não dava mesmo. Mas nas outras fases, só títulos. Saio do Corinthians, em 2000, com um Mundial, um Paulista e dois Brasileiros. Volto em 2002 e só títulos, também. Perco a final do Brasileiro daquele ano para o Santos, mas vinha de uma sequência boa, campeão do Rio-São Paulo e da Copa do Brasil, já classificado pra Libertadores do ano seguinte. Nessa volta, peguei o Parreira como técnico do Corinthians.

A gente tinha ido jogar em Belém, pelo Campeonato Brasileiro, contra o Paysandu. Isso numa quarta-feira à noite. Fábio Luciano vem e faz de bicicleta, Corinthians 1 a 0, termina o jogo. Voltamos pro hotel, jantamos. Normalmente, o Parreira deixa a gente beber uma bebidinha lá, mas não deixa sair do hotel. Os outros treinadores deixam sair e dão um horário pra voltar. Fomos pra beira da piscina eu, Rogério (lateral-direito), Fábio Luciano, Nei, Gil, Guilherme, Fabrício. Está todo mundo na beira da piscina tomando Cerpa. Em Belém a cerveja é Cerpa, aquele Cerpão grandão. Estamos bebendo lá, só que o Parreira estava hospedado bem do lado da piscina e a gente não sabia.

Daqui a pouco chegou um cara, um comissário de bordo que era da Seleção Brasileira. O nome do cara era Róbson, ele fez até a Copa do Mundo.

— Vamp, como você tá? Fiquei sabendo que você tava aí...

Ele me deu um abraço e eu digo:

— Vai tomar uma cervejinha?

Apresentei ele pros jogadores e tudo. Aí ele falou:

— Pô, eu tenho uma viola lá no quarto.

E eu digo:

— Pega lá e vem cantar, canta aqui pra nós.

Esse Róbson foi, pegou a viola e começou a cantar. Sertanejo, né? E tome Cerpa. Deu uma hora da manhã, deu duas... Quando deu duas horas, os jogadores foram todos indo embora: Dony, goleiro, foi todo mundo. Ficamos só eu e o Rogério, que é meu compadre. Eu falava pro Róbson assim:

— Canta aquela do Zezé di Camargo, canta aquela do Chitãozinho, do Bruno e Marrone...

E ele cantando. E o Parreira, sem conseguir dormir, no quarto ao lado da piscina. Mas o Parreira não disse nada.

De manhã, às seis horas, eu e o Rogério saímos, porque o voo era só à uma da tarde. Ainda dormimos, acordamos onze horas, almoçamos e fomos pro aeroporto. O Parreira não falou nada. No domingo, a gente vai jogar contra o Grêmio, em Porto Alegre. Perdemos de 4 a 0. Chegou a segunda-feira, reapresentação, o Parreira reuniu o grupo, sentou todo mundo e, enfim, falou:

— Eu queria dizer um negócio pra vocês. O jogador profissional de futebol tem que estar motivado a cada três dias. Treinando, ainda, e estar motivado. Porque nós jogamos quarta e domingo, quarta e domingo, quarta e domingo. Tem sequência de jogos, tem que ter descanso. Um lutador de boxe faz uma luta e depois leva seis meses com a derrota ou com a vitória. Nós, no futebol, a cada três dias temos que estar motivados, temos que nos alimentar bem, temos que estar dormindo bem. Por exemplo: o Marquinhos (ele nunca me chamou de Vampeta...). O Marquinhos e o Rogério, depois do jogo contra o Paysandu. Eu liberei uma bebida, mas eles ficaram até as seis horas da manhã bebendo. E não pode. Eu libero, podia beber até uma hora, duas horas. Depois vai descansar, pô. Tem jogo, vocês fizeram jogo do Oiapoque ao Chuí (dando o exemplo no mapa do Brasil). Três dias depois estavam cá embaixo.

Eu, por dentro, pensava: “Filho da puta, ele em vez de falar na quinta-feira, quando a gente ganhou, esperou perder um jogo pra estar falando essa porra”. Só que o Parreira é meu amigo pra caramba, é o treinador que eu mais gostei de trabalhar. Ele começou a falar isso pros jogadores e todo mundo olhando quieto. Quando perguntou se alguém queria falar alguma coisa, eu respondi:

— Eu quero.

Oscaras, os jogadores todos, devem ter pensado: agora, *fudeu*. O Vampeta vai bater de frente com ele. Mas eu só falei:

— Eu queria falar pro senhor o seguinte: eu não fiquei bebendo até as seis horas da manhã. Eu fiquei bebendo até as cinco e meia da manhã.

Os atletas todos olharam pra trás e pensaram: “O Vampeta tá maluco...”.

— Eu fiquei bebendo mesmo até as cinco e meia da manhã. E o senhor falou que a gente não canta nada, né? Eu e o Rogério, a gente não canta mesmo, não. A gente joga. Mas o senhor também não vai botar na minha conta que eu fiquei até as seis horas, porque meia hora a mais de bebida pra mim e pro Rogério é bebida pra caralho...

O Parreira deu risada, quebrou o clima e ainda falou:

— O Marquinhos é louco...

* * *

Eu sou padrinho de casamento do Rogério, com a ex-esposa dele, que é de Fortaleza. Jogando juntos, a gente perdeu um Brasileiro, o de 2002, para o Santos. Aquele em que o Robinho, antes de sofrer o pênalti, deu as famosas “pedaladas” justamente em cima do meu “afilhado”...

Daí, nas férias, eu fui pra Bahia e o Rogério foi pra Fortaleza, com a esposa dele. De lá, ele me ligou:

— Compadre, tá onde?

— Tô aqui em Itaparica.

— E eu tô aqui em Fortaleza.

— Como é que tão as férias?

— São as piores da minha vida. Onde eu vou, todo mundo me pergunta: “Eas pedaladas? E as pedaladas?”.

Um cara que foi campeão de Copa Libertadores, Seleção Brasileira, Copa do Brasil... E ficou marcado por causa dessa história aí, das pedaladas do Robinho.

* * *

Em 2003, eu tinha sido mais uma vez campeão paulista, em cima do São Paulo, ganhando as duas partidas das finais por 3 a 2, a segunda em um domingo. Na segunda-feira, viajamos pro México, pra jogar na quarta, contra o Cruz Azul, pela Libertadores. No fim de semana, estreávamos no Brasileiro, contra o Atlético Mineiro. Lembro que no avião falei pro técnico do Corinthians, o Geninho:

— Tira eu, o Rogério, o Fábio Luciano e o Kleber desse jogo.

Mas ele achava que devíamos estreiar bem no Campeonato Brasileiro, pra depois me tirar do jogo seguinte, no meio da semana. Parece que eu estava sentindo que ia me machucar. Naquele jogo contra o Atlético, torci o ligamento cruzado pisando em um buraco do gramado no Pacaembu. Foi a única lesão que eu tive na minha carreira.

* * *

Eu tenho histórias do Corinthians até de quando já tinha saído de lá. Essa, por exemplo, envolveo Nilmar, atacante, que foi campeão brasileiro em 2005 jogando junto com Mascherano, Tevez, Gustavo Nery, Carlos Alberto... E o Rafael Moura, que por causa dos longos cabelos loiros também é chamado de “He-Man”. As esposas do Nilmar e do Rafael Moura são muito amigas, tanto que as duas sempre iam pros jogos juntas, pra ver os maridos jogar.

Um dia, eu fui pro estádio com elas pra ver Corinthians e Botafogo, pelo Campeonato Brasileiro. Tô sentado na arquibancada e levei também um amigo meu, chamado Lou. Ele conhecia o Nilmar, também. O Rafael Moura, o “He-Man” (todo mundo chama ele de He-Man), começa a perder gol, a perder um gol atrás do outro. Só que esse meu amigo não conhece a esposa do Rafael Moura e começa a gritar:

— Como esse He-Man é ruim! Pô, mas esse He-Mané muito burro, tem é que fazer desenho animado.

Termina o jogo, fomos todos ao vestiário esperar o Nilmar sair. O Nilmar sai junto com o Rafael Moura, e a esposa do Rafael fala assim pra ele:

— Ó, esse amigo do Vampeta tava te xingando pra caramba lá na arquibancada, falando que você era ruim.

O Rafael Moura reagiu:

— Pô, você tava me xingando?

E o Lou falou:

— Não, eu não tava te xingando, não. Eu xinguei foi o He-Man... Você é o Rafael Moura, eu xinguei foi o He-Man.

* * *

Eu tinha acabado de voltar do mundo árabe. Estou em São Paulo, fui num pagode, domingo à noite, e encontrei com Tevez e Sebá, dois dos três jogadores argentinos que foram campeões

brasileiros pelo Corinthians em 2005 (o outro era o Mascherano). Estávamos eu e o Marcelinho Carioca. O Belo tocando e a gente no camarote, todo mundo junto.

Quando terminou esse pagode, convidei o pessoal pra ir pra escola de samba da Vila Maria. Nisso, no camarote, estou com um amigo chamado João Delegado, que não entendia nada do que o Tévez falava — aliás, ninguém entende. E naquela noite o Tévez falava assim:

— Sebá, Sebá...

Mas o João entendeu que o Tévez queria “Cerpa, Cerpa”. E trouxe cinquenta cervejas pra ele, que nem bebe. O Tévez só estava chamando o Sebá, mas quanto mais ele falava “Sebá, Sebá” mais o João Delegado achava que o que ele queria era um balde de Cerpa. Eu sei que no total foram cinco baldezinhos com dez cervejascada um.

* * *

Em 2007, quando o Corinthians foi rebaixado para a Série B do Brasileiro, eu reestreei pela última vez com a camisa do clube, contra o Goiás, já na 16.^a rodada. O time vinha de uma sequência ruim de quinze jogos, e eu ainda não fazia parte do grupo. Mas assumo a minha parte, porque se eu chegasse, fizesse um jogo só e fosse campeão, todo mundo ia falar também. Apesar de todos os problemas, ainda conseguimos levar até a última rodada com chances.

Na minha volta, dou o passe pro lance do gol. O Éverton cruza pro Clodoaldo: 1 a 0 pro Corinthians, em cima do Goiás. Isso era um sábado, não domingo, e todo mundo foi pra ver a volta do Vampeta. Aí eu falei:

— Agora, vou lá pra São Januário comer um bacalhau na quarta-feira, eles que se preparem lá...

Nisso, na quarta-feira, quando a gente vai chegando com a delegação do Corinthians pra enfrentar o Vasco, dentro daquela quebrada lá (na gleba, a Barreira do Vasco, né?), veio um tijolo dentro do ônibus que estava levando a gente pro jogo. Todo mundo pro chão, e o Carpegiani, que era o treinador, falou:

— Isso aí é culpa tua, tchê, é culpa tua...

Ele ainda levou a gente pra aquecer no campo. A torcida do Vasco, quando viu, me xingou tanto... O Vasco ganhou de 2 a 0.

* * *

Quando eu cheguei, o Carpegiani me deixou só treinando, por um mês, pra recuperar a forma física. Ele dava coletivo e trabalhava junto com o Cláudio Duarte, auxiliar técnico. Um dia, falou:

— Cláudio, vai lá pra cima, nas arquibancadas do Parque São Jorge, e depois vem me dizer o que você achou do coletivo.

O treino rolou uma hora. Aí ele mandou o Cláudio Duarte descer. Estamos todos os jogadores no campo e o Carpegiani pergunta:

— Cláudio, bah, tchê... O que tu achou do coletivo?

O Cláudio Duarte responde:

— Achei esse 4-4-2 que você armou muito racional.

— Não, tchê! Tô treinando há mais de uma hora no 3-5-2...

Era muita confusão. Eu falava pro Carpegiani:

— Pô, esse nosso time, cara... É só Facebook, é só Twitter, Twitter, Twitter...

Mas ele dizia:

— Bah, tchê! Os tempos mudaram, tem que se adaptar.

Falei pra ele:

— Tá bom, então. Tu já foi malandro como jogador, agora tá comendo mosca como treinador.

* * *

Quando o Carpegiani caiu, assumiu o Zé Augusto, técnico interino, que trabalhava com os juniores. O Zé morava lá no Parque São Jorge, mesmo, e nós estávamos indo treinar no Parque Ecológico, em Itaquera. Quando eu vejo, passa uma matéria na televisão com o Zé pegando um ônibus, uma perua pra ir dar o treino.

No dia seguinte, cheguei pra um diretor do Corinthians e falei:

— Não pode um treinador do Corinthians tá em matéria da televisão andando de ônibus ou de perua, pô! Tem que pegar um carro, já que o cara não dirige, e mandar todo dia vir buscar ele. O cara é treinador do Corinthians, tem que aumentar o salário dele.

O Zé assumiu com derrota para o Atlético, por 5 a 2, em Minas. No jogo seguinte, contra o Santos, metemos 2 a 0. Mas logo depois ele entregou o cargo e falou:

— Eu não quero mais.

Falei pra ele:

— Porra, tu é medroso. Tu é meu conterrâneo, da Bahia, jogou pra caramba... Pega aí essa chance, tem tanto maluco aqui. Acabou de sair um maluco, Carpegiani. Pega você.

Mas ele falou:

— Não, não, não. Deixa eu ir lá nos meus juniores mesmo, que eu tô feliz.

* * *

Aí veio o Nelsinho Batista. Ele chegou, tentou, tentou, mas já pegou o bonde andando. Também, tinha que cair mesmo, né? O time até que não, mas o conjunto era muito ruim. Individualmente, tudo bem: cada um, de repente, tem seus sonhos e tudo. Mas, no coletivo, reunir Clodoaldo, Zelão, Ferreira, Carlos Alberto, Wellington, Édson, Arce, Betão, Bruno Octávio, Aílton... Era complicado, né? Eles, individualmente, em um time, tudo bem, pode ser até que dê certo. Mas tudo junto é uma lástima. Queriam botar depois na conta do Dentinho e do Lulinha, que eram garotos, pra poder resolver.

Uma vez, eu estou no quarto, concentrado, junto com o Clodoaldo. Geralmente, no mesmo quarto ficávamos eu e o Finazzi. Mas ele tomou o terceiro cartão amarelo, não pôde jogar e veio o Clodoaldo pra concentrar comigo. Tô no quarto fazendo caça-palavras e o Clodoaldo olhando pra mim, da cama dele, e dando risada. Dando uma crise de riso nele e eu fazendo caça-palavras. Então eu digo:

— Ô, Fera, por quetu tá dando risada aí?

E ele:

— Vampeta, na moral... Não tem nada de mais, não. Eu sou seu fã, você nem sabe: outro dia eu tava vendo você, Rincón, Ricardinho, Marcelinho, Dida. E agora eu tô no mesmo quarto que você, velho!

— Ah, isso é bobagem, negão. Isso aí acontece na carreira de todo mundo.

— Não, não, não! Você não sabe ainda do pior: eu era zagueiro três meses atrás. Os caras me compraram pra ser centroavante do Corinthians ganhando oitenta mil reais por mês, cinco anos de contrato. Eu tô rico!

E começava a dar risada. Então, eu disse:

— Foi mesmo, negão? Conta sua história aí.

— Vampeta, eu tava jogando de zagueiro em um campeonato e o time tava perdendo. Aí o treinador, naqueles minutos finais, falou: “Vai lá pra frente”. E mandou os caras meter bola em mim. Eu subi e fiz um gol de cabeça. Fiz o segundo, viramos o jogo, 2 a 1. Daí em diante, o treinador foi e me botou de centroavante. Eu fui pro Campeonato Catarinense, joguei no Criciúma e agora vim parar no Corinthians. E, pra acabar de *tefuder*, vou dizer: comprei um apartamento onde você tem, sou seu vizinho.

Ele me contava tudo isso e chorava de dar risada.

* * *

Quem lembra bem do Iran é a torcida do Corinthians, principalmente a Gaviões. Ele tinha

jogado na Ponte Preta, estava no Botafogo do Rio. Em 2007, era mais um reforço pra salvar o Corinthians, pro timenão cair. Mas o Iran chegou e em todos os jogos nossos ele ia e fazia um pênalti. Corinthians e Figueirense, a gente caindo, o Iran faz pênalti. Corinthians e Atlético Paranaense, Iran, pênalti de novo. Aí eu falei:

— Iran, você tá jogando bem, cara. Mas para de fazer pênalti. Otime tá caindo, mas em todos os jogos você tá fazendo pênalti.

— Deixa comigo, nesse jogo eu não vou fazer, não.

Goiás e Corinthians, confronto direto para fugir do rebaixamento. Iran vem, pênalti. Três jogos e Iran fazendo pênalti. A gente lá na zona de rebaixamento, a torcida da Gaviões marcou uma reunião no Parque São Jorge com todos os atletas. Na reunião, eles vão falando de todo mundo: “É, se o Vampeta não tá assim... Se o Clodoaldo não tá assim... Se o Fábio Ferreira não tá assim...”. Quando chegou no Iran: “Seu Iran todo jogo comete um pênalti. O que você tem a dizer, Iran?”. Então Iran falou:

— Não, seu Gavião... Não, seu Gavião! Juro por Deus que eu não vou fazer mais pênalti!!!

* * *

A minha volta ao Corinthians tinha sido uma exigência do seu Nesi Cury, diretor. Também do Dualib, presidente, pra ver se eu podia ajudar o clube em alguma coisa naquele momento tão difícil. No jogo contra o Vasco, no Pacaembu, em que, se a gente ganhasse não teria caído, cheguei pro técnico, que já era o Nelsinho Batista, e falei:

— Pô, me deixa jogar esse jogo, cara. É um jogo decisivo. O Vasco acabou de chegar de viagem, não quer nada. Tem três caras lá que eu conheço. Não que eles vão entregar o jogo. Mas eu chego neles, dentro de campo tem uma malandragem. E ainda vou dizer: “Ano que vem vocês ainda vão voltar aqui, segura...” É um jogo fácil da gente ganhar. Quarenta mil torcedores, porra. Esse jogo é pra mim, cara, não é pra Arce, pra Carlos Alberto. Esse jogo é meu!

E eu vinha entrando bem, todos os jogos que eu entrava eu metia bola pra gol.

— Esse jogo eu tenho que sair jogando, porque se a gente ganhar aqui, o Goiás não vai ganhar do Atlético, lá em Minas.

Dito e feito: o Atlético meteu quatro no Goiás, lá. Mas nós tomamos 1 a 0 do Vasco. Agora, pra não depender do resultado do jogo entre Goiás e Inter, só ganhando do Grêmio, na última rodada, em Porto Alegre.

* * *

Quando o Corinthians, enfim, caiu para a Série B, após o empate por 1 a 1 com o Grêmio, em Porto Alegre (em Goiânia, o Goiás fez 2 a 1 no Inter e se salvou), o Metaleiro, que chegou a ser presidente da Gaviões da Fiel, conseguiu entrar escondido no ônibus dos jogadores, na saída do Estádio Olímpico. Ele se trancou dentro do banheiro sem nenhum segurança perceber. A gente já ia voltando desolado por causa do rebaixamento quando o Metaleiro saiu do banheiro, meio louco, e deu um soco no primeiro cara que viu: justo o centroavante Clodoaldo, que havia marcado o gol do Corinthians naquele dia. Tomamos o maior susto.

Eu tinha que ser corintiano mesmo, porque lá vivi grandes alegrias e tristezas. A maior foi essa, a de ter caído. Mas se supera. É até bom para a história, para não se contarem só as vitórias.

* * *

8

Nem toda nudez
será castigada

Eu acabei tendo um bar-restaurant de música sertaneja, o Baluarte (hoje, ele se chama Oras Bolas), que frequentava junto com o goleiro Marcos, do Palmeiras. Foi onde eu conheci o apresentador Ratinho e os cantores Leonardo e Bruno e Marrone. Também tive uma casa noturna chamada Terra Brasil, uma casa de pagode. O Rincón e o Célio Silva me levaram pra lá, eu comecei a frequentar e acabei conhecendo a turma toda do pagode. Fiz amizade com o Netinho, o Leandro, do grupo Arte Popular, o pessoal do Fundo de Quintal, o Zeca Pagodinho, a Leci Brandão, o Almir Guineto, o Arlindo Cruz, o Sombrinha, a Beth Carvalho, a Jovelina Pérola Negra, os caras do Sensação, Revelação, o Belo... Toda segunda-feira tinha a pelada, o racha do Arte Popular. Eu jogava no domingo normalmente, à tarde. Segunda era aquele enche-linguiça no Corinthians e à noite ia pra esse racha com os caras. Tinha um monte de mulher bonita pra caramba, churrasquinho e tal. Terça-feira eu treinava e jogava na quarta.

O Alex, que era dançarino do Quebradeira, um grupo da Bahia, posou nu para a capa da *G Magazine*, uma revista gay. Aí, saiu o seguinte papo na rodinha em que a gente estava: “Um jogador de futebol nunca teria coragem de fazer isso”. Então eu disse: “O quê? Se me derem cinquenta, oitenta mil reais, eu saio na hora”. Eu não sabia, mas o dono da *G* (se não era o dono, era um dos principais representantes da revista) estava na roda. Ele fez o cheque de oitenta mil, me deu na hora e o pessoal falou: “Agora a gente quer ver, Vampeta”. Peguei. Eu ganhava vinte e cinco mil no Corinthians por mês, eram mais de três salários meus. Falei na hora: “Me dá!”.

* * *

Peguei o cheque, botei no bolso e falei pra ele (Levi, o nome do cara era Levi):

— Agora marca aí um lugar que eu faço as fotos.

Ele disse:

— Não, não é só marcar um lugar, não. Me dá os seus dados aqui que eu vou fazer um contrato.

Fiz o contrato. Nisso, o Campeonato Brasileiro estava rolando. O Luxemburgo, que era técnico do Corinthians, ficava falando:

— Isso vai dar uma merda danada. Você é maluco, o que foi que você fez com a sua carreira?

E eu respondia usando a mesma frase da minha avó quando soube:

— Não fiz nada, pô! Só posei nu! Nasci nu e tô vestido...

* * *

Foram duas sessões de fotos, em duas tardes, em um sítio em Jarinu, no interior de São Paulo. Escolhi entre a programação da semana dois dias em que não tinha treino nos dois períodos, só de manhã, para eu poder ir à tarde. Ninguém no clube ficou sabendo, talvez só o Edílson, que era meu parceirão. Eu ia com o meu carro, estava lá a produção de umas dez pessoas, com o fotógrafo. Tinha um monte de *gay*. Foi em um campo, e eles ainda brincaram da gente fazer um jogo com todo mundo nu.

Mas foi uma coisa muito profissional. No primeiro dia fui eu e uma amiga minha — na verdade, mais que amiga —, que me ajudou a ter as ereções. No segundo dia, fomos só eu e mais um amigo que dirigia pra mim. Eu perguntava: “Como faz as fotos? Qual a posição?”. Eles respondiam: “Assim, assim...”. E eu dizia: “Tá bom”.

Foi o maior sucesso, até hoje foi a revista mais vendida. Treze anos depois ainda é o recorde de venda. Foi quase na mesma época em que eu inaugurei o cinema, então deu assunto pra

caramba. Nem tanto pela beleza, mas na época um jogador da Seleção e do Corinthians ter posado nu deu uma repercussão do caralho.

* * *

Faço as fotos no final de 98, a revista sai em janeiro de 99. Corinthians bicampeão brasileiro. Não deu nada, suave. Eu ganhei o troféu Bola de Prata, da revista *Placar*, como melhor volante do Brasileiro. Aí veio 99, campeão paulista em cima do Palmeiras. Fui campeão da Copa América pela Seleção. Volto da Copa América e sou bicampeão brasileiro, só título. Nesse intervalo, ainda ganho a Copa das Confederações pela Seleção. Então não pegou nada, foi tudo suave. Não tomei pancada de lado nenhum, não. Não teve aquele tempo para a imprensa criticar minha atitude, ou mesmo as torcidas adversárias. Porque eu estava vivendo um momento que era só elogio, não tinha como ser criticado. Mas já pensou se pega uma fase ruim, com a torcida do Corinthians?

Aí eu abri caminho pra todo mundo. Depois de mim, posaram nus pra *G Magazine* outros esportistas, como o Roger, goleiro, o Dinei, acho que até o Robson Caetano. Só foram voltar a lembrar disso quando eu e o Dinei, os dois peladões do Corinthians, perdemos nossos pênaltis na decisão da vaga para as semifinais da Libertadores de 99, contra o Palmeiras. Fizeram até aquela brincadeira com uma peça do Nelson Rodrigues, que, no meu caso, não se confirmou: *Toda nudez será castigada*.

** *

9

Cambalhotas no Planalto

Minha história na Seleção Brasileira por pouco não começou já na Copa de 98. Terminado o Campeonato Paulista, o Flávio Conceição se machuca (tem uma lesão no joelho, jogando lá na Espanha) e fica sobrando uma vaga pra ir pra Copa na França. No trabalho de apenas quatro meses que eu fiz no Corinthians, quase vou. No final, ficou meu nome e o nome do Zé Carlos, lateral-direito, que jogava no São Paulo. Como eu jogava de volante e lateral, achei que iria. Mas o Zagallo, que foi o técnico do Brasil naquele Mundial, deu uma entrevista falando que levou o Zé Carlos, que era mais velho, tinha mais experiência. Depois, o Zé Carlos acabou jogando, no lugar do Cafu, suspenso, na semifinal contra a Holanda. Ia marcar o Zenden e o Overmars, que eu já era acostumado desde os tempos da Holanda. Com o Zenden, que era do PSV, eu treinava sempre nos joguinhos contra (lá na Holanda se joga seis contra seis, sete contra sete, normalmente defesa contra ataque). E o Overmars, quando jogava PSV e Ajax, eu sempre deitei nele. Apesar de não ter ido para aquela Copa, eu fiquei até feliz. Cheguei há quatro meses, sou vice-campeão paulista, a imprensa rasgando elogios em cima de mim. Digo: “Não, futuramente eu vou estar nessa Seleção”.

Acontece aquilo de o Brasil perder, e após a Copa de 98 eu começo a figurar nas convocações, principalmente, porque o Vanderlei era treinador do Corinthians e da Seleção. Aí eu não parei mais, até a Copa de 2002 participei de quase todas. Saída do Vanderlei, entrada do Leão, passagem de um jogo só do Candinho, o Felipão... Fui chamado por todos. E só de volante. Na Copa do Mundo eu treinava de zagueiro, porque eram vinte e três e o Felipão jogava com três zagueiros. No segundo ano de volta ao Brasil sou campeão da Copa América. E começo a colecionar minhas histórias também na Seleção Brasileira.

* * *

Na Copa América que nós ganhamos, em 1999, o Vanderlei Luxemburgo ainda era o treinador da Seleção. O Rivaldo foi expulso contra o México e entrou o Alex no jogo seguinte, contra o Chile. E o Rivaldo, naquele momento, era o melhor jogador do mundo, tinha sido escolhido o melhor do mundo pela Fifa. O Vanderlei pensou em manter o Alex no time e deixar o Rivaldo no banco contra a Argentina, mas o Rivaldo ficou sabendo disso.

O Rivaldo está no quarto junto com o Flávio Conceição. O Vanderlei vai lá pra falar que ia sacar ele e sair jogando com Alex. Bate na porta do quarto, o Flávio Conceição abre. Quando vê que era o Vanderlei, dá pra trás, volta, deita na cama, pega o edredom e se cobre. Aí o Vanderlei chega pro Rivaldo e fala:

— Meu filho, Paraíba (ele sempre chamou o Rivaldo de “paraíba”, sinônimo de nordestino no Rio, assim como é “baiano” em São Paulo).

— Fala, professor. Tudo bem?

— Tudo bom, bom. Eu tô pensando em fazer uma coisa.

E o Rivaldo:

— Tá pensando em fazer o quê?

— Tô pensando em te sacar e deixar o Alex pro próximo jogo.

O Rivaldo, então, falou:

— Se fizer essa porra, se fizer essa merda, eu vou embora agora, aqui eu não fico.

Vanderlei, então, se apressou em falar:

— Tô brincando, rapaz... Eu só vim falar que você tem que melhorar, pô!!! Mas quem vai sair jogando é você...

* * *

Nós tínhamos acabado de ganhar a Copa América de 99 e em seguida fomos para a Copa das Confederações, no México. Eu estava concentrado em um hotel da Cidade do México, no mesmo quarto do Flávio Conceição, volante que jogou no Palmeiras e no La Coruña, um grande amigo. Quando termina a janta, a gente sempre fica conversando.

Conto para o Flávio que vim de Nazaré das Farinhas, terceiro município onde existem mais terreiros de candomblé na Bahia. E ele me conta:

— Vampeta, uma vez eu tô vindo de Americana (que ele é lá de Americana) com minha esposa no banco do carona e minha filhinha. Aí baixou um santo nela, baixou um santo nela! Fiquei preocupado e na primeira cidade que vi eu entrei e fui pedir informações pra um cara sobre onde tinha uma igreja. O cara tava em pé, acho que foi um anjo de Deus, que falou assim: “Eu sei o que você tá procurando. Vira a primeira à direita”.

Quando o Flávio Conceição virou, tinha uma igreja, ele levou a mulher dele, a filha, e o santo foi embora. Depois que ele contou isso, lanchamos e fomos pro quarto. Só que o Flávio Conceição era sonâmbulo, levantava à noite, falava sozinho e ficava andando pelo quarto. E eu fiquei com aquela imagem na cabeça, do papo da janta, que ele falou da esposa dele, que o santo encostou nela. Quando ele levantou de noite e começou a conversar, eu peguei a Bíblia e taquei na cabeça do Flávio Conceição. Acordei ele.

— O que é que tá havendo, o que que tá havendo, Vampeta?

Só falei:

— Achei que tinha um santo com você, também...

* * *

Estávamos concentrados em Teresópolis, para a disputa das Eliminatórias de 2002, pela Seleção Brasileira. Os quartos eram de dois jogadores. Dessa vez, eu estava com o Zé Roberto. Ao lado, estavam Júnior e Roberto Carlos, os dois laterais-esquerdos. Era uma época de muita chuva em São Paulo, com enchentes, pessoas desabrigadas, e esse era o tema de uma campanha do programa de TV da Sônia Abrão, que nós estávamos assistindo, à tarde.

Roberto Carlos, então, pegou o telefone. Através do assessor de imprensa da CBF, conseguiu entrar ao vivo no programa e disse:

— Sônia, eu quero ser solidário com a sua campanha. Por isso, eu e o Júnior, aqui do meu lado, estamos doando cento e vinte mil cobertores para as pessoas desabrigadas.

Isso dava uns quinze mil reais para cada um. Foi aí que o Júnior, mesmo estando fora da linha, reagiu desesperado:

— Eu não! Eu não! Desse jeito, quem vai acabar ficando sem cobertor vou ser eu!

* * *

À noite, depois do treino, foi a minha vez de sacanear o Zé Roberto. Tinha um programa na Record, *o Fala que Eu Te Escuto*, falando sobre bruxaria e macumba. E o Zé Roberto é da igreja. Eu entrei no quarto, liguei escondido pelo celular e consegui entrar no ar através do Rodrigo Paiva, o assessor de imprensa da Seleção.

Quando o bispo que apresentava o programa falou “Alô? Boa noite, é o Vampeta?”, o Zé Roberto, que estava deitado na outra cama, do meu lado, arregalou os olhos. Eu respondi: “Bispo, aqui no quarto estamos eu e o Zé Roberto. Eu não sou descrente de nada, mas é ele que quer dar uma palavra com o senhor sobre o tema, porque ele também é da igreja”. Depois disso, o Zé Roberto queria me enforcar, me bater...

* * *

Eu também lembro que nos anos de 98, 99 e 2000 Corinthians e Palmeiras tornaram-se ainda mais rivais. Nesses três anos, eu e o César Sampaio quase não nos falávamos, só nos cumprimentávamos dentro de campo. Aí teve uma convocação pra Seleção Brasileira, um jogo

das eliminatórias pra Copa de 2002, Brasil e Equador. E na Seleção, normalmente, os dois que jogavam na mesma posição ficavam concentrados no mesmo quarto.

Eu chego ao Hotel Transamérica, na Marginal Pinheiros, antes do Sampaio e subo. Pego a chave na recepção, quando subo vejo na porta do elevador: Vampeta e César Sampaio no mesmo quarto. Falei: “Misericórdia, o que eu vou fazer com o César Sampaio no quarto? O Sampaio é da igreja, não vou terrezinha nenhuma, assunto nenhum com o cara”. Nisso entra o Sampaio enquanto eu tô tirando meu terno e minha gravata, botando o agasalho da Seleção. Chega o Sampaio com a chave, abre a porta do quarto e fala:

— Vampeta, bom dia. Tudo bem?

Ele é assim, todo suave. Aí eu falei:

— Tudo bem, Sampaio. Eu tô aqui arrumando meu *Minuto de Sabedoria*, minha *Bíblia* e meu *Novo Testamento*, né?

Vão chegando os outros jogadores: Edmundo, Djalminha... Nas portas dos quartos, ficava uma cartolina com os nomes: Vampeta e César Sampaio, Djalminha e Rivaldo. Os caras passavam e falavam: “Eu quero ver se o Vampeta vai levar o Sampaio pro Terra Brasil (nome da minha casa de pagode) ou se o Vampeta vai pra Igreja”. A gente escutava lá de dentro do quarto os caras dando risada. Aí o Sampaio chegou pra mim:

— Vampeta, tô vendo você aí com a *Bíblia*, *Minuto de Sabedoria* e o *Novo Testamento*.

— É, Sampaio, quando eu fui pra Holanda, em 94, eu li a *Bíblia* toda três vezes, porque eu não sabia nada de holandês. Eu assistia televisão e não entendia nada. Então, um casal de amigos meus me deu uma *Bíblia* católica, que tem seis livros a mais do que a *Bíblia* protestante. Eu li e só não decorei os “Salmos” e o “Apocalipse”.

Ele ficou abismado com aquilo. Eu falei:

— Ó, e eu sei todos os grandes homens da Bíblia. Começa com Adão, vem Salomão, vem Davi.

Ele pegou o telefone e falou:

— Vampeta, vou ligar pra minha esposa.

Ele ligou pra esposa dele e falou:

— Amor, o quarto é eu e o Vampeta, eu acho que vem uma ovelha pro nosso rebanho. Pensei assim: em menos de uma hora já quer me convencer a ir pra Igreja com ele...

E o Sampaio continuava:

— ... ele sabe tudo da *Bíblia*, tá aqui me dando uma aula.

Quando ele desligou o telefone, eu falei:

— Ó, Sampaio, eu não cheiro, não fumo, saio quando eu quero, não sou viciado em bebida, nada. O problema é mulher. Você vê a história de Salomão, de Davi... Começa com Adão, lá no começo de tudo. A Eva levou ao pecado.

Aí ele falou pra mim:

— Vampeta, oração e jejuar. Comoração e jejuar você se livra dessas tentações...

Na época, o Eduardo José Farah era o presidente da Federação Paulista de Futebol. E tinha as “farazetes”, que o Farah mandava pra torcer pra Seleção. Aí eu chego no treino, estão as meninas tudo de sainha, com aqueles pompons, gritando o nome dos jogadores da Seleção Brasileira. Virei pro César Sampaio e falei:

— Sampaio, aquele papo que a gente teve de manhã... Eu não tô preparado, não. Olha lá, ó. Olha as tentações tudo ali, gritando o meu nome.

O Sampaio só deu risada. Voltamos pro hotel, jantamos, subimos pro quarto. Ele pegou o telefone, ligou pra esposa dele e fala:

— Amor, lembra do Vampeta, que eu falei que sabia tudo da palavra de Deus? Não é ovelha, não, ele é lobo! Não pode vir pro rebanho, não! Ele é lobo...

E bateu o telefone.

Naprimeira convocação dele, Felipão não chamou nem eu nem Edílson. Foi pro jogo em Montevidéu, contra o Uruguai. Tomamos de 1 a 0, lá, pelas eliminatórias. Passaram três meses e ele convocou eu e Edílson. A gente ia pegar o Chile e a Bolívia. O Chile, lá em Curitiba. Fomos pro CT do Caju, do Atlético Paranaense.

Chego de terno e gravata (hoje, na Seleção, todo mundo chega como quer...). Edílson também. Vamos pro quarto eu e ele, só que ele deixou a porta aberta. Estamos sentados lá, e eu gosto de fazer caça-palavras. Edílson está tocando cavaquinho e eu estou já com o agasalho da Seleção, tirei a roupa, terno, gravata. Felipão entra no quarto, olha pra nós dois e fala:

— Queria dizer que não tenho nada contra vocês dois, esquece aquelas guerras de Corinthians e Palmeiras. Somos todo mundo agora da Seleção, conto com vocês e vou falar logo que os dois vão sair jogando. Me dá um abraço aqui.

A gente foi, né? Família Scolari, aquela coisa. Eu já abracei, o Edílson abraçou também.

* * *

Dali fomos pra janta. Depois, uns gostam de jogar baralho, outros gostam de jogar sinuca, outros gostam de ver novela, uns gostam de bater papo até a hora do lanche. Felipão falou:

— Vai ter reunião numa sala aí, todo mundo pra sala. Tem um amigo meu que vai conversar com vocês, um psicólogo.

Fomos todos nós pra uma sala, sentamos, o psicólogo veio e se apresentou:

— Eu já trabalhei com o Felipe no Grêmio, trabalho no Palmeiras. Alguns aqui me conhecem, eu sou muito amigo do Felipe. Vocês sabem quantos milhões de hambúrgueres o McDonald's vende por ano no Brasil?

Todo mundo ficou olhando pra cara do psicólogo: “Pô, esse cara é louco, né?”. E ele falou:

— Trilhões. Vocês sabem quantos milhões de chocolate a Nestlé vende por ano no Brasil?

Todo mundo sentado: eu, Antônio Carlos, Sampaio, Rivaldo, Edílson, Roberto Carlos, Cafu, Marcos, Dida.

— Não.

Aí ele:

— Milhões. Vocês sabem o que são aborígenes australianos?

Aí eu, lá no fundo, falei:

— Eu sei.

O grupo todo olhou pra trás. E eu respondi:

— Os aborígenes são as tribos originais da Austrália.

Aí ele:

— Parabéns, Vampeta.

O grupo todo olhou pra trás e deu risada.

— E você sabe, Vampeta, sabe o que é emu? Emu é uma espécie de animal que só tem na Austrália. E esses pigmeus caçam emus ou cangurus. Eles são focados na caça. Só que, se eles saem pra caçar emu, pode passar um milhão de cangurus do lado deles que eles não pegam. Eles são focados só naquilo. Vocês têm que ser focados no Chile e esquecer a Bolívia. Não têm que pensar na Bolívia. Foca no Chile e deixa a Bolívia pra depois, porque se vocês tiverem o pensamento e o foco que nem essa tribo de aborígenes, vocês vão ter resultado, vocês vão se sair bem pra caramba. Agora eu quero que vocês todos deitem no chão, de bruços.

E lá vai todo mundo tirando as cadeiras. Quando todos deitaram no chão, ele falou:

— Felipe, narra um gol da Seleção aí.

Felipão falou:

— Pô, mas, bah, tchê... Eu não tenho o time na cabeça, não. Eu não sei quem vai jogar.

Aí ele:

— Pô, Felipe, tá bom. Então narra por posição.

Felipão concordou:

— Tá bom, então. O meu camisa 1 deu a bola no camisa 2, o 2 deu no camisa 3, o 3 deu no

5, o 5 deu no 8, o 8 foi no fundo e cruzou. O 10 fez o gol de cabeça.
Aí o Rivaldo falou:
— O 10 sou eu, quem fez o gol fui eu. 1 a 0 pro Brasil, gol meu.
Todo mundo deu risada na hora, e o cara falou:
— Felipe, narra outro gol da Seleção.
Aí eu falei:
— Professor, a fase tá foda... Nós não vamos golear os caras, não!
Mas o Felipão falou:
— Bah, tchê! Eu quero golear, vamos golear. O meu goleiro deu no camisa 4, o 4 deu no 6, o 6 deu no 5...
Quando ele falou “deu no camisa 6”, o Roberto Carlos falou:
— O 6 sou eu!
Aí chegou no 8:
— O 8 chegou no fundo, cruzou.
E eu falei:
— O 8 sou eu...
O 10 acabou de fazer o segundo e o Rivaldo falou:
— Acabei de fazer o segundo agora, Brasil 2 a 0.
Então o psicólogo disse:
— Agora eu quero que todo mundo fique de pé.
Jogou um perfume, com todo mundo de pé.
— Felipe, os atletas que falaram eram tão confiantes que você pode botar pra jogar.
No dia seguinte, ele botou eu de titular, o Sampaio foi pro banco. E todo mundo falou que nós ganhamos a posição no grito. Foi 2 a 0, um gol de Edílson e outro de Rivaldo. Por pouco não fomos dois do camisa 10.

* * *

Também durante as eliminatórias pra Copa de 2002, Edílson e França chegaram a fazera dupla de ataque, porque o Ronaldo Fenômeno não pôde jogar e o Romário tinha tido um problema com o Felipão no jogo Brasil e Uruguai, em Montevidéu. Edílson, malandro, chegou pro França e falou:

— França, a parada é a seguinte: a Seleção tá em dificuldade nos atacantes e vamos eu e você tocar a bola um pro outro, que o Felipão convoca a gente pra Copa. O Ronaldo tá lesionado e o Romário não vem mais. Fechado?

França falou:

— Fechado.

Se não me engano foi no jogo contra a Venezuela. Edílson vai, vai, vê o França na marca do pênalti e chuta pro gol. Não tocou a bola pro França. Aí o França vem na tabela, toca a bola pro Edílson, Edílson faz o gol. Depois, Edílson sai duas vezes pra rolar a bola pro França, mas nas duas chuta pro gol. Ganhamos o jogo, estamos voltando no avião, classificados pra Copa do Mundo, todo mundo feliz, e eu vejo o França todo triste. Vou no França:

— França, por que você tá triste, pô?

— Seu amigo é um traíra do cacete. Combinamos de um dar a bola pro outro, ele saiu três vezes pra rolar a bola pra mim e não tocou.

— Pô, que é isso, cara? Tá todo mundo feliz, ganhamos de 3 a 0, tudo bem que você não fez gol.

Saído França e fui lá falar com o Edílson. E digo:

— O cara tá chateado com você, lá. Você combinou o que com o França, Edílson?

Edílson falou:

— Não, pô... Eu combinei com ele de um passar a bola pro outro pra nós garantirmos a vaga pra Copa do Mundo. Só, Vamp, que apareceram três chances pra eu rolar pra ele, ele ia fazer

três. E aí eu ia ficar de fora, eu não toquei nenhuma pra ele. Vamos lá falar com o cara. Vem comigo, Vampeta.

— Olha, França, eu juro por Deus, eu não te vi, cara.

— Não, Edílson. Você me viu, eu tava na marca do pênalti, sozinho.

— França, por Deus, eu não te vi.

— Mas eu te vi, Edílson. Quando foi comigo, eu te enxerguei, toquei e você fez o gol.

— Mas eu juro por Deus, eu tava de cabeça baixa, França. Eu não te enxerguei.

Aí ficou aquela discussão, eu saí com o Edílson e ele me falou:

— Vampeta, onde que eu ia tocar a bola pra ele? Eu enxerguei ele três vezes, mas não toquei.

Edílson acabou indo pra Copa. França, não.

* * *

Na estreia da Copa do Mundo de 2002, disputada na Coreia do Sul e no Japão, a gente foi enfrentar a Turquia. Estreia em Copa do Mundo é sempre aquele jogo tenso, e a Turquia era uma seleção forte, com Sukur, Tugay, Basturk, Emre... No coletivo, Felipão chamou o Murtosa, auxiliar dele, e falou:

— Treina o time reserva que nem a gente viu nos vídeos, como a Turquia joga. Bota o time reserva como a Turquia se posiciona.

Que era pra ele posicionar o time titular. Aí o time reserva entrou com Dida no gol, Belletti, na zaga jogamos eu e o Polga, e o Júnior na lateral esquerda. Depois vinha Kaká, Ricardinho e Cleberson. No ataque, Edílson, Luizão e Denilson. O time reserva. Aí o Murtosa posicionou a gente lá como se fosse a Turquia. O time titular: Marcos, Cafu, Lúcio, Roque Júnior, Edmilson e Roberto Carlos. O meio-campo vinha com Gilberto Silva, Juninho, Rivaldo, Ronaldinho e Ronaldo (ou vice-versa).

Começa o coletivo, pá-pá-pá, o time reserva faz 1 a 0. Pá-pá-pá, 2 a 0. Pá-pá-pá, 3 a 0. Aí o Felipão grita:

— Para, para, para! Se for assim, amanhã eu tô *fudido*... Para, Murtosa, para!

Jogou o chapéu no chão e saiu do campo.

Foi aquele sufoco pra ganhar da Turquia por 2 a 1 no primeiro jogo, o jogo de estreia. Ganhamos, até, com um gol de um pênalti que foi fora da área.

* * *

Terminou o primeiro tempo 1 a 0 pra eles. O Felipão vai descendo pro vestiário, já puto. Eu, Edílson e Luizão o seguramos e falamos:

— Calma, professor. Não fala nada com os caras que a gente vai virar esse jogo.

Felipão aí se acalmou mais um pouquinho. Deu a palestra no intervalo. A Seleção volta, 1 a 1, 2 a 1 pra nós. Beleza. Primeira vitória na Copa.

Segundo jogo, contra a China: Brasil 4 a 0, já classificado pra segunda fase da Copa. Aquele oba-oba, todo mundo contente, feliz. Aí vamos pro treino, pra pegar a Costa Rica. E o Felipão, vendo aquele oba-oba (e o Ronaldo numa preguiça no treino, numa preguiça...), parou o treino e falou:

— Rivaldo, quando passar a bola pro Ronaldo Nazário, passa no pé, que ele é lento.

Falou que o Ronaldo era lento. O Ronaldo ficou puto:

— E tem mais: agora eu vou escalar pro treino. Ronaldo, tira a camisa e dá pro Luizão. Vem pro time reserva.

Mexeu com o brio do Fenômeno. Isso o Felipão sabia fazer. Nossa, Ronaldo veio pro time reserva! E o ataque ficou Ronaldo, Denilson e Edílson. O Ronaldo pegou o Roque Júnior, o Edmilson e o Lúcio. Pareciam três bobos, três gatinhos, pra lá e pra cá. Ele driblava prum lado, eles caíam. Driblava pra outro e eles caíam. Ronaldo, aí, quis treinar e falou:

— Agora fala que eu sou lento.

E a gente ficava falando:

— Lento, lento, lento!

Por isso que eu falo que ele foi um dos maiores responsáveis pela conquista do penta. Porque tinha um monte de ovelha desgarrada, mas com um pastor, que foi o Felipão, que fez as ovelhas ficarem todas juntas.

* * *

Já durante a Copa do Mundo, sentávamos sempre no banco de reservas, além do Émerson (que tinha sido cortado), Dida, eu, Ricardinho, Edílson e Luizão, aquela turma do Corinthians. Só que, quando a gente foi pra Copa, o Ricardinho já estava pra ir pro São Paulo, Luizão já era do Grêmio e Edílson, do Cruzeiro. Aí vinham Belletti, Kaká, Rogério, Júnior... Os mais próximos.

Desde que começaram os jogos da Copa, Edílson falava assim:

— Pelo amor de Deus! Como é que a gente vai ganhar essa Copa do Mundo? Olha o tamanho da bunda do Ronaldo!

O Ronaldo ia, fazia gol. Então, todo mundo olhava pro Edílson, que respondia rápido:

— Eu falei do tamanho da bunda dele, não falei que ele é ruim...

* * *

Estamos voltando da Copa, campeões e tal. Após o término da Copa do Mundo, aquela celebração toda, a gente campeão mundial depois dos 2 a 0 na final contra a Alemanha. No vestiário, todo mundo comemorando. Voltamos pro hotel, após a janta fomos pra Tóquio. Eu lembro que fomos na mesma van, Kaká e Kleberson. Chegando lá, o pagode rolando, a festa, todo mundo... e vai dando quatro da manhã, cinco. Alguns jogadores vão indo embora e eu tô com a chave da van com o motorista, com o japonês. O Kaká, que sempre foi dado à Igreja, mais quietinho, falou:

— Vamp, vamos embora.

— Que vamos embora? Agente é campeão do mundo!

O Kaká ainda molecão, né? E eu sei que o Ronaldinho Gaúcho, o Roque Júnior, o Edílson e o Gilberto Silva pegaram os instrumentos, começaram a fazer um pagode e tal. E ali vai bebendo. Voltamos pro hotel, continuei bebendo. Dormi, descansei, viemos pro avião.

A minha poltrona, na fila em que eu estava, era eu, Ronaldo e Luizão. Ali todo mundo estava cansado da noite após o título, todo mundo cansado. Na primeira classe, comissão técnica e jogadores. Na classe econômica, lá no fundo, eu vejo a maior zoadá, o maior sambão. Vou lá e encontro o pai do Luizão, o pai do Roque Júnior, vários jornalistas, alguns familiares de jogadores. E eu fico ali, bebendo.

** *

Chega até os Estados Unidos para o voo abastecer, continuo ainda lá, no desembarque, bebendo com o pessoal. Volta pro avião. Vem pro Brasil. Chega no espaço aéreo brasileiro, dois aviões da FAB acompanhando o nosso voo até Brasília. E eu bêbado, porque viemos bebendo eu, o pai do Luizão e o pai do Roque Júnior. Bebendo e jogando baralho. A gente já bebe sem ganhar nada, imagine sendo campeão mundial. Vim tomando o famoso Tang, como eu falo.

Chegamos em Brasília, desembarcamos direto, subimos no trio elétrico da cantora Ivete Sangalo, para sermos recebidos pelo então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Não fizemos alfândega — porque não faz alfândega porra nenhuma, é tudo história. Estamos em cima do trio, aí Ivete canta: “Quero o meu negão do lado, cabelo penteado...”. E eu, bêbado, achava que ela estava cantando pra mim. E Ivete ainda falava: “Gente, eu não posso cantar, que Vampeta tá me cantando...”. No meio da carreata, o povo todo na rua, um cara

me jogou a camisa do Corinthians. Eu vesti e joguei pra ele a da Seleção. Aí o Marcos, goleiro, falou:

— Ô, palhaço... Só tu tá diferente. Vai ter a foto oficial e sóvocê vai estar com a camisa diferente.

Só que dali a pouco um outro torcedor jogou também a camisa do Palmeiras para o Marcos. Ele vestiu e não ia jogar o agasalho da Seleção de volta para o cara. Mas quando o Marcos vacilou eu também joguei o agasalho dele lá pra baixo e disse:

— Palhaço, agora tamos*fudidos* nós dois...

* * *

Chegamos lá, perfilamos para o Fernando Henrique nos receber. Aí eu falava assim:

— Quando chegar a minha vez, eu vou dar uma cambalhota igual ao Louco, quando ele chegava pra saudar a gente.

É que tinha um cara lána Copa que a gente chamava de “Louco”. Ele era o único torcedor que entrava na concentração e ficava junto com a gente, jantando, almoçando. O Felipão liberava só pra ele. Ele chegava, dava uma cambalhota e falava “bom dia”, “boa noite” ou “boa tarde”. Sempre depois de uma cambalhota. O nome dele é Nilson Locateli, uma figura muito conhecida no meio do futebol, principalmente dos jogadores da Seleção, porque ele sempre está acompanhando.

Aí os caras punham pilha:

— Duvido, duvido.

O Felipão falava assim pra mim:

— Bah, tchê... Vê lá o que tu vai fazer.

E eu respondia pra ele:

— Olha, eu já tô desconvocado, estou em solo brasileiro, meu treinador agora é o Parreira, do Corinthians. Táchegando a minha vez... Eu vou dar a cambalhota...

Em cima do trio, naquele calor em Brasília, eu ficava bêbado e ficava bom, ficava bêbado e ficava bom... até chegar a rampa. Quando cheguei na rampa, já estava bêbado de novo. Foi nessa hora que eu dei aquelas cambalhotas. Sóque eu estou com a camisa do Corinthians. Se você vê, o Marcos está com a camisa do Palmeiras também, só que é verde, e a camisa que a Seleção usava por baixo do agasalho também era verde. E a camisa do Corinthians, que é aquele preto, mesmo, chama mais a atenção que o verde. O Marcos também aparece com a camisa do Palmeiras recebendo a medalha do Fernando Henrique. Mas como eu dei as cambalhotas com a camisa do Corinthians, destacou mais.

10

Outras camisas,
outras histórias

Inter de Milão (2000): escapando de Zidane

Saí do Corinthians no meio de 2000 pra Inter de Milão, da Itália. Aí o técnico Marco Tardelli me bota no banco. Íamos jogar contra a Juventus. Pensei: “Caralho, justo no dia em que eu ia marcar o Zidane, o Del Piero, pra ver se esses caras são tudo isso mesmo...”. Lá também tinha o Seedorf, holandês, mas que fala português. Naquele dia, o Tardelli meteu também o Seedorf no banco. Começamos a conversar.

— Puxa, Seedorf, quando eu joguei no Fluminense, anos atrás, o Valdeir, que tinha jogado na França, já me falava desses caras, do Zidane, do Djorkaeff. Queria muito enfrentar o Zidane.

Seedorf deu risada e falou:

— A gente se livrou foi de uma boa. Você vai ver o que o Zidane joga.

Realmente, se você visse o Zidane jogando... Que é isso, que elegância! Parecia que o cara era feito de chiclete: onde a bola batia, colava nele. O Di Biagio, italiano, e o Cauet, francês, que jogaram no meu lugar e no do Seedorf, corriam como loucos pra marcar, mas não viam a cor da bola. No fim, deu empate, 2 a 2. Junto comigo, sentado no banco, o Seedorf só dava risada:

— Viu? Viu? Viu só do que a gente se livrou?

* * *

PSG (2001): Paris é uma festa!

Quando eu estava indo pro Paris Saint-Germain, fiz um contrato pelo qual tinha direito a dez passagens de primeira classe. Só que minha família, minha mãe, nunca gostou de sair da Bahia, meus irmãos também não. Venho convocado pelo Leão para um jogo contra a Colômbia, pelas Eliminatórias, aquele jogo no Morumbi que a torcida vaiou e nós ganhamos de 1 a 0, gol do Roque Júnior, aos quarenta e cinco do segundo tempo. No dia seguinte, tenho que ir pra Paris. E o que foi que eu fiz? Peguei cinco passagens de primeira classe, transformei em econômica e levei oito mulheres comigo pra Paris.

Lá na França tinha eu, o Christian, centroavante, que é solteiro também, o Alex Mineiro, o Aloísio (que jogava no Saint-Etienne), o César (zagueiro) e o Lucas (centroavante, que jogou aqui no Corinthians, no Atlético Paranaense). Arrumei oito mulheres e estou levando comigo pra Paris.

Só que quando chego no aeroporto vejo o Galvão Bueno, o Paulo Coelho, uma galera assim, que ia na primeira classe. O Galvão me cumprimenta e eu falo pra elas: “O Galvão Bueno taí... Pode dar uma merda... Vocês fingem que não me conhecem”. Estamos embarcando e o Galvão Bueno comenta comigo:

— Quanta mulher bonita...

Eu respondo:

— Poisé, devem estar indo desfilando lá em Paris...

Só que elas estavam todas comigo. Quando estávamos descendo em Paris, nós, da primeira classe, e elas, da econômica, na hora de pegar as malas, as meninas viraram pra mim e me entregaram:

— Patrão, patrão... As malas a gente pega onde?

O Galvão Bueno olhou pra mim na hora. E eu respondi:

— Não disse que elas tavam indo “desfilar”?

* * *

Elas ficaram comigo uma semana lá. Eu morava em um condomínio de embaixadores. Foram todas pra minha casa. Eu falava assim: “Ninguém faz um feijão aí? Ninguém cozinha?”. E elas respondiam: “Que cozinhar, o quê? Nós estamos em Paris, vamosé pra Torre Eiffel!”

* * *

Certa vez, estou no estádio, jogando contra o Auxerre, e o técnico Fernández me fala:

— Vampeta, eu acho que vou te poupar desse jogo. Você acabou de jogar pelas Eliminatórias agora na quarta, viajou na quinta, chegou na sexta...

Mas eu respondi:

— Não, não, eu tô legal. Pode me escalar.

Joguei, fiz um golão, um dos gols mais bonitos que eu fiz na minha vida. E essas meninas estão no estádio, todas lá. Tínhamos dois motoristas, um meu e outro do Christian, que levavam todo mundo.

O jogo está rolando e no telão do Estádio Parc des Princes as câmeras só focavam as meninas. Umas seis, sete, todas juntas. Eu me distraí tanto olhando pro telão que o capitão do time até me deu uma bronca:

— Marcos, Marcos... Vamos jogar!

* * *

Termina o jogo, tem uma sala lá que recebe a família dos jogadores, os convidados. As meninas vão pra lá. Boto o terno e a gravata, passo lá, tomo um copo de vinho e digo: “Vamos, vamos embora. Vamos passear!”. O treinador Fernández e os outros jogadores só olhavam eu saindo, com toda aquela mulherada atrás... O Christian não fazia isso, não. Ele tinha medo.

No Campeonato Francês tinha muito jogo na sexta e no sábado. Domingo só tinha um jogo à noite, o da televisão. Então, na segunda-feira, depois do treino, ia todo mundo pra minha casa. Era churrasco, *barbecue*, num frio de cinco graus abaixo de zero.

Liguei pro Ronaldo e disse:

— Olha, tô com oito mulheres aqui na minha casa, oito modelos.

Ele pegou um jato, foi pra Paris e também ficou lá. O Roger Milla, aquele da Seleção de Camarões, também foi. Elas ficaram dez dias lá, comendo e bebendo, e nunca ninguém cozinhou um feijão. Eu dizia: “Gente, pelo amor de Deus, pelo menos um feijão vocês sabem fazer...”. Mas elas só respondiam: “Ah, tamos em Paris, patrão...”.

* * *

No Paris Saint-Germain, os caras ficavam me gozando porque tinham ganhado do Brasil na final da Copa do Mundo. Gozando de mim, do Christian e do Ronaldinho Gaúcho. O Luis Fernández, técnico, que também foi jogadora Seleção Francesa na Copa de 86, vinha e falava assim pra gente:

— Vampeta? *Oh là là!* Brasileiro...

— Ronaldinho? *Oh là là!* Brasileiro...

— Christian? Non, Christian non brasileiro...

Querendo dizer que o Christian era ruim, que nem parecia jogador brasileiro. Eu dizia pro Christian:

— Christian, manda esse cara tomar no cu! Reage, pô...

Mas ele nunca reagiu.

* * *

Raí, Rivaldo, Leonardo e Ricardo Gomes são tidos como deuses lá no Paris Saint-Germain. Um dia o Raí chegou no treino e me falou:

— Vamp, tudo bem? E aí? Tá gostando de Paris, tá gostando do clube? Tá morando onde?

Eu falei:

— Tô num hotel ainda, arrumando uma casa pra morar.

— Então, vou passar à noite pra te pegar pra gente ir jantar.

O Raí me levou num restaurante lá em Paris que tem aquelas comidas chiques. Ele me explicando como é que é pra se adaptar, falamos do clube. Depois o Raí me levou pra uma danceteria. No que eu olho, estou tomando vinho. Daqui a pouco, o Raí está em cima de uma mesa, dançando. Eu falei: “Nossa, esse cara lá no Brasil tinha fama de ser bonzinho, ele e o Leonardo. E eu que tenho fama de maluco vou ficar aqui embaixo?”.

Subi na mesa também e comecei a dançar junto com ele. Digo:

— Agora, é nós dois...

* * *

Flamengo(2001): “Eles fingiam que pagavam...”

... e eu fingia que jogava. Cheguei a falar isso, mesmo, mas antes é preciso explicar o que aconteceu. Após a Copa do Mundo de 2002, o Corinthians foi jogar a Copa dos Campeões. Nós íamos enfrentar o Fluminense e os atletas do Flu ameaçaram fazer greve, porque estavam sem receber os salários. Estamos conversando eu, Rogério, Fábio Luciano, Scheidt, Deivid. Tinha perto umas pessoas que me escutaram falar:

— Os caras do Fluminense estão certos de fazer greve, mesmo. Esse futebol do Rio não paga ninguém, está na hora de dar um basta nisso.

Foi aí que alguém me perguntou se o Flamengo tinha me pago quando eu joguei lá. Então, respondi:

— Pagou nada... e eles lá pagam alguém? Eles fingiam que me pagavam e eu fingia que jogava.

Eu estava só brincando, mas à noite, quando fui ver, a frase apareceu no *Jornal Nacional*. Alguém gravou e meteu no ar. Algum jornal de Belém passou pra rádio, da rádio apareceu no *Jornal Nacional*, com a minha foto. Isso era dez dias depois da Copa do Mundo de 2002. No dia seguinte, dei uma coletiva assumindo:

— Falei a frase, sim. O Flamengo não paga ninguém mesmo, fingia que pagava, eu fingia que jogava. Acabou a coletiva e eu tô indo embora.

Lamento muito pela gozação em relação à torcida do Flamengo, ao manto do Flamengo, mas láé complicado. Não é só no tempo que eu joguei, não. Isso vem em uma sequência de anos. O clube não se organiza mesmo em termos de pagar os salários em dia. Sempre a gente vê esse zum-zum-zum. Depois, todo mundo me liga: “Vampeta, e aquela frase? O Flamengo fingia que pagava e você fingia que jogava...”. Isso já vem há mais de dez, quinze anos. Não consegue se acertar pra pagar salário.

Depois daquilo, eu fui jogar contra o Flamengo lá, pelo Corinthians, já tinha ido lá com o Brasiense. Quando eu chegava no Rio, já viu. A torcida do Flamengo começava: “Vampeta, vai pro caralho...”, “Vampeta veado”, não sei mais o quê. Eu só mandava esperar, porque o jogo ia começar. Uma coisa que sempre me deu tesão na bola é o seguinte: clássico ou rival, ou jogar clássico ou jogar contra o rival dos outros estados. Chegava com o ônibus, eu ia direto pro campo, botava minhas coisas no vestiário, subia já pra agitar. Só pros caras me verem.

* * *

Um dos meus técnicos do Flamengo foi o Zagallo. O Luiz Carlos Prima era o auxiliar técnico dele. Aí a gente está lá, o Zagallo foi escalar o time e anunciou pros jogadores, com o papel na mão:

— O Flamengo vai jogar hoje com Júlio César, Alessandro(*esse que tá no Corinthians*)na lateral direita, Juan, Ayala e Castro.

Aí os caras falaram:

— Zagallo, tá errado aí. Não é Aiala, não, é Gamarra.

— Ah, é Gamarra, mesmo... Mastudo bem, é tudo do Paraguai. Deixa assim...

* * *

De volta ao Vitória (2004)

Na segunda passagem pelo Corinthians, quando terminou meu contrato, no fim de 2003, eu estavaputo. Voltava de uma lesão de cruzado e o time já não caía mais, não tinha chance de mais nada. Faltavam seis jogos do Brasileiro e eu não queria jogar, pra me recuperar melhor. Mas o técnico, Juninho Fonseca, insistiu:

— Joga aí pra ver como você tá pro ano que vem, que seu contrato acaba agora em dezembro.

Falei: “Beleza, então”. Ele prometeu que eu ia ficar no banco, voltando aos poucos, mas não me escalava. Vamos pra Curitiba e nada. Depois, prometeu:

— Domingo, contra o Goiás, você entra.

Eu digo:

— Como é que você promete que eu vou entrar, Juninho? Você não sabe nem como vai estar o jogo...

— Não, não, domingo você vai entrar, no intervalo do jogo eu te boto.

Chega o intervalo, eu estou achando que vou entrar, mas ele botou Cocito, botou Pingo e não me botou. E eu aquecendo o segundo tempo todo. Faltando dez minutos pra terminar o jogo, desci pro vestiário e fui embora. Aí o Juninho, depois, veio:

— Porra, Vampeta, um milhão de desculpas... Eu esqueci de você.

— Esqueceu, não: eu não te pedi pra me botarmos jogos. Você que combinou na frente do seu Rivelino(*que na época era o diretor técnico*), na frente do Roque Citadini(*vice-presidente de futebol*). Então, você é um merda. Não vem botar na minha conta, não.

Chega dezembro, eles queriam diminuir meu salário. Ofereciam a renovação, mas eu ganhava cento e setentamil e queriam baixar para cento e cinquenta. Eu digo: “Pô, pelo contrário. Eu tinha é que ter aumento! Machuquei jogando como titular. Depois que eu machuquei o Corinthians não fez mais porra nenhuma”. Não teve acordo.

* * *

Recebo proposta do Cruzeiro. O Vanderlei queria me levar pro Santos. Estava também com uma proposta do Cruz Azul, do México. Edílson me liga na casa da minha mãe, em Salvador (e estava indo de lá pra Nazaré):

— Vamos jantar, eu vou te pegar.

Marcamos o lugar, um restaurante. Vou com o meu carro, ele vai com o dele. Chegamos lá, em um restaurante na Orla, e daqui a pouco quem entra? Um supervisor do Vitória, chamado Joel Zanata, que propõe:

— Por que vocês dois não vêm jogar no Vitória?

No dia seguinte, Paulo Carneiro, o presidente do Vitória, me liga:

— Poxa, foi jantar ontem com Joel e nem me chamou?

Expliquei que ele havia chegado no restaurante por acaso, mas o Paulo Carneiro disse que também queria me ver.

— Quero te dar um abraço, Marcos (*ele me chama de Marcos, também*).

Marcamos de jantar, ele me ofereceu para voltar ao Vitória. Expliquei que tinha proposta do México, do mundo árabe, do São Caetano, que aliás estava me oferecendo uma fortuna naquela época.

— Vamos fazer o seguinte: eu fico três meses, jogo a Copa do Brasil e o Campeonato Baiano pra você. Depois disso eu vou pro mundo árabe, porque é de lá que vem a melhor proposta. Você me dá cinquenta mil reais por mês e a multa rescisória é de um real.

— E Edílson? Vamos ligar pra Edílson? Será que ele também vem?

Edílson, então, falou:

— Olha, eu já sou diferente do Vampeta. Eu venho por duzentos paus. Se você quiser me trazer, eu topo.

— Eu arranjo um jeito de pagar duzentos e cinquenta mil pra vocês na hora. Fechado?

— Fechado.

Pra mim foi bom, porque no mundo árabe a parada só começava em maio. E recuperei o joelho mais ainda, porque no Vitória o departamento de fisiologia é do caralho.

* * *

Foi um alvoroço na Bahia e no Brasil todo. Vampeta e Edílson, dois campeões mundiais, juntos no Vitória. Descemos de helicóptero no gramado em um Ba-Vi, eu e ele, no Barradão. Fomos campeões baianos. Na semifinal da Copa do Brasil, perdemos do Flamengo, 1 a 0, no Barradão. No Maracanã 1 a 1, pênalti pra gente, Edílson perde. E 2 a 1 tirava o Flamengo, que foi pra final e perdeu pro Santo André. Só que a gente é campeão baiano e botou o Agnaldo de treinador. Ele tinha acabado de parar de jogar, no Palmeiras, e passou a ser técnico do Vitória.

Quando fomos campeões baianos, em cima do Bahia, decidimos comemorar com um churrasco. Só que tinha que ir o grupo todo. Arranjamos uma casa na orla de Salvador, bem no meio do puteiro, pagamos tudo e fizemos o churrasco lá. Começou à uma da tarde. Foram todos os atletas, só que a esposa de um passou e viu os carros todos parados. Uma foi ligando pra outra. Ainda bem que quando elas chegaram eu já tinha saído. Deu seis horas eu fui embora. Tinha um atacante chamado Marcio, peruano, que gostava de tomar vinho. Fomos eu e ele beber na orla.

Cheguei em casa às dez horas, já bêbado, durmo e no dia seguinte vou treinar. Quando chego, estava lá o Paulo Carneiro, presidente, e o grupo todo reunido. Perguntei: “Caralho, que porra foi?”. E o Edílson, que não bebe nada, não toma uma gota de álcool: “Tu não leu no jornal, não?”.

Depois do churrasco, Paulo Rodrigues virou com o carro na orla, ele e Enílton, centroavante. Felipe, goleiro, atropelou no calçadão da orla uma mulher. Do Marcio, atacante, tiraram foto dentro de um puteiro. E as esposas de dois pegaram eles também no puteiro. Saiu tudo no jornal *A Tarde*. Paulo Carneiro, aí, começou:

— Bando de vagabundos! Tá multado o grupo todo em 40%!

Nessa eu estou sentado, só ouvindo.

— Onde já se viu, virar carro na orla?

E os dois envolvidos no acidente estavam inteiros, não tiveram nada. Nisso, Edílson falou:

— Opa, 40% de todo mundo, não! Eu não fiz nada.

Aí eu aproveitei pra emendar:

— E eu tampouco! A coisa mais difícil é você fazer um churrasco com vinte mulheres e ninguém dar nenhum tapa. Pois fomos embora antes do churrasco terminar. Quem fez as

merdas vai pagar a parada, meu irmão.

Aí o Paulo Carneiro mudou de ideia:

— Éverdade. Então tá multado o senhor, seu vagabundo do seu Felipe, seu Enílton, seu Paulo Rodrigues...

Está certo. Vai botar o Xavier, que não fez nada na história? O Leandro Domingues, Magnum, o Edílson, eu, que não estávamos? O mais difícil foi fazer o churrasco. Nós pagamos tudo e fomos embora. Depois dali, cada um tem sua vida.

* * *

Aventuras das Arábias(2004/2005)

Com o Al-Kuwait, assinei um contrato de um ano. Peguei o avião, fui encontrar com o time lá em Colônia, na Alemanha, onde eles estavam fazendo a pré-temporada. Desci em Frankfurt, fui pro melhor hotel de Colônia, cinco estrelas. Pensei: “Caralho... Acho que eu tô na barca certa!”. Doze horas até Frankfurt, depois mais duas horas de carro até Colônia.

Na hora que eu cheguei no hotel, os caras estavam saindo todos pra treinar. Aí o treinador olhou pra mim. Eu tinha um tradutor chamado Mustafá. Ele mandou dizer que, se eu quisesse ir treinar, já podia. Achei meio estranho. Poxa, tinha acabado de chegar depois de catorze horas de viagem... Mandeí falar pra ele que nem tinha assinado contrato ainda, nem tinha feito exame médico e que estava cansado. Depois que tivesse feito os exames, à tarde, até treinava. Mas que, antes, ia tomar café e dormir. O tradutor falou: “Tudo bem”.

Eu estou vendo todo mundo sair com material diferente pra treinar, um com a camisa do Barcelona, outro com a da Juventus, outro do Milan. No Brasil, quando eu saí daqui, já tinha virado modismo os caras usarem camisa de time (antes, os caras falavam que era coisa de “boleirão”). Imaginei que lá fosse a mesma coisa. Mentira: era camisa de treino, mesmo. Cada um botava sua camisa, porque lá o clube não fornecia o material, e eu não estava sabendo disso. Eles só dão o colete.

Dormi à tarde, depois veio o xeique e o tradutor. Mustafá, falou:

— Ele está dizendo que é muito seu fã, te admira e será uma honra receber em nosso país um campeão mundial. E que aqui é tudo muito certo, muito correto, a gente paga em dia. Você pode ficar sossegado, não vai haver problema nenhum.

Tinha um outro brasileiro no time, chamado Fabiano Cabral, que jogou comigo no Flamengo quando ele era moleque. Mustafá me falou que também estava vindo um preparador físico do Brasil, porque o time, até então, não tinha preparador físico. Era um cara do Vasco, chamado Romildo, que chegou no dia seguinte.

Voltamos ao hotel, vimos os caras todos comendo com a mão. Rasgando frango, batata, arroz, tudo na mão grande. E em um hotel cinco estrelas, de luxo. Pensei: “Que rebanho de nômades...”.

* * *

Naquele mesmo dia, só que à noite, o xeique veio e me deu quatrocentos mil dólares na mão, como adiantamento do contrato. Dez meses, um milhão de dólares, cem mil dólares por mês. E ele deu logo quatrocentos! Aí, falei: “Agora a barca é boa pra caramba...”.

No dia seguinte fui *proshoppinge* comprei meu material. Ficamos dez dias em Colônia. Fomos fazer um amistoso contra um time alemão, da segunda divisão, e tomamos 12, 12 a 0! Mas o xeique mandou me chamar e disse pro tradutor:

— Fala pra ele ficar tranquilo, porque o nosso time é o mais forte que tem lána nossa competição. E tem seis jogadores que não estão aqui, porque estão na seleção.

Quando chegou o preparador físico, eu perguntei:
— Romildo, você fala inglês?
— Falo.
— Ainda bem, porque o Cabral já tá jogando há dois anos nessa merda e não fala árabe, não fala inglês, não fala nada.
Só que quando fomos fazer o primeiro alongamento o Romildo começou:
— *One... two... três... quatro... cinco...*
— Ué, você não falou que sabia falar inglês?
— Então, eu sei contar em inglês até dois...
— Vai tomar no cu! Eu sei falar mais que você! Sei contar até 100, até 1.000...
— Eu sei falar até onde eu sei...

* * *

Chegamos em Kuwait à noite. Um país muito bonito. Assim que desci do avião, um motorista me levou pra um apartamento em uma marina, todo mobiliado já. Quem morou lá foi o Dênis Marques, ex-Flamengo, que jogou no Al-Kuwait antes de mim. Vi uma foto dele lá. Eu também tinha direito a um carro. No dia seguinte, um cara passou às duas da tarde pra me levar pra escolher a marca. Também me levou pra mostrar o clube. O estádio nosso é do caralho, o único em que o emir leva o filho pra assistir os jogos da seleção. Por isso, tem os vidros blindados. Aí o cara me perguntou:

— Qual carro você quer?

No Brasil eu tinha uma BMW X5. Quando o Mustafá falou para o cara que lá eu também queria uma X5, ele perguntou:

— Tem certeza?

Pensei que tinha apelado, pegado pesado com os caras, porque aqui no Brasil a X5 é um carro de luxo. Mas falei: não vou dar pra trás, não. Eles estão todos encantados comigo, então confirmei que queria uma X5.

— Que cor?

— Azul, que é a cor do clube.

— Então espera aqui.

Não passou meia hora e logo chegou uma X5 pra mim. Quando fui ver, soube que X5, pra eles, lá, é táxi. Dois dias depois, quando fui treinar, vi os moleques todos chegando de Ferrari, de Porsche. O Kuwait é um país pequeno, que tem muito petróleo e uma moeda forte. Pra comprar um dinar kuwaitiano é preciso ter três dólares no bolso, onze reais. Os caras são todos ricos, odiados no mundo árabe. Os outros jogadores davam risada do meu carro, falavam que eu estava de táxi, que só indiano e filipino andava com um carro como aquele.

* * *

Tinha dezoito brasileiros lá, em outros times: Duílio, que jogou no Fluminense e era técnico; Júlio César Leal, Giba, Carpegiani, que foi embora da seleção. Pra nós, acabou chegando um treinador alemão. E lá não pode beber nada, só água. De bebida alcoólica não tem nada. Eles seguem o Alcorão ao pé da letra, como a Arábia Saudita. Só que no Kuwait mulher pode andar de carro e na frente dos homens. São um pouquinho mais maleáveis. Mas na Arábia Saudita, nada. Mulher tem que pegar as estrangeiras, aí é mais fácil que com bebida. Porque tem muitas estrangeiras no país que trabalham e a gente encontra nas festas. Colombianas, mulheres da Cruz Vermelha Internacional. Não tinha problema, não. O problema era bebida. Se não fosse por isso, eu ficava lá dez anos.

Um dia eu estou passando no *shopping* ouço um cara me chamando:

— Vampeta, Vampeta...

Achei que fosse um dos outros brasileiros que jogavam lá. Mas olhei e era um libanês.

— Oi, Vampeta, tudo bom? Eu te conheci em Foz do Iguaçu, na Copa América. Vejo sempre

— você por aqui, pela televisão. Está gostando do país?

— Ah, tô morando há três meses aqui nessa porra. Não tem bebida, só bebo quando eu saio do país, quando vou pro Marrocos, pra Damasco, na Síria, ou pro Egito.

— Ah, mas aqui tem bebida, sim, só que é tudo escondido. Você mora onde? Me dá seu telefone que eu vou levar você numa festa.

E me levou mesmo. Cheguei lá, com o Cabral e o Romildo, meus companheiros de clube, e tinha um monte de colombiano, paraguaio, suíço... Gente de toda parte do mundo. A música era salsa. Tinha vodca com suco de laranja e cerveja. Conheci logo um baiano que fazia cerveja, chamado Ribamar. Uma brasileira casada com um francês (porque depois da guerra com o Iraque ficaram as bases americanas, francesas, todas lá no Golfo) se entrosou comigo e disse:

— Aqui tem nossas festinhas fechadas, mas é tudo proibido. Se alguém souber, a gente pode ser expulso do país.

Colei com eles. O francês já me ensinou a fazer vinho, um vinho ruim... Aí cheguei pros outros brasileiros e falei: “Olha, vai lá pra casa que tem bebida”. Quando chegavam onze horas da noite, baixava todo mundo na minha casa. Os jogadores e treinadores dos outros times chegavam na minha geladeira, pegavam vinho, cerveja que o Ribamar sempre me dava. Todo dia.

* * *

Como é muito quente lá, todo mundo anda com uma garrafa d’água. Meu time estava jogando a Liga Árabe, em uma chave com um time do Marrocos, um do Egito e outro da Tunísia. Pro Marrocos dava dez horas de voo, pra Tunísia oito e pro Egito, três horas. Nos jogos de ida, antes de embarcar, eu pegava quatro litros de água e avisava os brasileiros: “Pega água que nós vamos passar no *freeshop*, comprar vodca, jogar a água fora e meter a vodca aí dentro”. Os caras me falavam: “Você é maluco”. E eu respondia: “Maluco, o caralho. Depois, se vocês aparecerem lá em casa atrás de caipirinha, vão se fuder, porque eu não vou dar porra nenhuma pra ninguém”. Viajávamos no avião próprio nosso, do emir do país. Deixavam a gente descer no aeroporto e sair direto. Chegava em casa, punha a vodca no liquidificador, mandava outro brasileiro comprar suco de limão, punha gelo, batia.

Uma vez por semana tinha aquela festa, que todo mundo tinha que levar uma bebida. Um dia eu estou indo e pego uma blitz. Só que eles não podem entrar no seu carro, nada. Eu fazia suco de uva e jogava vinho. Duas horas da manhã, o cara achou estranho um estrangeiro com suco de uva no banco do carona. O policial, na hora que cheirou, me pôs a mão e disse: “Preso, cadeia!”.

O futebol lá é amador. Os únicos profissionais eram os estrangeiros, como eu. Os jogadores dos outros times eram quase todos policiais. Por isso, quando eu cheguei na cadeia, muitos me reconheceram e perguntaram o que havia acontecido: “Vampeta???”. E eu respondia: “*Drink, drink*”. Já liguei pro tradutor:

— Mustafá, vem aqui que eu tô na delegacia.

Isso depois de sete, oito meses que eu já estava no país. Até que demorou pra dar merda, porque eu ia pra praia com bebida. Lá a gente só treina à noite, por causa do sol quente. Então, eu chegava às cinco da tarde, ficava jogando futevôlei com os caras e levava caipirinha. Ficava tomando e de lá ia pro treino. Os caras chegam todos do quartel e o treino é só com bola. Não treina físico, nada. Eu chegava pra treinar e ficava dando volta no campo pro álcool evaporar. Os outros jogadores sentiam o cheiro mas não diziam nada, porque achavam que não tinha bebida no país. Só depois fiquei sabendo que eles também bebiam escondidos. Todo mundo tinha, tudo vagabundo...

* * *

A polícia queria saber, pelo tradutor, como é que eu fazia o vinho.

— Fala pra ele que eu piso na uva, ponho açúcar, deixo guardado e vira isso.
 Só que também tinha um fermento de vinho que o francês me dava, pra eu pingar. E eu não ia entregar o francês. Eu tinha um pote de fermento de vinho.

— Ah, é? Então vai ficar preso aí. Vai fazer exame de sangue e urina. Se der álcool no sangue, é expulso do país. A lei do país é assim.

Sorte que eu tinha acabado de passar em casa, peguei a garrafa e ainda não tinha bebido nada. Fiz exame de sangue e urina e estou achando que ia sair assim, logo. Que nada: enquanto não vem o resultado do exame, pra cela. Junto com um monte de indiano, filipino. Mas as cadeiras eram todas acolchoadas, tinha até televisão. Apelei pro tradutor:

— Ô, Mustafá! Liga pro xeique, lá, rapaz.

— Você sabia a lei do país...

— Semana passada foi seu aniversário e eu te dei doze litros de vinho, seu vagabundo...

O Mustafá tinha setenta e lá vai fumaça, setenta e seis anos. Era libanês.

— Liga pro filho do emir, que também é o dono do time, pra ele me tirar daqui.

— Ele está no Mediterrâneo, está na lancha. Não está atendendo, não.

Fiquei dezoito horas na cadeia. Aí vieram os exames. O delegado me tirou de lá, falou que não acreditava em nada do que euestava falando, mas que como não comprovou nada tinha que me soltar. E eu ainda podia processar a polícia por ter ficado dezoito horas preso. Mas como eu jogava no time do emir, era melhor deixar elas por elas.

O filho do emir mandou me chamar — eu com trinta anos, ele com vinte e sete. Sentou na cabeceira da mesa e o Mustafá, que era o tradutor, não podia ficar encarando ele, não. Eu podia, porque sou de outra religião e não sou de lá. Aí o filho do emir mandou traduzir:

— Fala pra ele que em vez de fazer essas bebidas fajutas podia ter me falado, que eu dava uísque pra ele.

E eu dizia:

— Manda esse filho da puta tomar no cu, que eu fiquei dezoito horas preso por causa desse vagabundo. Se ele tinha uísque, por que não me falou? Esse vagabundo que você, Mustafá, não pode nem olhar pra ele, mesmo tendo idade pra ser o avô dele...

Eu estava maluco, porque fiquei dezoito horas trancado. O Mustafá só pedia:

— Vampeta, pelo amor de Deus... Fica calmo. Não fica agitado, não, você já está solto.

Na hora de traduzir, o Mustafá traduzia assim:

— Ele está pedindo desculpas, porque está um pouco nervoso. Nunca aconteceu isso com ele. Mas ele entende que o senhor está certo, mesmo.

Mas o cara estava me vendo agitado, batendo na mesa, xingando ele... E perguntava pro Mustafá:

— Por que ele está agitado assim?

— É porque ele vem de uma parte do Brasil, que é a Bahia, em que as pessoas sempre falam gesticulando. E essa é uma situação inusitada. Mas ele acha que o senhor está certo, está correto, mesmo. Ele quer saber qual é a punição dele.

— Então tá bom. A punição vai ser o seguinte: vou deixar ele dois jogos de fora.

Tudo bem: os nossos dois próximos compromissos eram contra dois times fracos, mesmo. No fim, ganhamos o campeonato de ponta a ponta. Me pagaram tudo certinho e vim embora.

* * *

Brasiliense (2005): primeiro rebaixamento

Foram três rebaixamentos ao longo da minha carreira: pelo Brasiliense, no Brasileiro de 2005; pelo Corinthians, em 2007; e pelo Juventus, de onde eu saí faltando quatro rodadas pra terminar o Campeonato Paulista, em 2008. O pessoal fala do rebaixamento do Vitória, mas no

Vitória eu não estava. Como é que eu podia estar no Vitória? Os caras botam na minha conta. No Fluminense, também, eu joguei em 1995 e fui semifinalista do Brasileiro. Eu não podia ser campeão holandês pelo PSV e rebaixado pelo Fluminense ao mesmo tempo. Quando o Fluminense caiu dois anos seguidos, eu estava ganhando três títulos na Holanda. Como eu sou um cara gozador, o pessoal gosta de aumentar meu número de rebaixamentos. Cair com o Corinthians, aí sim, é doloroso. Porque o Corinthians, onde estiver disputando, é favorito. Mas disputar um Campeonato Brasileiro com o Brasiliense, como eu disputei, em 2005, em que de trinta e oito partidas joguei trinta e uma... Isso, pra mim, é participar mesmo.

O grupo que o senador Luiz Estevão montou no Brasiliense tinha Marcelinho, Oséas, tudo amigo. Mas, se pegar o histórico dos caras que ele contratou pra não cair, você vai ver que os meus companheiros não chegaram a jogar dez, doze partidas naquele Brasileiro. O Marcelinho não jogou quinze partidas lá no Brasiliense. O Oséas não jogou doze. Eu participei mesmo, dei o máximo, nunca dei “migué”. Os caras que foram contratados pra poder me ajudar, infelizmente, não me ajudaram. Então tem isso, boto sempre isso na conta deles, também. Eu joguei muita bola no Brasiliense, apesar de o time ter caído. Tanto que no ano seguinte eu estava no Goiás, sendo campeão goiano e jogando a Libertadores.

* * *

Joel Santana foi meu treinador no Fluminense e depois no Brasiliense. Lá ele chegou, se apresentou e viu que no plantel tinha eu, Oséas, Marcelinho Carioca, Iranildo, Eduardo (o goleiro), e que tinha também um atacante chamado Reinaldo Aleluia. O Joel tinha sido treinador dele no Bahia. Quando chegou e ele viu o Aleluia lá, o Joel me falou:

— Vampeta, aquele ali é o Reinaldo Aleluia?

— É. Por quê?

— Nossa, ele é azarado pra caralho! Agora tamos *fudidos*, vamos cair. Puta que pariu, esse negão é muito azarado...

Joel falou pra mim que quando foi contratado pelo Bahia o Paulo Maracajá, presidente, apresentou ele ao grupo. Depois, o Joel foi lá no Fazendão olhar o treino de cima, das arquibancadas, olhar o coletivo pra conhecer os jogadores. E o Reinaldo Aleluia estava acabando com o treino. Ele ficou encantado com o jogador, mas aí o presidente do Bahia falou:

— Não tome por esse treino, porque esse neguinho aí é azarado pra caralho. Ele só faz essa fumaça quando chega treinador novo, mas é azarado.

Joel diz que, por dentro, até falou: “Isso aí é coisa de presidente, não sabe nada de bola”. No domingo ele já tinha logo uma pedreira, um Ba-Vi. Levou Reinaldo Aleluia, que já não vinha jogando, e botou no banco. Começa o jogo, Vitória 1 a 0, e o Joel pensa: “Agora, vou botar minha arma secreta. Vou botar o neguinho, o canela fina, e mandar ele fazer a fumaça que ele fez no treino. Vou empatar esse jogo”. Quando o Joel pensou em botar o neguinho, o Vitória fez 2 a 0. Joel falou: “Nossa, esse neguinho é azarado mesmo! Pensei nele e já saiu o segundo gol...”. Ele mandou Reinaldo aquecer e quando deu as instruções, que o Reinaldo Aleluia foi entrar em campo... Vitória 3 a 0. Aí o Joel falou que perdeu o jogo de 4 a 0. Por isso que quando ele foi pro Brasiliense e viu o Reinaldo Aleluia lá, me falou:

— Nossa, ele tá aqui, Vampeta. Não tem jeito, vamos cair!

E caiu mesmo.

Toda vez que eu falo pro Reinaldo Aleluia que o Joel me contou isso, ele me fala:

— Por que o Joel não conta que o gol do título que ele foi campeão baiano foi meu?

Essa parte ele não falou, mesmo. Ele só falou do azar.

* * *

Goiás (2006): reencontro com Geninho

Foi o Geninho, técnico com quem eu tinha sido campeão paulista no Corinthians, em 2003, quem me levou pro Goiás. Lá, fui campeão goiano e disputei a Libertadores de 2006.

Logo na minha apresentação, na frente de todo o grupo, o Geninho falou:

— Vampetaé um amigo meu. Já trabalhamos juntos no Corinthians, ele me ajudou, fui campeão paulista com ele lá. Eu só queria comunicar aqui ao grupo e a ele pra não irem no mesmo bar que eu vou, porque tem mulher pra caraca em Goiânia. A gente sô não pode se encontrar na mesma balada. Eu tô te comunicando, Vampeta: não ande no mesmo lugar que eu andar!

* * *

Juventus (2008): a última “molecagem”

Foi no Juventus da Mooca, o “Moleque Travesso”, que eu disputei meu último jogo como profissional. E também fiz minha última “molecagem” como jogador. Tinha parado de jogar, estou em Nazaré, aí o Márcio Bittencourt, que era o técnico do Juventus, me liga:

— Vampeta, vem jogar.

— Márcio, já tem quatro meses que eu não faço nada, cara. Não vai dar pra entrar em forma pro Campeonato Paulista, que já tá em andamento.

— Dá, sim. Eu tô precisando da sua ajuda aqui. Vem, vem, vem.

Topei. Assinei contrato de três meses, mas o campeonato já tinha doze rodadas. O Márcio é meu amigo pra caramba, lá do Corinthians. Eu chego, assino e dois dias depois ele vai pro Noroeste.

— Tô indo, mas fica tranquilo que vem um parceiro nosso aí, o Sérgio Soares.

Sérgio Soares chega, assume o Juventus e fica três jogos. Vai pro Santo André. Aí chegou o Fescina. O time era eu, Allan Dellon, Lima, Fernando Diniz, que tinha jogado comigo no Corinthians em 98, e uma molecada. O Fescina me chama e fala:

— No nosso meio-campo, só você e o Fernando Diniz já dão setenta anos de idade.

— Eo que o senhor tá pensando em fazer? Faz o que o senhor quiser.

— Já que você falou que eu posso fazer o que eu quero, vou meter você no banco.

Pensei: “Filho da puta... Mas está bom, então”. Vem o jogo Juventus e América de Rio Preto, o meu último como profissional. Estou no banco, Juventus e América, três horas da tarde, horário de verão, que é duas horas, porque lá na Rua Javari não tem refletor. Com vinte minutos, América 1 a 0. O Fescina foi e tirou o lateral-direito, Vaguinho, meteu outro jogador. Deu trinta e cinco do primeiro tempo, ele tirou outro jogador, fez outra substituição. Eu falei: “Porra, só sobrou uma vaga aí pra eu entrar...”.

Deu intervalo de jogo, 1 a 0 pro América. Voltamos pro segundo tempo, ele mandou o preparador físico aquecer todo mundo. Aí eu disse pros caras assim: “Olha o que eu vou fazer”.

O irmão do Paulo César de Oliveira, juiz, era o encarregado de anotar as substituições. Eu fiz de conta que fui aquecer e passei por detrás do técnico Fescina. Ele andava com uns óculos grandes pretos, crucifixo de corrente pra fora. Eu passo por trás do Fescina, vou lá e digo:

— Vai sair o número 10, Fernando Diniz.

O Fescina não tinha falado que eu e o Fernando Diniz não podíamos jogar juntos? Então, pra eu entrar, quem tinha que sair era ele. Quando eu assinei a súmula, que a placa subiu, o

Fescina falou:

— O que que você fez?

Eu falei:

— O que eu fiz, não: quem vai jogar essa porra sou eu, você não sabe nada de bola.

Entrei no jogo, só que o resultado não mudou porra nenhuma. Continuou 1 a 0, terminou 1 a 0. Voltei pro vestiário. O Fescina puto comigo, porque eu entrei sem ele mandar. O Fernando Diniz ficou sabendo da atitude, que fui eu quem tirou ele. Chegou em mim e perguntou:

— Ô, Vampeta, por que você me tirou, velho?

— Por que ele falou. O treinador falou que não podíamos jogar nós dois, então salvei minha cabeça... Tinha que tirar você, pô!

— Porra, mas nós somos amigos pra caralho... Por que não podemos jogar nós dois?

— Porque ele falou que não podia jogar.

— Mas isso tá errado.

— Então vai tomarno cu, não fala comigo mais, não.

Ainda faltavam umas quatro rodadas pro campeonato acabar, mas eu saí de lá e fui embora pra casa. Nunca mais joguei uma partida. Foi o jogo no qualeu encerrei a carreira e nunca mais pisei no gramado como profissional.

* * *

O Fernando Diniz ficou de mal de mim, e a gente era muito amigo desde os tempos de Corinthians. Um dia, estou indo buscar minha filhana natação, no Shopping Anália Franco. Enquanto espero a Gabriela, quando olho, vejo o Fernando Diniz com o filho dele na beira da piscina. Gritei:

— Ô, Pirulito!!! *(Era o apelido do Fernando Diniz.)*

Ele olhou pra cima e eu falei:

— Tá de mal de mim ainda? É que o Fescina falou que nós dois não podíamos jogar juntos...

Ele riu e me deu um abraço.

11

Vampeta e
Ronaldo

O Ronaldo Fenômeno eu conheço bem desde 94, quando nós jogávamos juntos no PSV, da Holanda. Agente começou a carreira praticamente na mesma época, eu no Vitória e ele lá em São Cristóvão, no Rio, depois no Cruzeiro, em Minas. O mundo dá voltas, eu e o Ronaldo vamos pro PSV Eindhoven, da Holanda. Depois, Seleção Brasileira, Inter de Milão... Pegamos uma grande amizade, que dura até hoje.

É claro que quando nos encontramos na Holanda eu já sabia quem ele era. Estava pintando como craque no Cruzeiro, depois foi convocado pra Copa do Mundo de 94. Já era um ídolo em Minas Gerais, um jogador conhecido em nível nacional. Lá na Holanda, chegou como um novo Pelé, tetracampeão do mundo. Mas sempre foi uma pessoa muito simples.

Quando ele chegou em Eindhoven, eu já estava na Holanda com dois, três meses na frente dele. É que após a Copa do Mundo teve um mês de férias e só depois disso o Ronaldo se apresentou ao PSV. Eu já falava holandês, comecei a apresentar o país pra ele, saíamos até pra ir ao mercado. Ele tinha motorista, tinha tudo. Eu também ia muito pra casa dele, quando terminava o treino. A mãe do Ronaldo, no começo, ficou logo morando lá, com ele e a namorada.

Quando era Carnaval na Holanda, saía todo mundo na porta de casa, mascarado. Cada um botava a sua fantasia e saía pela rua. Nós saíamos juntos. Fiquei, no máximo, um ano e dois meses com o Ronaldo no PSV. Depois, ele foi pro Barcelona. Só fomos nos reencontrar na Seleção e quando jogamos juntos novamente em um clube, a Inter de Milão, em 2000.

* * *

Na Seleção Brasileira, durante a Copa América de 1999, saíamos de carro eu, o Ronaldo e o Amoroso. A competição foi disputada no Paraguai, mas nós ficamos concentrados na divisa, em Foz do Iguaçu, no Paraná. O técnico, que era o Vanderlei, deu folga e nós saímos pra tomar um chope.

O Ronaldo estava dirigindo uma Cherokee. O Amoroso no banco do carona e eu atrás. Paramos num semáforo e aí pararam também duas meninas. Quando elas olharam, foi aquela euforia:

— Nossa, o Ronaldo! O Amoroso! O Vampeta ali...

E o Ronaldo, pra me sacanear com o fato de que eu era o único ali que não jogava de atacante, falou:

— Tem duas e nós estamos em três. Vai sobrar quem não faz gol... Vai sobrar pra você, Vampeta.

Aí foi a minha vez de falar:

— Vocês podem fazer gol, mas quem mete bola pra vocês fazerem sou eu...

No fim, acabaram sobrando os três, porque as meninas foram embora.

* * *

Também na Seleção, estamos dentro da sauna do hotel. Eu, Zé Roberto, Evanílson (lateral-direito que era reserva do Cafu) e Ronaldo, nós quatro conversando, quando chega o Antônio Carlos, zagueiro, sempre muito sério. O Ronaldo pisca o olho pra gente, que na hora não entendeu nada, e começa a puxar papo.

— Ô, Zé... O Campeonato Alemão é foda, né? Os caras batem muito.

O Zé Roberto jogava no Bayer Leverkusen e o Evanílson estava indo pro Borussia Mönchengladbach. O Zé respondeu:

— Pô, pra dominar a bola lá é foda. Os caras chegam pra caramba, mesmo.

E o Ronaldo:

— O Vampeta é que tá na moleza, jogando no Campeonato Brasileiro. Os caras deixam você jogar, raciocinar.

E eu, que ainda jogava no Corinthians, estou quieto, sabendo que o Ronaldo estava puxando aquela história pra chegar em algum lugar. E o Ronaldo, que estava na Inter de Milão, pergunta pro Antônio Carlos, que jogava na Roma:

— Ô, Antônio Carlos, fala aí. Campeonato Italiano é foda, né?

O Antônio Carlos só respondeu:

— É, Campeonato Italiano é foda...

E o Ronaldo:

— Não é não? Os caras chegam junto, Antônio. Agente, pra dominar a bola, é pau puro, as defesas são muito fortes. Aliás, fala pra eles aí quanto foi o jogo Inter de Milão e Roma, pelo Campeonato Italiano?

O Antônio Carlos olhou desconfiado, mas falou:

— Foi 4 a 0 pra vocês.

O Ronaldo continuou:

— É, foi 4 a 0 pra gente. E onde foi o jogo, Antônio Carlos? Fala pra eles.

E o Antônio Carlos respondeu:

— Ah, foi em Roma.

— Quem era a dupla de zaga da Roma?

— Eu e o Aldair. Mas por que você tá falando isso?

— Porque eu tô falando pra eles que o campeonato é duro, mas eu fiz quatro. Fiz quatro em cima de você e do Aldair, não foi? Eu posso cantar uma música pra você, Antônio Carlos?

— Ronaldo, eu não tô te entendendo... Mas pode.

Aí o Ronaldo veio com uma música do Caetano:

— Às vezes no silêncio da noite, eu fico imaginando nós dois... Por que você me deixa tão solto? Por que você não cola em mim? Tô me sentindo muito sozinho, não quero ser o seu dono, mas um carinho às vezes faz bem...

O Antônio Carlos, então, explodiu:

— Vai tomar no cu, Ronaldo!

E aí a gente até teve que segurar ele, pedir calma pro Antônio Carlos, que ameaçou ir pra cima do Ronaldo.

* * *

Juntos, eu e o Ronaldo temos também as histórias da inauguração do meu cinema, em Nazaré, em 2000. Levei pra lá o Ronaldo e o então senador Antônio Carlos Magalhães. Só que eu levei também várias amigas minhas de São Paulo, aluguei hotel na cidade, nas cidades vizinhas, nas pousadas que tinha por lá. Levei vários convidados, gente pra caramba de São Paulo. A imprensa todado Brasil estava lá na inauguração. Governador, deputado... A região ficou um alvoroço. Nazaré, Santo Antônio, Muniz Ferreira, Catuípe, Itaparica, Valença... Todas cidades do Recôncavo Baiano, num raio de trinta, quarenta quilômetros, tudo perto uma da outra.

O Ronaldo chegou no dia anterior à inauguração, à noite, e a gente fez uma festa no clube de lá, uns comes e bebes. No dia seguinte, cedo, Antônio Carlos Magalhães desceria de helicóptero e a gente tinha que inaugurar o cinema. Vou lá pra praça (o cinema fica na praça), Antônio Carlos Magalhães do meu lado, o Ronaldo, o governador da Bahia, César Borges, o prefeito da cidade, Clóvis Figueiredo, e um monte de deputados. Aí o Antônio Carlos Magalhães começa a falar:

— Quem ama a Bahia, como eu, tem que ser igual ao Vampeta. Recuperar um patrimônio histórico desses, coisa que tem que ser feita pela cultura... Me desculpe, Ronaldo, mas o homem de Nazaré é Vampeta! Eu queria falar pro prefeito que eu queria ver um busto do

Vampeta aqui na cidade.

E o povo:

— Eeeeeeeeeeeh!!!!

Só que eu não estou sabendo o que é busto. Até perguntei: “Que porra é isso?”. O Ronaldo me explicou que era um tipo de estátua. Até hoje ninguém nunca botou, masque naquele dia o Antônio Carlos Magalhães pediu, pediu...

* * *

Inauguramos o cinema. Corta a fita. Passa um *trailer* de vinte minutos. O Antônio Carlos Magalhães me passa um buquê de flores e eu dou o buquê pra um menino chamado Paco, que trabalha pra mim, segurar. Porque eu tinha que fazer o meu discurso também e não queria ficar com aquilo na mão.

Esse amigo meu, o Paco, dá o buquê pra uma menina chamada Dalize, uma loira bonita, que o Ronaldo até paquerou ela. O Ronaldo deu uma camisa da Inter de Milão pra essa menina, também. Ela vê a imprensa toda lá reunida e aproveita pra falar que era namorada do Ronaldo.

A camisa ela pegou, mas o Ronaldo nunca deu buquê de flores nenhum pra ela. O meu amigo, que estava a fim dela, é que deu o buquê, mas ela disse pra todo mundo que foi o Ronaldo. E aí já deu uma confusão danada.

Nem sei se o Ronaldo chegou a ficar com ela na época, mas ela chegava nos programas de televisão e falava que namorou com ele. Por causa disso, a Milene, que era a mulher do Ronaldo, passou a não falar mais comigo.

* * *

Quando eu chego pra jogar na Inter de Milão, em 2000, vou fazer os exames e estou morando em um hotel. Tem um condomínio do lado do Estádio San Siro em que moravam Dida, Leonardo, Roque Júnior, Córdoba, Recoba, Zamorano... Só sul-americanos, que jogavam na Inter ou no Milan. E eu achei um apartamento lá pra mim, também. Por coincidência, no mesmo prédio e na mesma torre em que o Ronaldo morava, em uma cobertura. Só que ele estava machucado, não podia jogar tão cedo e por isso voltou para o Brasil. Aí o Ronaldo falou:

— Vamp, não vai ficar em hotel, não, pô. Fica lá. Fica lá na minha cobertura; quando o seu apartamento estiver pronto, você desce pro seu.

Eu falei:

— Não, eu tô com um amigo meu da Bahia que eu trouxe.

É que o André Cruz, zagueiro que jogava no Sporting, de Portugal, era dono de dois restaurantes em Milão: Picanha's e Porcão. Eu treinava duas e meia da tarde, saía do treino, chegava em casa umas seis, dava uma dormida e umas dez horas ia em um desses dois restaurantes brasileiros. Todo dia. Eu e o Keane, um irlandês que também jogava na Inter. Tanto sul-americano lá e o meu melhor amigo era irlandês. Porque o Dida era casado, o Roque Júnior era casado, o Leonardo era casado, Seedorf, casado. Eu e o Keane chegávamos lá e a gente começava a beber pra caramba. Aí o pessoal começou a falar pro André Cruz que eu não saía do restaurante dele e um dia ele me ligou:

— Vampeta, você, que é baiano, não consegue me arrumar um cara pra tocar MPB aqui no restaurante?

No dia seguinte de manhã liguei pro Márcio. Passam duas semanas e ele vai pra lá. Sabendo disso, o Ronaldo insistiu:

— O Marcinho é gente boa pra caramba, ele também pode ficar no meu apartamento com você. Eu tô voltando pro Brasil, vou fazer um tratamento lá, fica aí à vontade.

Então eu falei: “Beleza”. Eu levava o cara pro Porcão, ele tocava MPB, quando dava uma hora da manhã, duas, o restaurante fechava e a gente ficava na sala do Ronaldo tomando vinho. Tinha uma adega lá, eu ia, pegava e pedia pro cara: “Agora toca Adriana Calcanhoto aí”. Ou

então: “Agora só Marisa Monte, só Zé Ramalho...”. E os dois tomando vinho. Em uma dessas noites, tomei três garrafas.

Quando o Ronaldo foi no Vaticano visitar o papa, levou uma camiseta da Inter de Milão e o papa deu um vinho pra ele de presente. E eu não estou sabendo que vinho é. Ia pegando, abrindo e tomando. E tem um cara que cuida da casa do Ronaldo toda. Quando esse cara foi na cozinha e viu as três garrafas vazias, falou:

— Pelo amor de Deus! Quem abriu essas garrafas?

— Ora, quem abriu... Fomos nós, pô!

— O Ronaldo vai me matar! Essa garrafa aqui ele ganhou do papa João Paulo II!

O meu parceiro, já bêbado, ainda completou:

— E esse era o pior que tinha... Gosto de vinagre, ruim pra caralho!

* * *

Depois disso, vamos juntos pra Copa do Mundo, eu e o Ronaldo, e o Brasil é campeão. Ele faz dois gols na final contra a Alemanha e, na volta, a gente está na primeira classe do avião. Eu vou lá pro fundo e vejo a dona Sônia, mãe do Ronaldo, sentada ao lado da esposa dele, que era a Milene, ainda sem falar comigo desde aquela história envolvendo a moça na inauguração do cinema, em Nazaré. Aí eu falo:

— Dona Sônia, troque de lugar comigo. Vá pra primeira classe, que eu tô sentado do lado do seu filho.

Mas ela responde:

— Vamp, eu não posso ir, porque lá é só jogador.

— Não, seu filho deu alegria pro mundo todo. Quem não podia estar lá era eu.

— Então eu prefiro deixar a Milene ir.

Aí eu falei:

— Com ela eu não troco de lugar, não. Ela não fala comigo... A senhora pode ir, mas ela tá de mal de mim.

Então a Milene respondeu rapidinho:

— Não, Vamp... Se é por isso, eu fico de bem de você agora!

* * *

Conheci todos os relacionamentos que o Ronaldo teve, todas as suas esposas. Eu já estava jogando no mundo árabe, no futebol kuwaitiano, quando recebi um telefonema do Fenômeno:

— Oi, Vampeta. Tudo bom? Eu tô te ligando pra te dar o meu convite de casamento, cara.

Ele ia casar com a Daniella Cicarelli e me ligou pra pegar o endereço e mandar o convite. Aí eu falei assim:

— Pô, Fenômeno, infelizmente nesse dia não vai dar pra eu ir, não. Eu vou no outro casamento seu, tá?

O Ronaldo não acreditou:

— Ô, Vampeta... Você tá gorando o meu casamento?

Ficou cinquenta dias casado.

* * *

Uns dez dias depois daquele episódio em que ele se envolveu com uns travestis, o Ronaldo me liga. Eu estavam no Clube União dos Operários, na Vila Maria, onde sempre jogo bola. Foi o Luizão quem levou pra lá, junto com Rincón, Gilmar Fubá, Dinei, Lima, Ivair (o “Príncipe”), vários jogadores do passado. O finado Félix, goleiro da Copa de 70, também frequentava muito lá, ficava só olhando. A gente sempre faz um racha e depois tem uma sauna. Cada um dá quinze reais, manda fazer uma comida. E quando eu saí daquela sauna vi que tinha dez ligações do Ronaldo na caixa postal do meu celular. Aí liguei de volta:

—Vamp, tudo bem? O Êmerson tá aqui comigo, vou jantar com ele agora. Não quer vir junto com a gente?

E passou telefone pro Êmerson, volante, cortado por contusão na véspera da estreia na Copa de 2002:

— Pô, Vamp, eu vim fazer um tratamento aqui no Brasil, tôaqui com o Ronaldo, com saudade de você. Vem jantar.

Aí me deram o endereço do restaurante, eu fui, mas já tinha tomado umas cinco caipirinhas. Quando cheguei, estava o Ronaldo sentado com mais cinco ou seis mulheres, o Êmerson sentado e dois seguranças do Ronaldo em pé. Falei:

—Boa noite, me fala quem são os travestis e quem são as mulheres. Eu quero sentar do lado das mulheres.

O Ronaldo não acreditou:

— Vai tomar no cu, eu te convidei pra jantar e você ficame tirando, pô?

— Não... É que, com o tesão que você estava, ia comer três travestis. Já eu pego essas seis aqui sem escândalo...

O Êmerson chorava de dar risada, as meninas choravam de dar risada. Dali a pouco eu sentei na mesa e comecei a tomar caipirinha de saquê com canapé. Veio a conta e deu três mil, quatro mil reais. Ainda por cima, peguei o cartão do plano de saúde, joguei na mesa e falei:

— Tá aqui a minha parte. Fui.

* * *

Nessa fase em que o Ronaldo jogou no Corinthians, é pena que eu não estava mais jogando no clube. Mesmo assim, continuamos tendo contato. Eu ia muito na casa dele. O Ronaldo fez um jantar nas eleições pra presidente da República, em 2010. Recebeu o José Serra, que era candidato, e também me convidou. Estavam lá também o Roberto Carlos, lateral-esquerdo, o Andrés Sánchez, que era o presidente do Corinthians, e outros jogadores, como André, Willian e Luizão. Estava também o Fernando Henrique Cardoso, que era o presidente da República quando eu dei aquelas cambalhotas no Planalto. Eu, sentado na mesa na hora da janta, falei assim pra ele:

— Presidente, em Brasília só tem três pessoas que têm história. Eu, o senhor e Juscelino Kubitschek.

E a mesa toda parada, na casa do Ronaldo, olhando. Aí o Fernando Henrique perguntou:

— Por que nós três?

— Porque eu dei as cambalhotas na rampa, o senhor era o presidente e o Juscelino fez Brasília.

— Tu tava muito bêbado, né?

— Presidente, se nós já estamos ficando bêbados aqui, agora, sem ganhar nada, imagina ganhando...

* * *

O Ronaldo teve um problema sério com outro ex-presidente, o Lula, que falou que ele estava gordo durante uma Copa do Mundo. Aí, o Ronaldo respondeu que não falava que o Lula bebia pra caramba. Só que depois daquilo teve um almoço, pra reaproximar os dois, de confraternização.

O Ronaldo foi recebido lá em Brasília em um almoço e levou o Ronald, filho dele. O prato principal era rabada com agrião, arroz branco e batata cozida. Estavam sentados na mesa o Lula, o Ronaldo, o Ronald e o Marquinho Boas, amigo do Fenômeno. Aí, o Ronald falou:

— Pai, pega pra mim aquele pedaço de rabada? Pega aquele “mais maior”.

Na hora o Ronaldo corrigiu:

— Filho, “mais maior” não pode, né? Não é “mais maior” que se fala. Aquele lá é maior, “mais maior” não existe.

Aí o Lula falou:

— “Mais maior” existe, sim. Eu sou o presidente e você pode falar “mais maior”.

12

Vampeta e
os técnicos

O Evaristo de Macedo, com quem eu trabalhei no Corinthians, em 99, é de longe o treinador de quem eu tenho mais histórias pra contar. Logo na chegada dele, eu lembro de duas. O Gilmar Fubá, volante, estava voltando de uma lesão no joelho (ligamento cruzado) eo Mirandinha, atacante, estava todo feliz, porque com o Oswaldo de Oliveira, o técnico anterior, ele quase não jogava. Agente estava concentrado em Atibaia quando o Evaristo chegou, apresentado pelo José Roberto Guimarães, gerente de futebol:

— Boa tarde. Gilmar, você tá bem?

E o Gilmar falou:

— Tô, professor.

Aí o Evaristo retrucou:

— Tá nada, você *táfudido*. Quem tá bem sou eu, que não tô com o joelho operado. E você, Mirandinha, tá feliz?

— Tô, professor.

— Mas não deveria estar, porque, se com o Oswaldo de Oliveira você já não jogava, comigo é que não vai jogar mesmo...

* * *

No começo de 99, o Vanderlei Luxemburgo saiu do Corinthians. O Oswaldode Oliveira assumiu por pouco tempo, mas logo veio o Evaristo. Ficaram na comissão técnica o próprio Oswaldo, o Marquinhos Moura (que é sobrinho do Ricardo Teixeira, ex-presidente da CBF) eo Mello. O Vanderlei assume a Seleção e leva essa comissão técnica, que, no entanto, continua acumulando o trabalho no Corinthians. O Evaristo vem sozinho:

— Aqui eu só preciso de um médico. Esse Oswaldo aí pode treinar os juniores, porque quando eu estava no Catar ele me sacaneou.

O Evaristo sempre gostava de contar piada antes dos treinos. Era piada e coletivo. O Evaristo gostava de mim, do Edílson e do Marcelinho. E não gostava do Rincón, do Ricardinho e do Kleber, lateral-esquerdo.O Rincón vinha pra mim e falava, com aquele sotaque de colombiano dele:

— Vampeta, Evaristo vai*fuder*trabalho de Corinthians...

Eu dizia:

— Vai*fudern*nada, Freddy. Nosso time é bom pra caralho...

— Tem que fazer treino tático, Vampeta... Tem que fazer treino tático... O Evaristo só conta piada! E fica você, oMarcelinho e o Edílson do lado dele, dando risada.

— Freddy, nosso time é bom e tá ganhando de todo mundo.

—Não, não, Evaristo não é bom técnico, não...

* * *

O Evaristo realmente adorava contar piadas. Aí eu cheguei pra elee falei:

— Professor, eu também quero contar uma. Como é que o mudo faz, qual é o gesto que o mudo faz quando quer saber as horas?

Todo confiante, ele pegou e falou:

— Porra, Vampeta, mas que piada fraca... O mudo faz assim.

E bateu com os dois dedos no pulso. Aí eu falei:

— Tá certo, professor. E o cego, pra pedir a tesoura? Como é que um cego faz pra pedir a tesoura?

O Evaristo, então, fechou os olhos e, com os dois dedos, fez o sinal de uma tesoura

cortando. Então, eu falei:

— Não, professor... O cego não enxerga, mas fala. Então, basta ele pedir: “Me dá uma tesoura!”.

Arrebentei com ele, o grupo todo deu risada. Rincón, os caras todos. Ele ficou todo sem graça, mas ficou esperando a hora certa para dar o troco.

* * *

Aí veio um Corinthians e Palmeiras e eu estou sentado lá no fundo do ônibus, ouvindo a preleção, quando o Evaristo pega e fala:

— Cadê o baiano?

Pensei: “O homem tá puto comigo, vai me botar pra marcar o Alex e vai deixar o Rincón jogar mais livre hoje”. Só veio isso na minha cabeça. Mas aí ele me pergunta, formando um círculo com os dedos polegar e indicador:

— Ô, baiano. Que gesto é esse aqui?

— Esse gesto aí é de mandar alguém tomar no cu.

Era o que ele queria ouvir:

— Só se for o seu cu, porque o meu é assim, ó, fechadinho... Um a um, empate! Um a um, empate!

E ficou vibrando...

* * *

Eu e o Edílson fomos morar no Hotel Transamérica, em Higienópolis, e dali a pouco Evaristo foi pra lá também. Ele, que é pão-duro pra caralho, queria pegar carona com a gente todo dia. E o treinador tem que chegar mais cedo que os jogadores, pelo menos uma hora antes. Aí, eu também era obrigado a chegar antes. Eu deixava ele no treino e tal. Não podia nem dar uma esticada que às sete da manhã tinha que pegar o treinador pra levar pro treino. Só que tinha noite que eu dormia na casa de alguém ou ia pro motel e não passava de manhã pra pegar ele. O Evaristo, então, chegava e falava pros caras lá do grupo que eu não dormia, que eu ia direto pro treino:

— O baiano não dorme, ele veio direto pro treino, ele não me deu carona...

Eu sempre gostei de carro importado. Tinha duas BMWs, uma 330 e uma X-5. Um dia eu estou vindo da Marginal, passando em frente ao CT da Portuguesa, e começamos a conversar sobre negócios. Lembrei que na Bahia tinha um jornalista chamado Raimundo Varela, apresentador de um programa de esportes na TV Record, que metia o pau no Evaristo. E ele, que como técnico foi campeão brasileiro em 88 pelo Bahia, uma vez respondeu assim:

— Tô muito preocupado com você, Varela... Eu tenho seis milhões de dólares guardados.

Então perguntei assim:

— E aí, professor? O senhor ainda tem aqueles seis milhões de dólares que falava lá pro Raimundo Varela?

O Evaristo respondeu:

— Você acha que ainda são seis? Isso era naquela época, em 88. Imagina agora quanto é que eu tenho... E você? Você é rico, Vampeta?

— Não, professor. Tô correndo atrás, né? A gente tá correndo atrás da moeda, pra ver se fica melhor.

E ele:

— Porque eu sou rico e tenho quinze milhões de dólares, mas não tenho dois carros que você tem. Você deve tá quebrado...

E começava a dar risada na minha cara.

* * *

Naquele ano, 1999, o Barcelona comemorou o centenário fazendo uma partida contra a Seleção Brasileira. E chegou ao Parque São Jorge um convite para o Evaristo, que havia jogado lá, participar da festa lá na Espanha. Só que esse jogo do centenário do Barcelona foi em uma quarta-feira à tarde, Barcelona e Brasil, e na noite anterior a gente tinha um jogo pelo Campeonato Brasileiro, lá em Caxias do Sul, contra o Juventude.

O Evaristo, todo orgulhoso, mostrava o fax com o convite que chegou do Barcelona:

— Olha o convite aqui, ó. E vocês? Vocês são umas meeerrrrrrrdassss.

E ele jogou muito, mesmo: até hoje, ninguém quebrou o recorde de gols dele em um só jogo pela Seleção Brasileira, cinco em um jogo contra a Colômbia.

À noite, a gente tomou um “laço” do Juventude, debaixo de um frio da porra, em Caxias. Ele só falava:

— Eu podia estar lá em Barcelona... Mas não, tôvendo essas meeeerrrrrrrdassss jogar aqui em Caxias. Podia estar em Barcelona vendo um jogão, mas tôvendo essas meeeerrrrrrrdassss jogar aqui em Caxias.

* * *

O Evaristo nunca gostou de jogador mais jovem, nunca gostou de trabalhar com os moleques. Ele sempre falava, com aquela marra toda do Rio de Janeiro:

— Campeonato de menino ganha menino, campeonato de homem ganha homem.

Fomos jogar contra o Santos, e o Índio, lateral, apoiando o ataque pra caramba. O Índio era mais malandro que o Kleber, lateral-esquerdo. O Índio já havia sido campeão em 98, titular. E o Santos ganhando da gente, 1 a 0, gol do Viola.

Fomos pro intervalo, o Evaristo virapro Kleber e fala:

— Por isso é que eu não gosto de menino, menino tem que jogar com menino. Kleber, você tem éque fazer tudo igual ao Índio. O Índio, sim, tá jogando bem do lado direito. Está apoiando, marcando, cruzando...

De repente, o Evaristo emenda:

— Mas eu vou tirar o Índio, que épra ele descansar.

Depois de tanto elogiar, o Evaristo acabou substituindo o Índio. E deixou o Kleber em campo. Vai entender...

* * *

Um dia, fomos jogar contra a Inter de Limeira e estávamosperdendo o jogo. O Evaristo ficava na beira do campo falando assim:

— Pelo amor de Deus, como é que esse Vampeta vai pra Seleção? Ele é muito ruim... Tão de sacanagem com o futebol... Olha esse Marcelinho! Ele só sabe bater na bola, olha lá, olha lá... O neguinho não toca a bola pra ninguém! Tôfudido... Pô, Edílson, assim não dá, né?E olha o Rincón... Que colombiano preguiçoso do caralho!

Pro Ricardinho ele falava:

— Olha o meu meia, meu meia não entra na área...

No banco, estavam FernandoBaiano, Dinei, Amaral, Gilmar Fubá, Mirandinha, Pingo, que era volante. Todo mundo dando risada. Até que o Evaristo olhou pra trás e falou:

— E vocês? Estão dando risada de quê? Vocês são piores que eles! Tanto que tão aí, sentados, olhando eles cagar...

* * *

Dalia pouco o Evaristo começa a ir mal no Corinthians. Teve um problema com o Gamarra e com o Rincón. Eles tinham assinado contrato no Corinthians em dólar, em 5 de janeiro. Só que em 5 de fevereiro, dia do pagamento, Gamarra e Rincón queriam receber pelo dólar do dia, e o dólar subia todo dia. O Corinthians falava que o pagamento devia ser feito pelo dólar

daquele dia em que o contrato foi assinado. Estava todo o grupo reunido quando o Rincón chegou e falou:

— Evaristo, eu e o Gamarra estamos tendo um problema com o Corinthians e não vamos jogar.

— Por que, Freddy?

— Porque o Corinthians não quer pagar nossos salários.

Aí ele explicou toda a história dos dólares e o Evaristo falou:

— Tá certo. Eu tô do lado de vocês, o grupo também. A carreira é curta, tem que buscar o dinheiro mesmo. Podem ir lá mesmo e brigar. Não querem jogar o jogo de amanhã?

O Rincón disse que não. O Gamarra falou que “não estava com cabeça pra isso até resolver tudo”. Então o Evaristo confirma:

— Tamos do lado de vocês, podem ir lá resolver.

Mal os dois saem para resolver o problema, o Evaristo vira pra todo o grupo de jogadores e fala:

— Tão vendo? Dois gringos mercenários, um colombiano e um paraguaio de meeeerrrrda. Querem *fud* nosso trabalho.

Então, eu disse assim:

— Pô... Caraca que eu vou ficar de costas pro senhor, professor! O senhoré um traíra do cacete!

* * *

Um dia, estávamos indo para o treino quando o Evaristo grita:

— Para o ônibus, para o ônibus!

Tinha uma molecada jogando bola em um campo de terra e ele propôs um desafio:

— Vamos treinar contra aqueles moleques.

Aí o Rincón falou:

— Não, não, não, Evaristo... Aí já é sacanagem! Aqui é time profissional, aqui é Corinthians...

— Que Corinthians, o quê! Vocês estão é com medo dos moleques. Vocês têm medo dos moleques...

— Não, eu não tenho medo de ninguém. Mas por que profissionais iriam jogar contra moleques de rua?

— Vão treinar, sim, porque vocês estão com medo dos moleques!!!

No fim, acabamos não treinando. Mas por ele teríamos descido ali mesmo, na hora.

* * *

Em um jogo no Parque São Jorge, contra o Mogi Mirim, pelo Campeonato Paulista, o Evaristo resolveu poupar os titulares para a partida seguinte, pela Libertadores. Botou o time reserva em campo. Só que era um domingo, e nós, os titulares, também fomos, para assistir.

O Mogi Mirim faz 1 a 0, 2 a 0, com Luiz Mário, 3 a 0, 4 a 0... E tinha um torcedor no alambrado que ficava o tempo todo gritando:

— Evaristo, seu burro! Tira o Mirandinha!

O Evaristo só olhava pra trás, afinal o jogo era no Parque São Jorge, onde o campo é bem perto do alambrado.

— Evaristo, seu burro! Tira o Mirandinha!

Aí foi a vez do Evaristo gritar:

— Mirandinha, pode errar! Pode errar à vontade, Mirandinha, que eu não vou te tirar, não! Pode errar!

Em seguida, virou para o tal torcedor e falou:

— E você, agora, tá *fudido* junto comigo! Eu também vou sofrer com o Mirandinha em campo, mas você vai sofrer junto comigo!

* * *

Vamos jogar em Matão, contra a Matonense, pelo Campeonato Paulista. Evaristo vem e escalou time em um papel com doze jogadores. O Batata, zagueiro, foi e falou pra ele:

— Professor, tá errado aí, olha só... Tem doze.

Ele então respondeu:

— Eu queria mesmo que um falasse pra sentar comigo no banco. Você então tá fora, Batata... Vai pro banco você. Eu tava em dúvida, agora não tô mais.

* * *

Tebetambém uma sequência de jogos em que o Batata vinha fazendo gols contra. Sucessivamente. A gente ia lá na frente e fazia, o Batata vinha e sem querer fazia gol contra. Lembro que numa preleção antes de um Corinthians e Palmeiras o treinador (de novo o Evaristo, né?) começou:

— Na bola parada do Palmeiras, o Vampeta volta emarca o Clebão, o Rincón marca o Evair, o Gamarra marca o Roque Júnior... E temos que marcar também o Batata.

Aí a gente falou:

— Não, professor... O Batataé nosso!

E o Evaristo:

— Não é, não. Ele só faz gol contra, ele é do lado dos caras. Então, marca o Batata, também!

* * *

A melhor preleção que eu já vi até hoje também foi do Evaristo. Corinthians e Matonense, lá em Matão. Ele colocou uma cartolina na parede com a escalação do adversário e perguntou:

— Vocês conhecem quem desse time aí?

Os nossos jogadores falavam:

— Tem um baiano que jogou no Palmeiras... Tinha um baiano.

— É, tem um baiano...

E ficamos nisso. Do resto a gente não conhecia ninguém,não. Foi aí que o Evaristo retrucou:

— Se vocês que tão jogando não sabem quem esses caras são, não conhecem ninguém, imaginem eu...

Rasgou a cartolina e decretou:

— Acabou a preleção!

* * *

Na minha estreia no Flamengo, quando eu voltei pro Brasil, o primeiro jogo que eu fiz foi Bahia e Flamengo,em Salvador. O Evaristo era o treinador do Bahia. O Flamengo tinha eu, Edílson, Petkovic, Beto, Júlio Cesar (goleiro), Alessandro, Reinaldo (atacante). Tacamos 2 a 0 no Bahia. Terminou o jogo, como eu gostava do Evaristo pra caramba, fui dar minha camisa pra ele, que falou assim:

— Vai tomar no teu cu! Tu já *mefudeu*no jogo e ainda quer me dar a camisa?

* **

O Evaristo saiu e o Oswaldo reassumiu o Corinthians. O Mirandinha tinha ido embora e o Dinei sempre entrava dez minutos, quinze minutos. O Fernando Baiano de vez em quando entrava, era um moleque subindo das categorias de base. O Dinei entrava faltando dez minutos pra acabar o jogo, eu metia bola, Ricardinho metia bola e o Oswaldo falava assim:

— Sai, Dinei! Sai, Dinei! Sai, Dinei.
E o Dinei:
— Mas, Oswaldo, eu acabei de entrar...
E o Oswaldo:
— Não, Dinei... Sai do impedimento!!!

* * *

Às vezes o Oswaldo de Oliveira vinha e me falava assim:
— Vampeta, eu vou poupar você hoje no meio-campo.
E eu falava:
— Poupar um caralho! Poupa o negão(*Rincón*), que tá cansado, pô.
É que o Marcos Senna, que era o meu reserva, jogava demais. Se ele entrasse no meu lugar, eu corria o risco de nunca mais reaver a posição. Tanto é que depois o mundo deu voltas e o Marcos Senna acabou titular da Seleção Espanhola, campeã da Eurocopa em 2008.

* * *

O Oswaldo é um cara muito equilibrado, muito educado. Suas palavras saem todas certinhas, ele tem uma dicção boa, é um cara superinteligente. Sempre foi muito educado. Então, estamos no hotel, na concentração do jogo final do Mundial de Clubes, em 2000, contra o Vasco, no Maracanã. O Rincón estava com um problema muito sério: na final do Brasileiro de 99, contra o Atlético Mineiro, ele saiu machucado e estava se recuperando pra jogar o Mundial.

O Oswaldo está andando de um lado pro outro, dentro do restaurante. Na nossa mesa, estamos eu, Edílson e Gilmar Fubá conversando. A gente falava assim:

— O Oswaldo deve estar muito tenso. Jogo de Mundial, ele fica dentro do restaurante andando de um lado pro outro... Será que ele tá preocupado que o Rincón não vai jogar?

Aí Gilmar falou:

— Espera aí que eu vou falar com ele.

— Professor, o senhor tá preocupado?

E o Oswaldo respondeu:

— Lógico que eu estou preocupado. Se o Rincón não jogar, quem vai jogar é você, o único ruim no time. Por isso que eu estou preocupado, por isso que eu não consigo ficar em paz...

* * *

Já a melhor história do Vanderlei Luxemburgo aconteceu na final do Brasileiro de 98, entre Corinthians e Cruzeiro. O Vanderlei estava preocupado com o ataque do Cruzeiro, um time que tinha Dida no gol. A dupla de zaga era Marcelo Djian e João Carlos. Lateral-esquerdo, Gilberto. Aí no meio-campo vinham: Valdir, Ricardinho, Djair e o Valdo. No ataque, Fábio Júnior e Müller. E o Vanderlei estava com uma dor de cabeça:

— Caralho, quem vai marcar o Müller?

O Müller no final da carreira, mas com aquela girada que ele dava. Aí o Vanderlei pensou:

— Vou botar o Batata pra marcar o Fábio Júnior, o Gamarra na sobra e quem vai marcar o Müller? O Vampeta só quer jogar, o Rincón também só quer jogar. O Müller não pode ficar na beirada, senão eu botava o Índio pra encaixar. Se ele fosse pro outro lado, eu botava o Silvinho. Por isso, vou começar o jogo com o Gilmar Fubá.

Esse era o pensamento do Vanderlei. E nós, todo mundo na concentração, ninguém estava sabendo de nada durante a semana.

Passamos o fim de semana todo treinando, só pensando na final contra o Cruzeiro. O Vanderlei chama o Gilmar, que estava machucado. Teve uma sequência de lesões, mas tinha se recuperado. O Vanderlei chamou o Gilmar e falou:

— Passa no meu quarto lá, negão. Quero falar com você.

Falou isso pra ele na janta. E foi pro quarto. O hotel era o Paulista Street, aqui na Avenida Paulista. Então a gente falou:

— Iiiih, negão, vai tomar dura, hein? Quando o Vanderlei chama alguém no quarto é porque fez merda.

E o Gilmar respondeu:

— Eu não fiz merda nenhuma. Nem jogando eutô, pô! Estava machucado, o que será que ele quer comigo?

O Vanderlei foi no Robério de Ogum, que era o guia espiritual dele, e mandou preparar um “banho” pro Gilmar. Quando ele foi no quarto do Vanderlei, tinha uma banheira esperando por ele, com pétalas de rosas, seiva de alfazema, sal-grosso, arruda, espada-de-são-jorge. Aí o Vanderlei falou:

— Gilmar, no domingo eu tô pensando em começar o jogo com você, meu filho. Você vai marcar o Müller. Você tá preparado?

E o Gilmar Fubá respondeu:

— Tô, professor.

— Tá ocaralho, você não tá preparado, nada. Dá um mergulho nessa banheira aí, que você vai marcar o Müller.

— Mas, professor...

— Dá um mergulho, porra!

O Gilmar foi, deu um mergulho e o Vanderlei falou:

— Agora, sim, você tá preparado pra marcar o Müller, não tá?

— Tô, professor — respondeu o Gilmar, cheio de pétalas de rosas na cara e pela camisa.

— Tá um caralho! Dá outro mergulho, pô, você vai marcar o Müller!

E o Gilmar deu o segundo mergulho.

— Agora, meu filho, agora sim você tá preparado. Agora você vai marcar o Müller.

E o Gilmar falou:

— Tá bom, então. Eu vou marcar o Müller.

— Mas dá o terceiro mergulho, senão o trabalho dá errado.

O Gilmar deu o terceiro mergulho. Depois, desceu contando isso pra mim e pro Edilson. Contou tudo:

— Vampeta, domingo eu vou jogar! Vou sair jogando, mas tenho que marcar o Müller.

No domingo, fomos pro jogo. Só sei que o Gilmar saiu machucado. Foi marcar o Müller, o Müller deu uma daquelas giradas pra cima dele e o Gilmar rompeu o cruzado. Cruzeiro 1 a 0, Cruzeiro 2 a 0. A gente desconta pra 2 a 1, empata em 2 a 2. Voltamos pro hotelem Minas e eu estou sentado na mesa, jantando. Estávamos na mesa eu, Rincón e Edilson, e eu ficava brincando, falando alto pro Vanderlei ouvir:

— O Müller é foda, hein? O Müller derrubou o Robério de Ogum! O pastor é foda, o pastor da igreja foi mais forte...

O Vanderlei puto na mesa dele, pensando: “O Gilmar contou pros caras a parada...”. E eu insistindo:

— O Robério de Ogum é fraco, o Müller derrubou.

O Vanderlei até mandou o Paulo César Gusmão, que era preparador de goleiros mas hoje também é técnico, falar pra mim que não estava gostando da brincadeira, mas eu respondi:

— Ah, não tá gostando, não? Mas o Müller é foda, mesmo. O Müller derrubou o Robério de Ogum e o Gilmar!

O Paulo César volta pra mesa e aí vem o Oswaldo de Oliveira, que ainda era auxiliar (só depois virou treinador):

— Vampeta, para com a brincadeira. Ele falou que não vai te botar pra jogar o jogo de volta.

Aí eu falei:

— Manda ele explicar pra torcida e a imprensa depois por que eu não vou jogar a final do Brasileiro. Titular absoluto do Corinthians... Aí é bom, porque eu vou contar pra todo mundo

que o Robério de Ogum é fraco e o Müller é forte...

* * *

Eu não estava lá, mas quem estava me contou. Na Copa de 98, antes do jogo BrasilvsDinamarca, pelas quartas de final, na hora da preleção, o Zagallo chegou pro César Sampaio e falou:

— Sampaio, marca o Laudrup. Tem que marcar o Laudrup, porque esse é foda. Joga pra caralho, você não pode deixar ele andar. Se você marcar o Laudrup, a gente ganha o jogo da Dinamarca.

Aí o Sampaio falou:

— Deixa comigo!

Mas o Zagallo também foi no Dunga e falou:

— Dunga, tem que marcar o outro Laudrup. São dois irmãos, o Michael e o Brian Laudrup, e os dois são foda. Tem que marcar esse outro Laudrup. Se marcar esse outro Laudrup, também, eles não vão jogar. E você, Júnior Baiano, tem que marcar mais o...

Só que o Zagallo não sabia o nome de mais nenhum dinamarquês, só sabia o nome dos dois irmãos Laudrup. Aí, encerrou a conversa assim:

— Olha, é o seguinte: todo mundo marca todo mundo, porque todo mundo é Laudrup lá do outro lado. Marca os Laudrup deles todos...

** *

Até sobre o Juninho Fonseca, com quem me desentendi em uma das minhas voltas ao Corinthians, eu tenho uma história engraçada. Quem me contou foi o Gilmar Fubá, que trabalhou com ele no Noroeste, de Bauru.

Diz que eles foram enfrentar o São Paulo, que tinha um time do caralho, e o Gilmar, que era o capitão do time, fez 1 a 0. Aí o Juninho gritou:

— Gilmar, tranca a casa! Tranca a casinha! Fecha as portas, fecha tudo e joga as chaves fora, pra eles não entrarem.

Mas dali a pouco o São Paulo empata: 1 a 1. Depois, faz 2 a 1, 3 a 1, 4 a 1... E o Juninho:

— Ô, Gilmar! Eu não mandei tu trancar a casinha?

— Mandou, mas eu acho que alguém deixou o telhado aberto...

13

Vampeta e...

... Abuda (ex-atacante do Corinthians)

Quando o Geninho era treinador do Corinthians, em 2003, promoveu vários jogadores dos juniores: o Jô, o Bobô, o Abuda... Aí fomos campeões paulistas em cima do São Paulo. Cheguei no Geninho e falei:

— Professor, a gente queria fazer um churrasco pra comemorar. Só nós, atletas.

Ele passou o treino da terça de manhã para a tarde e nos reunimos na segunda-feira numa chácara que alugamos em Mogi das Cruzes. Levamos umas três vans cheias de mulheres.

O Abuda só falava assim:

— Vamp, elas tão todas a fim de mim, tão todas dando bola pra mim! O que eu faço?

— Pode pegar quem você quiser, que tão todas pagas, é tudo “contratada”!

E ele achando que tinha virado galã...

* * *

... Adãozinho (ex-meia do São Caetano e do Palmeiras)

Adãozinho já estava no Palmeiras, conversando com o goleiro Marcos, Vagner Love, Corrêa, Lúcio, Diego Souza, uma turma. Estavam todos sentados, quando de repente um deles perguntou:

— Adãozinho, se o seu filho for *metrossexual*, o que você faz?

— Eu mato!!! Eu mato!!! — respondeu Adãozinho, confundindo *metrossexualismo* com *homossexualismo*.

** *

... Aldair (zagueiro tetracampeão mundial em 94)

Eu estava na Ilha de Itaparica, junto com Dunga, Mauro Silva, Aldair, Edu (aquele que jogou no Santos com Pelé) e dois amigos meus. Um deles falou:

— Pô, Aldair... Jogar em time pequeno é duro, cara. A gente sofre pra caramba.

Aí o Aldair respondeu:

— Eu sei o que é isso... Saída Roma e fui pra Sampdoria.

— Não, não, Aldair. Não é nesse nível que eu tô falando. É jogar no Nacional de Manaus, times assim.

— Então conta uma história dessas aí.

Ele então falou que o Nacional não pagava havia seis meses e os jogadores não concentravam, não iam pro jogo. Chegou um jogo Nacional vs Fast, um clássico, e o técnico olha e fala: “Cadê os jogadores?”. O supervisor responde: “Só tem onze, os caras estão sem receber...”. E o treinador: “Porra, vou ficar sem banco”.

Quando foi começar o jogo, ele colocou dez em campo e botou um no banco. O time quis saber: “Mas, professor, a gente só tem onze e o senhor ainda vai botar um no banco?”. No que ele respondeu: “E se alguém cansar? E se alguém machucar? Eu vou botar quem no lugar?”.

* * *

... Amaral (ex-volante do Corinthians)

O Amaral, volante que jogou primeiro no Palmeiras e depois no Corinthians, era um grande ladrão de bolas. Ele sempre me falava: “Vampa, Vampa... Fica tranquilo, eu vou roubar as bolas e dar pra você o Rincón sair jogando”. E a gente pegou essa amizade toda.

Nas concentrações, o Amaral tinha a mania de botar uma máscara e ir batendo de quarto em quarto, pra assustar as pessoas com um extintor de incêndio na mão. Batia nos quartos assustava quando a pessoa abria a porta. Uma vez, em Atibaia, ele foi no quarto em que estavam o Dinei e o Rincón. O Dinei abriu a porta e falou assim:

— É melhor tirar a máscara pra assustar, porque você é muito mais feio sem ela.

O pau fechou. Todo mundo saiu pra apartar, dizendo: “O que éisso? Dois caras do bem brigando...”. Separamos os dois, mas o Amaral não se conformava:

— Esse drogado, cheirado... Não sabe nem brincar, não sabe nem brincar!

E o Dinei respondendo:

— Tu é mais feio que a máscara mesmo, pô!

* * *

Outra do Amaral: encontrei com ele outro dia e perguntei como estava a vida.

— Separei da minha mulher.

— A japonesa?

— É, dela mesmo. E você não sabe do pior. Chego na audiência, o juiz fala assim: a casa do Morumbi fica com a japonesa, Amaral fica com o carro. Olha a diferença de valor... uma casa no Morumbi e um carro! A casa de praia do Guarujá fica com a japonesa, Amaral fica com o apartamentozinho em Perdizes.

O Amaral diz que olhou pro juiz e disse o seguinte:

— Dá tudo pra ela, então. Foi ela que jogou, foi ela que correu atrás dos caras, foi ela que marcou, foi ela que sofreu nos treinamentos...

Aí o juiz olhou pra ele e falou:

— Não, eu tô fazendo isso pra você abrir o outro olho.

É que o Amaral tem um dos dois olhos fechado...

— Isso é pra você não perder o outro olho com outra mulher.

Não está vendo que essa mulher não é pra você, porra? E se reclamar vou te dar uma cana, por desacato à autoridade!

* * *

... “Anônimo”(?)

Essa história é um pouco pesada, não dá pra falar o nome do jogador. Ele jogou muito, ganhou títulos pra caramba e esteve comigo no Corinthians. Uma noite, esse anônimo me ligou e falou:

— Vampeta, vem aqui em casa correndo que eu preciso falar com você. Vem aqui, vem almoçar comigo e daqui a gente vai pro treino.

Chego na casa desse jogador e, enquanto a gente está almoçando, ele fala:

— Renovei contrato, peguei um cheque de setecentos mil reais e fui pro Rabo de Peixe, um bar que tem aqui na Vila Olímpia, em São Paulo. Fiquei com um amigo bebendo, liguei pra minha namorada e falei assim: “Amor, vem pra cá comemorar que eu renovei contrato e tô feliz”.

Ela também queria dar uma notícia boa pra ele, de que estava grávida. Mas se invocou e falou: “Ah, seu bêbado, você fica aí bebendo com seus amigos enquanto eu tenho uma notícia importante pra te dar”. E os dois quebraram o pau. Esse jogador foi pra um outro restaurante, começou a beber lá, ligou pra uma amiga dele. Ela chegou, começaram a beber vinho e foram os dois pra um motel.

Só que a namorada desse jogador estava seguindo ele, que já estavam quarto com a outra menina. Quando a campainha interfonou, o jogador pensou que havia pedido mais vinho e abriu a porta. Era a namorada dele. Ele então disparou, rápido:

— Ué, amor... Se você tá aí fora, quem é que tá lá dentro?

Só deu tempo de tomar um tapa na cara. E me pedir:

— Pelo amor de Deus, Vampeta, não conta isso pra ninguém!

Foi o mesmo que me pedir: “Vai no treino da tarde e conta pra todo mundo”. Naquele dia, no vestiário, foi uma risada só.

* * *

... Carlos Alberto (meia de vários clubes)

Eu estava no Corinthians, o Carlos Alberto no São Paulo e o Marcos no Palmeiras. E tem uma loja de carros na Avenida Sumaré onde o Marcos ficava e costumava até fazer churrascos. Venho do Corinthians e estão lá o Carlos Alberto, o Valdivia, o Paulo Baier, o Fábio Santos, volante, uma turma. Aí o Carlos Alberto fala:

— Vampeta, os caras depois falam que a gente é maluco, velho... Eu só tenho vinte anos, vinte e um anos, e com essa idade já fui três vezes pra psicólogo. Todo clube me manda pra psicólogo... Vê se eu não tenho que brigar? Agora, no São Paulo, eu e o Fábio Santos discutimos lá por bobagem e mandaram a gente pra psicólogo. Cheguei lá, sentei e falei logo pra ele: “Eu só tô vindo aqui porque o São Paulo tá exigindo isso. Não tenho nada, não sou doido, não sou nada”. O psicólogo, então, responde: “Não, fica tranquilo. Senta aí que é rapidinho”.

Assim que o Carlos Alberto deitou no divã, a primeira pergunta que o psicólogo fez pra ele foi:

— Você, quando era criança, foi molestado?

E ele falou, já levantando do divã:

— Vai tomar no teu cu! Depois diz que eu sou maluco... Nunca fui molestado porra nenhuma! E não vou ficar mais aqui nessa porra, não, porque já começou mal pra caralho...

* * *

... César Sampaio (ex-volante do Palmeiras e da Seleção Brasileira)

O César Sampaio é muito amigo do Rivaldo. Jogaram Copa do Mundo juntos, jogaram no Palmeiras, no La Coruña... Sampaio e Rivaldo foram até sócios em clube de futebol. Quando ainda jogavam na Espanha, vieram da Europa em férias. Aí o Rivaldo, que tinha residência em

Mogi, liga pro Sampaio:

— Traz tua família aqui em casa, vem passar o domingo aqui comigo.

O Sampaio reuniu todo mundo: os filhos, o cachorro, o gato. Chamou pai e mãe. Levou todo mundo da igreja pra mansão do Rivaldo. A certa altura, o Sampaio sugeriu:

— Rivaldo, pega lá seu *laptop* pra gente mostrar sua casa lá da Espanha, pra minha família ver. Pega lá as fotos de Barcelona e La Coruña.

Rivaldo pegou *olaptope* entregou pro Sampaio, na sala. Ele então abriu a tela. Vamos na garagem da casa do Rivaldo. Chegou na garagem, duas Ferraris, uma Mercedes.

— Olha os carros do Rivaldo!

A família do Sampaio falava:

— Que legal!

Vamos pra sala do Rivaldo. Parecia até um campo de futebol.

— Olha a sala do Rivaldo...

A família do Sampaio falava:

— Que legal!

Vamos pra piscina da casa do Rivaldo. Com o nome dele e tudo.

— Olha a piscina do Rivaldo...

A família do Sampaio falava:

— Que legal!

Vamos agora ver o jardim da casa do Rivaldo, clica a foto. Apareceu o jardim.

— Olha o jardim da casa do Rivaldo!

A família do Sampaio falava:

— Que legal!

Dali a pouco, quando o César Sampaio clicou, apareceu um cavalo com uma pica enorme. Correu todo mundo.

E o Sampaio tentando deletar, mas só ia aumentando o pau do cavalo mais ainda. O Rivaldo não entendeu nada quando a família do Sampaio, todo mundo de uma vez, saiu, foram embora. Não quiseram ficar nem pra almoçar.

* * *

...Ezequiel (ex-volante do Corinthians)

Diz que o Ezequiel saiu candidato a vereador em Campinas, chegou em uma comunidade, uma favela, em um comício, e perguntou:

— Meu povo!!! Vocês têm educação? Vocês têm escola aqui na favela?

E o povo respondeu:

— Nããããõooo!!!

— E vocês têm saneamento básico?

— Nããããõooo!!!

— Vocês têm saúde? Tem posto de saúde aqui?

— Nããããõooo!!!

— Então por que vocês não se “muda” dessa porra desse lugar????

Aí o assessor dele cochichou:

— Não se “mudam”, Ezequiel! Não se “mudam”! Olha o plural...

— E tem mais! Se eu for eleito, ajudarei o “plural” e levarei ele pra trabalhar no meu gabinete, lá na Câmara!!!

* * *

...Gilmar Fubá (ex-volante do Corinthians)

Foram cinco anos de Gilmar Fubá no Corinthians. Com ele, as histórias não param... Nosso time era bastante técnico. No meio-campo, jogavam sempre eu, Rincón, Ricardinho e Marcelinho. Quando algum de nós se lesionava, o Gilmar era a quinta opção para poder entrar. Aí estamos jogando um clássico, um Corinthians e Palmeiras. O mando de campo era do Palmeiras, então tivemos que jogar com preto: a camisa, o short, o calção. E o Gilmar Fubá errando passe pra caramba no primeiro tempo. Acho que naquele dia não jogou o Ricardinho — ficaram Rincón e Gilmar, e eu e o Marcelinho um pouco mais à frente. No intervalo do jogo, o Vanderlei chega e fala:

— Gilmar, faz o seguinte: não tenta sair jogando. Você está errando muito passe. Se você vê alguém com meia preta, toca a bola pra ele. Fechado?

— Fechado, professor. Tranquilo.

Voltamos pro segundo tempo. O Gilmar, na primeira bola que pega, dá um passe adivinha pra quem? Pro juiz!!! O Vanderlei, então, falou:

— Você tá louco???

E o Gilmar ainda respondeu:

— Você mandou tocar a bola pra quem tá com a meia preta. A culpa não é minha...

* * *

O nome da mãe do Gilmar é dona Negra. Fora ele, ela teve mais dois filhos, que quando eram pequenos tinham a mania de comer as paredes da casa onde eles moravam. A mãe, então, levou todos no médico e falou:

— O problema é que eles ficam comendo a parede de casa, né?

O médico disse que devia ser problema de vermes e receitou um remédio. A mãe do Gilmar foi na farmácia, comprou o remédio, deu pros três filhos mas não adiantou nada. Ela voltou ao médico e reclamou:

— Doutor, eles continuam comendo as paredes. Daqui a pouco eles vão comer a casa toda..

E o médico respondeu:

— Se aquela receita que eu passei não deu certo, agora eu vou passar uma que vai dar jeito.

Pegou uma caneta, um papel e escreveu: cinco tijolinhos de concreto pra cada um.

— Vai na loja de material de construção, compra isso aqui e dá pra eles, que eles vão parar de comer a casa.

* * *

O Gilmar não conseguia se recuperar de uma série de lesões: de cruzado, problema na coxa, estiramento... Aí, o Marcelinho, que é da igreja, aconselhou:

— Vamos orar, vamos na igreja comigo. Eu vou botar o pastor lá, vou fazer uma oração pra você pra ver se recupera, negão. Você é importante pro time. O meu pastor vai resolver esse problema pra você.

Na época o Marcelinho estava separado da esposa, namorando a Carla Perez, dançarina do É o Tchan. E vão o Gilmar Fubá, o Marcelinho e a Carla Perez, todos pra igreja. O Marcelinho apresentou o Gilmar pro pastor, falou qual era o problema e o pastor disse:

— Então, hoje o culto vai ser pra recuperar a sua lesão.

O Gilmar sentou, só que a Carla Perez foi com uma saia curta e na hora das orações, que tem que fechar os olhos, o Gilmar não fechava. Ficava olhando as pernas da Carla Perez. Aí vem o pessoal com o saquinho, pra ajudar a arrecadar o dinheiro. Quando chegou a vez do Gilmar, ele

puxou a carteira, deu cinquenta reais lá pro moleque que vinha com o saquinho e falou:

— Eu só quero doar dez, tem que me dar quarenta de troco.

O cara do saco falava:

— Pô, mas deixa cinquenta, cara, o culto foi pra você.

Mas ele falou:

— Não, não... Só posso dar dez, quero quarenta de troco.

O cara insistiu:

— Mas o culto foi pra você, é pra Jesus esses cinquenta.

E o Gilmar falou:

— Não, eu quero dar só dez pra Jesus, eu não quero dar cinquenta, não.

O Marcelinho, que estava do lado, entrou na conversa:

— Tá vendo? Por isso que você não se cura, nem na palavra de Deus, aqui, você quer deixar cinquentareais.

— Eu vim aqui no culto, mas não disse que ia emprestar cinquenta reais pra Deus. Eu só quero dar dez.

E o Gilmar continuou lesionado.

* * *

Edílson é um dos melhores amigos que eu tenho, junto com o Gilmar. Lembro que o Edílson me contou que em 97, quando o Corinthians esteve prestes a cair, levou o Gilmar pra Bahia, pra passar as férias. Eles ficaram sentados no aeroporto de Salvador e o Edílson ligou pra Ivana, a esposa dele, ir buscar os dois.

Aquele monte de mulher bonita, e o Edílson falando:

— Pô, aquela é fera...

O Gilmar respondia:

— Não, aquela loira que é fera.

La passando outra e eles falavam:

— Não, aquela ali é que é bonita.

Daqui a pouco vem a mulher do Edílson, que o Gilmar Fubá não conhecia. E por isso falou:

— Mas a mais gata, a mais gostosa é aquela morena que vem lá.

E o Edílson respondeu:

— Essa não vale, essa é a minha esposa.

E o Edílson ainda me falou:

— Vamp, depois dessa eu ainda tive que conviver como Gilmar um mês dentro da minha casa...

* * *

Só mais uma do Gilmar. A gente foi campeão paulista de 99. Aí, vamos pra um pagode chamado Cabral. Eu, ele, Pingo, Edílson, Fernando Baiano, Marcelo (zagueiro), Ewerthon (atacante). Campeãoem cima do Palmeiras, aquela euforia toda. Vamos pegar as minas lá no pagode.

Só que a esposa do Gilmar, que ninguém conhecia, estava seguindo a gente. Estava todo mundo no camarotequando chegou uma mulher e catou ele pelo pescoço. A gente então falou:

— Ô, Gilmar... Com tanta mulher bonita,você vai sair com esse bagaço feio?

E o Gilmar:

— Essa é a minha esposa, caralho! Sem escândalo... Sem escândalo...

E teve que ir embora junto com ela.

* * *

... Índio (ex-lateral-direito do Corinthians)

Quando cheguei ao Corinthians, em 98, o time tinha vários jogadores de nome, como Rincón e Edílson. Eu cheguei junto com Gamarra e Marcelinho, que voltava de uma passagem pelo Valencia, da Espanha. Mas naquele primeiro ano eu dividia o quarto na concentração com o Índio, lateral-direito, que era índio, mesmo, e analfabeto. Por isso ele jogava e estudava. Estava aprendendo a escrever o nome, a passar cheque, essas coisas.

Um dia, a gerente do banco que fica dentro do Parque São Jorge, por onde os jogadores recebem, chamou o Índio e disse:

— Seu José Sátiro(*esse era o nome dele*), o saldo da sua conta está negativo e o senhor continua gastando.

E ele:

— Não tá negativo, não.

— Está, sim.

— Como é que pode estar negativa se eu ainda tenho seis folhas no meu talão de cheques?

Ele achava que a conta só ficava negativa quando as folhas do talão acabavam...

* * *

Eu tentava educar o Índio. Na hora de almoçar, falava:

— Cara, tu não pode sentar, pegar um prato e botar tudo misturado: ovo, macarrão, frango...

E ele:

— Ah, na tribo é assim: a gente mistura tudo, come tudo cru.

Eu gostava de fazer caça-palavras, sempre o nível fácil, superfácil. Até hoje eu faço. Aí peguei um caça-palavras e dei pro Índio. Só com figuras, né? Tinha uma que era o desenho de uma mão. Era só botar: M-A-O e o til. Mas o Índio falou:

— Vampeta, não dá... Isso aqui está errado.

— Não está, não, Índio. Vê a figura e tenta. Vai com calma, vê aí o desenho.

E ele respondeu:

— Mas “luva” não cabe aqui dentro, pô! “Luva” tem quatro letras, e aqui só cabem três!

Debaixo do desenho de um abajur, ele queria escrever “chapéu”, também. Ah, educar o Índio não foi fácil...

* * *

No Campeonato Brasileiro, estamos viajando, voltando de Fortaleza para São Paulo, um voo de três horas. O Índio senta na janela do avião, no centro senta o Luiz Mário e do lado do Luiz Mário um passageiro qualquer. Com uma hora de voo deu sede no Índio, que falou:

— Luiz, eu tô com sede, cara, mas não quero levantar pra não incomodar nem você nem a senhora que está aí do seu lado.

Aí o Luiz Mário respondeu:

— Você está vendo esse botão aí no teto do avião? É só apertar e pedir.

E em vez de esperar pela aeromoça o Índio apertou e pediu, bem alto:

— Eu quero uma água... Eu quero uma água!

* * *

Eu, no Corinthians, sempre fazia o “recolhe”, pra ajudar os funcionários ou as pessoas que precisavam. Chegava em um, em outro e dizia: “Dá um dinheiro aí pra ajudar fulano”. Um dia,

o Índio levou o pai dele, que também era Índio e me falou:

— Vampeta, eu tô precisando botar uma antena parabólica pra ver os jogos do Corinthians lá na tribo. E me falaram que é você que faz o recolhe aqui, com os jogadores. Me ajuda aí pra eu botar a parabólica?

Aí eu respondi:

— Ô, tio, que eu saiba, índio pesca, índio anda nu, índio come raiz. Não assiste televisão, não. Eu tô vendo o senhor aqui, todo vestido de Nike, vocês querem comer em churrascaria e vêm me pedir para fazer o “recolhe”? Eu não vou fazer recolhe nenhum, não!

* * *

No Corinthians, os solteiros eram eu, o Didi e o Índio. Quando a gente tinha folga, o Índio e o Didi gostavam de ir pro Centro de Tradições Nordestinas, o CTN, no bairro da Barra Funda. Eu tinha o Terra Brasil, minha casa de pagode, na Vila Maria. Um belo dia, treino pela manhã (a gente treinava numa quinta de manhã, não tinha rodada do campeonato), nós chegamos e... reunião. Sempre que alguém fazia alguma coisa de errado, o Luxemburgo gostava de fazer reunião.

O motivo daquela vez foi o seguinte: o Luxemburgo passou às seis horas da manhã na Avenida Paulista e parou num semáforo. Encontrou quem? Índio e Didi parados com o carro. Baixou o vidro, o Índio baixou também, eles se cumprimentaram. Quando nós chegamos pra treinar, o Luxemburgo reuniu o grupo todo e perguntou:

— Eu queria saber o que dois atletas profissionais tavam fazendo às seis horas da manhã num semáforo na Avenida Paulista.

Todo mundo quieto. Só Índio falou:

— Nós é que queremos saber o que um treinador do Corinthians tava fazendo às seis horas da manhã parado num semáforo na Avenida Paulista.

Depois dessa, o Luxemburgo só falou:

— Acabou a reunião, vamos treinar.

E eu ainda completei:

— Vamos fazer uma reunião pra acabar com as reuniões...

* * *

... Luizão (pentacampeão mundial em 2002)

Luizão nasceu em Rubineia, divisado São Paulo com o Mato Grosso do Sul. Tem o Rio Paraná ali, perto de Santa Fé do Sul. E o pai de Luizão, o seu Cidão, é prefeito, ficou oito anos na prefeitura. Quando ele estava no primeiro mandato, o Luizão me convidou pra conhecer aquela região. Eu viajo com o Luizão pensando que é do lado de São Paulo. Que nada... Setecentos quilômetros!

Chegamos em Rubineia e eu vou participar de um comício do seu Cidão, candidato à reeleição. E ele começa a falar:

— Eu juro que nesses quatro anos de mandato nunca entrou dinheiro público no meu bolso.

Aí um eleitor, lá embaixo, falou:

— Tá de calça nova, hem, Cidão?

Mas o seu Cidão não se abalou:

— E tem mais: depois de quatro anos, construirei a ponte que liga Rubineia a Santa Fé do Sul.

Aí o cara embaixo falou:

— Mas não tem rio...

E o seu Cidão:

— Então eu farei um rio, também!

* * *

Quando o segundo mandato estava perto de acabar, o seu Cidão ficava sentado em um bar, bebendo, enquanto o povo passava e perguntava:

— E aí, seu Cidão? Tá triste por que vai ter que entregar o cargo?

E ele só respondia:

— Tô...

— E como é passar a prefeitura pra outro?

— Você tem mãe? Já perdeu a mãe? A dor é pior!!!

* * *

... Marcelinho (ídolo do Corinthians nos anos 1990)

Era cada história do Marcelinho naquele Corinthians... Uma vez, a gente estava lá em Cochabamba, na Bolívia, pra enfrentar o Jorge Wilstermann, pela Libertadores. Ojogo foi na quarta, empatamos por 1 a 1, mas a gente só podia voltar na sexta. Íamos ficar lá a quinta-feira toda no hotel, que estava cheio de meninas, todas na beira da piscina. Uma mulher melhor que a outra.

De repente, cadê o Marcelinho? Cadê o Marcelinho pra gente ir pro treino? Foi o PC Gusmão, que era preparador de goleiros, quem achou ele, atrás de uma moita, olhando as meninas tomar banho de biquíni. E ele ainda falou:

— PC! Graças a Deus que você chegou! Eu já tava caindo em tentação...

Eu ainda disse pra ele:

— É assim que você é da igreja, né?

* * *

Quando nós jogávamos juntos, em 98/99, o Amaral e o Marcelinho eram muito amigos. O Marcelinho sempre brigando com o Rincón, tentando tirar o Rincón do time de qualquer jeito, pro Amaral poder jogar. O Marcelinho até inventou de montar um grupo de pagode evangélico, o Divina Inspiração. Era ele, o Amaral e mais dois pastores.

Naquela época, quem fazia sucesso tinha que tocar no Olímpia, uma casa de espetáculos em São Paulo. O Marcelinho comprou todos os ingressos, encheu a casa, levou o Amaral e o pastor Elieser. A gente ali, solidário, eu e o Edílson. O Edílson gosta de música, também, toca todos os instrumentos. Aliás, foi todo mundo: Rincón, Dinei, Luizão... E o Marcelinho ainda botou em frente do palco eu e o Edílson. Aí o Divina Inspiração vem cantar. Marcelinho cantando, Amaral com um pandeirinho e aquele olhinho fechado dele... Até que uma hora o Edílson falou:

— Vampeta, que baixaria... O que a gente tá fazendo aqui??? Vamos embora!

E fomos. Na maior.

* * *

Jogamos pelo Brasileiro em um sábado. No domingo, dia de folga, o Marcelinho foi pro programa do Faustão. E o Faustão, na hora de apresentar, aquela chamada:

— E agora, no Domingão do Faustão, Divina Inspiração!

Marcelinho chegou com Amaral e o pastor Elieser. Aí o Faustão falou:

— Ô louco, meu! Quem sabe faz ao vivo...

Mas o Marcelinho respondeu na hora:

— Não, não... A gente não tá preparado!

Era só *playback*, o pessoal não cantava nada.

* * *

Quando o Vanderlei afastou o Marcelinho do Corinthians, em 2001, o Marcelinho foi lá no programa do Gugu:

— Eu só quero trabalhar, eu quero ter o direito de ser o líder no Corinthians.

E começou a forçar para chorar, tentando sair lágrima. Só que não saía nada. E o Gugu perguntando:

— Mas por quê, Vanderlei?

Passavam os gols do Marcelinho, aquelas comemorações, e o Marcelinho fazendo aquele drama no SBT, perguntando baixinho:

— Gugu, pra que câmera eu olho mesmo?

E o Gugu:

— Câmera cinco.

— Pelo amor de Deus, eu quero voltar...

Mas não saía uma lágrima do Marcelo.

* * *

...Mirandinha (ex-atacante do Corinthians)

O Mirandinha chegou ao Corinthians antes de mim. Quando jogávamos juntos, ele falava assim:

— Vampeta, quando joga Corinthians e Palmeiras eu faço gol pra caralho. Dá a bola em cima do Clebão (zagueiro do Palmeiras), que ele é todo meu, ele é todo meu.

Só que, na hora do jogo, o Edílson ia pra cima do Clebão, pra não ficar com o Roque Júnior ou como Júnior Baiano, o que era muito pior. Aí eu metia a bola no Mirandinha só na linha de fundo, porque ele corria pra caralho. Então ele reclamava:

— Tu é amigo do Edílson, por isso que não dá a bola em mim...

E eu dizia:

— Não, pô, não é por isso...

Ele ficava brigando comigo dentro do campo. Terminava o jogo, a gente voltava pro hotel, sentava, ele xingava:

— Porra, tinha que meter aquela bola assim, tinha que meter aquela bola assim.

* * *

O papo rola e estamos eu, Edílson, Marcelinho, Rincón, todo mundo na mesa. Os caras começam a conversar e o único solteiro da turma sou eu. Falavam de pagode, de não sei o quê, da casa noturna de que eu já estava começando a ser dono. Começaram a falar também de como conheceram as esposas. Até comentei com o Amaral:

— Você deve ter conhecido a tua na Liberdade [*bairro oriental de São Paulo*], afinal, ela é japonesa... O Freddy (Rincón) veio pro Brasil e conheceu a esposa dele junto comigo, num pagode. E você, Mirandinha? Como foi que você conheceu sua esposa?

A gente dava um papo esempre botava ele pra dar risada.

— A minha “paraíba” eu conheci num forró. Vi aquela menina bonita pra caramba e fui nela. Fui lá, conversei com ela e falei: “Boa noite”. E ela falou: “Boa noite”.

Aí o Mirandinha falou:

— Posso conversar com você um pouco?

Ela respondeu:

— Pode.

Ele então falou:

— Obrigado pela educação, você é muito educada.

E ela:

— Você também é muito educado.

Ele:

— Você é bastante gentil.

Ela:

— Você também é bastante gentil.

Ele:

— Achei você muito legal.

Ela:

— Também achei você muito legal.

Ele:

— Achei você muito simpática.

Ela:

— Também achei você muito simpático.

Aí ele falou:

— Achei você linda!

E ela:

— Achei você muito simpático...

* * *

Essa aqui parece até que é piada, mas é verdade. O Mirandinha começou a jogar láem Pernambuco, e tinha um amigo chamado Radar. Foi jogar no Vitória de Santo Antão e conheceu esse cara. Um dia a mãe do Mirandinha passou mal, a família queria dar a notícia e ligou pra esse amigo dele, o Radar:

— Radar, você tem que avisar o Miranda aí, a gente tá sem jeito. Avisa que a mãe dele passou mal e que ele tem que vir aqui fazer uma visita.

O Radar chegou pra ele e falou:

— Olha, tenho que te dar uma notícia. Tua mãe não tá legal, não, você tem que voltar agora pra Recife.

De Santo Antão a Recife acho que dá uns cento e vinte, cento e cinquenta quilômetros. O Mirandinha pegou o carro e saiu a mil. Na estrada, passou por um radar, a polícia lá na frente. Ele passou em alta velocidade, a polícia viu e parou ele.

— Você está andando em alta velocidade.

— Eu tô indo ver minha mãe.

— Não, não. Vai tomar uma multa, o radar acusou.

E o Mirandinha:

— Quem? O Radar??? Filho da puta, traíra do caralho!

Aí ele pega o carro de novo e é parado pela polícia outra vez.

— O que foi agora? Vai dizer que o Radar me acusou de novo?

— O radar acusou você de novo, sim. Está em alta velocidade.

O Mirandinha então falou:

— Ah, deixa ele comigo!

Foi lá, visitou a família e tal. No dia seguinte voltou, estava o Radar dormindo no quarto da

concentração, e ele falou:

— Você é um filho da puta, traíra do caralho, vai tomar no cu!

E o Radar:

— O que foi?

— Por que você avisou a polícia que eu estava andando rápido? Você sabe que a minha mãe estava passando mal...

— Não, Mirandinha. Radar é o radar, a fiscalização eletrônica. Não sou eu, não.

Só assim que ele se tocou.

* * *

Não tem coisa melhor que jogar o Campeonato Brasileiro. Rio Grande do Sul, Goiânia, Rio, Recife, Bahia... A gente viaja o país todo e é muito gostoso. Pena que os torcedores não podem acompanhar o time a todo momento, porque é muita viagem. Nordeste, Centro-Oeste, Sul, Sudeste... Nós, jogadores, temos a mania de, em todo aeroporto que a gente vai, sentar e ficar olhando as mulheres bonitas passar. No Rio de Janeiro é um *glamour*, no Rio Grande do Sul também.

Estou sentado do lado do Mirandinha e vem passando uma mulher bonita pra caramba, lá no Rio Grande do Sul. Aí falei:

— Mirandinha, qual a nota que você dá pra ela?

E ele respondeu:

— Cinco de cem.

Eu então falei:

— Ô, seu burro, é uma nota de um a dez.

E ele falou:

— Não, não... Uma nota de um a dez, pra ela, é muito pouco. Eu dou é cinco notas de cem, mesmo!

* * *

... Nelinho (ex-lateral do Cruzeiro, do Atlético-MG e da Seleção)

Essa quem me contou foi o Raul Plassmann, goleiro que jogou com ele no Cruzeiro, e, depois, o próprio Nelinho. Era um jogo de entrega de faixas de campeões estaduais, e o Cruzeiro, campeão mineiro, foi entregar as faixas pra Caldense, que jogava a segunda divisão e subiu pra primeira. Só que tinha um zagueiro da Caldense que era apaixonado pelo Nelinho e só via o Nelinho pela televisão. Os dois eram os capitães e na hora do par ou ímpar ele chegou pro Nelinho e perguntou:

— Nelinho, aquilo que a gente vê na televisão é verdade? Você chuta tanto assim?

E o Nelinho respondeu:

— É, é verdade.

— Então, não se preocupa, não, que hoje eu vou ver você batendo falta pra caramba aqui.

Nelinho não entendeu nada. Diz que começou o jogo, o Joãozinho, ponta-esquerda do Cruzeiro, pegava a bola e esse zagueiro da Caldense vinha e dava um couro no Joãozinho. O juiz dava falta. E o zagueiro:

— Viu o que eu te falei, Nelinho? Você vai bater falta pra caramba aqui.

O Nelinho ajeitou a bola e diz que deu um chute que mandou para fora do estádio. Passou bem longe do gol. E o zagueiro falou pro Nelinho:

— Não se preocupa, que vai ter mais. Vai ter mais.

O Joãozinho, coitado, dominava a bola, o zagueiro vinha e fazia a falta. O Joãozinho até

falou pro treinador:

— Professor, me tira, porque o cara é fã do Nelinho e eu não vou conseguir jogar, eu só vou apanhar. Ele quer é ver o Nelinho batendo falta!

Mais uma cacetada no Joãozinho, mais uma falta. O zagueiro, em vez de ficar de frente pra barreira, olhando a bola, virou e ficou de costas, olhando pro goleiro, que falou:

— Por que você tá olhando pra mim?

— Ésó você que quer ver o gol, é? Eu também quero!

* * *

... Odvan (ex-zagueiro do Vasco e da Seleção)

Eu e o Odvan, zagueiro do Vasco, jogamos juntos na Seleção e como adversários em Campeonatos Brasileiros e na final do Mundial de Clubes, em 2000. Quando assumiu a Seleção, em 99, após a Copa de 98, o Vanderlei Luxemburgo convocou eu e o Odvan juntos, uma reformulação. Chamou também Marcos Assunção, Rogério, uma turma nova que estava chegando. Fomos pros Estados Unidos jogar um amistoso contra o Equador. A empresa de material esportivo que patrocinava a Seleção tinha uma clínica que sempre levava meninos do país onde o time estava pra bater bola com a gente. Estávamos lá no campo quando o Odvan me chama:

— Vampeta, Vampeta, vem aqui. Como é que pode esses meninos todos, dessa idade, falarem inglês e a gente não falar?

Respondi:

— Ô, seu burro, você tá nos Estados Unidos, é a língua dos caras.

Contei pra todo mundo, os caras deram risada, voltamos pro hotel. Aí o Beto falou:

— Pô, tô renovando meu contrato no Flamengo.

Na mesa, o Flávio Conceição:

— Ah, lá no La Coruña as coisas também tão muito boas.

E a gente comentando a vida de cada um, quando o Odvan fala:

— Eu também tô renovando contrato no Vasco e tô comprando pra mim um duplex lá na Barra da Tijuca.

E os caras:

— Pô, parabéns, Odvan!

— É, mas o que tá pegando é que eles tão pedindo um comprovante de endereço, de residência. Eu tenho que ir lá na minha casa (ele é do interior do Rio), vou bater uma foto e levar pra atestar que tenho uma casa e moro em tal rua...

* * *

... Oscar Roberto de Godói (ex-árbitro)

Estávamos em um Corinthians e Palmeiras, final do Paulista de 99. Eu dou um carrinho no Tadei e o Godói não dá falta, dá vantagem. Marcelinho cruza e Edílson faz 1 a 0. Daí pra frente, dentro de campo, os jogadores do Palmeiras ficavam falando:

— Godói, seu filho da puta... Tu não vai ter coragem de olhar pros seus filhos em casa!

E o Godói, pra provocar eles ainda mais, me falava:

— Vampeta, pega a bola e bate logo, que a bola é nossa.

* * *

... Paulo César Caju (tricampeão mundial em 70)

Essa aqui é do meu amigo Paulo César Caju e do Baiaco, um cabeça de área que jogava no Bahia, junto com Sapatão, Beijoca, Douglas... Era um volante de contenção que tinha um respeito enorme no futebol brasileiro. Como todo mundo que jogava na posição dele, o Baiaco tinha a incumbência de marcar os maiores camisas 10 da época. Marcou Paulo César Caju, marcou Rivelino, Pelé, Dirceu Lopes.

Paulo César Caju, que é meu amigo pra caramba, me contou que toda vez que ele ia pra Bahia pensava: “Pô, vou pra Bahia, o Baiaco vai me marcar domingo e eu não vou jogar nada...”. Chegava dentro de campo, Bahia e Botafogo, o Botafogo com Paulo César Caju, Jairzinho Furacão... Aí o Paulo César falava pro Baiaco:

— Pô, a Bahia é tão linda, cara... Um estádio desse, a Fonte Nova, em um lugartão bem localizado, no centro de Salvador. A gente desce no aeroporto, perto da praia, a orla.... Vai jogar a sua bola, deixa eu jogar a minha. Eu vim do Rio de Janeiro, a minha praia é essa, jogar em lugar bonito, público de 110 mil pessoas. Você vai ficar me perseguindo dentro de campo?

E o Baiaco só falava:

— A minha incumbência é essa, te marcar, Caju.

Aí o Paulo César Caju foi e falou:

— Tá bom, então se você não vai querer jogar e não vai deixar eu jogar, eu vou...

Saiu do campo e sentou no banco do Botafogo. E o jogo rolando. Baiaco foi e sentou também. E o Caju falou:

— Até aqui você vai querer me marcar?

— Comigo ou “semmigo”, o Bahia ganha.

* * *

... Pelé (Rei do Futebol)

Essa, do Pelé, quem me contou foi o Cláudio Adão, quando eleveio pra São Paulo, fazer estágio no Palmeiras com o Felipão. Adão tem um *flat*, mas não ficava lá. Toda noite saía pra jantar, ele é muito elegante, muito fino. Em uma dessas vezes eu estava com ele e pedi:

— Adão, me conta umas histórias aí.

E ele falou:

— Vou te contar uma do Pelé.

Diz que o Pelé tinha parado de jogar e na época os jogadores ganhavam muito dinheiro com excursão. O Santos tinha uma proposta para fazer um jogo contra o Barcelona (não esse jogo do Mundial de 2011, que foi um vexame total). Um amistoso contra o Barcelona que era a estreia do Cruyff. O Cruyff saiu do Ajax, da Holanda, e foi pro Barcelona, então queriam fazer um encontro do Pelé preto com o novo Pelé da Europa, branco, o Cruyff. Mas o Pelé já tinha parado de jogar. Os caras foram lá na casa dele e falaram:

— Vamos lá fazer esse amistoso, a cota vai ser boa, você vai ter sua parte e nos ajuda.

E o Pelé respondeu:

— Pô, mas já parei faz cinco meses, tem cinco meses que eu não faço nada.

— Mas quebra essa pra nós, ajuda a gente.

Então Pelé falou:

— Faz o seguinte, segunda-feira eu vou treinar. Marca esse amistoso pra daqui a 30 dias, marca pra um mês, que eu vou me cuidar, vou me preparar.

Começa o primeiro tempo, Barcelona 1 a 0, gol de Cruyff. Dois a zero, gol de Cruyff, dando maior chocolate no Santos.

Diz que o Pelé desceu no vestiário e falou:

— Ó, eu já tinha parado de jogar faz cinco meses, vocês me trazem pra cá pra ter essa decepção aqui? Agora vocês vão fazer tudo que eu mandei no segundo tempo. Faz isso, isso, isso e isso.

Ele não deixou nem o treinador falar. Voltou pro segundo tempo, Pelé um, Barcelona 2 a 1. Pelé fez o segundo, 2 a 2. Pelé fez o terceiro, 3 a 2. Pelé fez o quarto, 4 a 2. Cláudio Adão falou que fez o quinto, 5 a 2. A imprensa veio toda no Pelé, ele falou:

— Pelé só tem um, é preto e brasileiro. Não tem Pelé branco, não.

* * *

...Reinaldo (ídolo do Atlético-MG nos anos 1970 e 1980)

Eu já perguntei isso ao Zico, ao Serginho Chulapa, e todo mundo me falou que o Reinaldo, do Atlético Mineiro, é um dos maiores jogadores que eles já viram jogar. O Campeonato Mineiro é um estadual longo, as cidades são longe e o Atlético estava voltando de viagem. Aquele do Atlético tinha João Leite, Luizinho, Cerezo, Reinaldo, Éder. Diz que os caras vinham jogando baralho, no fundo do ônibus. O Reinaldo, só perdendo, pegou o baralho e começou a rasgar, quer brigar com todo mundo. Falaram até que o demônio estava dentro dele. Aí gritaram para o João Leite, que foi quem começou com esse movimento dos Atletas de Cristo no futebol:

— João, João, vem aqui, vem aqui que o Reinaldo tá querendo brigar com todo mundo, rasgou até o baralho!

O João Leite levantou, veio na direção do Reinaldo e perguntou:

— Qual é o problema aí?

O Cerezo explicou:

— A gente tavajogando, ele rasgou o baralho, quer brigar com todo mundo. Falou que tá com o demônio.

E o João Leite disse:

— Eu consigo tirar esse demônio, mas só se ele aceitar Jesus. Se ele não aceitar Jesus, vão vir mais sete iguais a esse que tá dentro dele.

Aí o Reinaldo respondeu:

— Ó, é melhor me deixar com um demônio só, que eu não vou aceitar ninguém... Se vierem sete iguais a esse, vai ser foda! Com um já tá foda, imagine sete!

* * *

... Romário (tetracampeão mundial em 94)

Joguei poucas vezes ao lado do Romário, só na Seleção Brasileira, em alguns amistosos em 2001 e jogos das Eliminatórias da Copa de 2002. Mas foi o suficiente para colecionar algumas boas histórias contadas por ele. Tem uma do inglês Bobby Robson, que foi treinador dele no PSV Eindhoven antes de eu chegar à Holanda.

No futebol holandês se faz muito jogo-treino com time amador, pra ganhar condicionamento físico. No primeiro jogo dele contra um desses times amadores, o Romário fez oito gols. Aí o Bobby Robson, técnico, escreveu em um quadro-negro: “Romário fantástico!”. Um dos maiores elogios. Mas no segundo jogo-treino, quando o Romário não marcou nenhum, o Bobby Robson desenhou um Mickey e escreveu: “Romário Mickey”. O Baixinho ficou puto com ele. No terceiro jogo-treino, Romário fez dois, foi no banco, segurou o saco e falou pro Bobby Robson: — Olha Mickey aqui, ó! Pega no Mickey aqui...

* * *

Dizem também que, quando o Romário estava no Barcelona, o Cruyff era o único cara que entendia ele. O Cruyff e o Joel Santana. Para o Cruyff, o Romário falava assim:

— Mister, eu vou pro Brasil, preciso de cinco dias.

E o Cruyff falava:

— Não, fica oito, fica oito dias.

Porque o Cruyff já sabia que o Romário ia atrasar. Ele pediu cinco dias e ganhou oito, não tinha desculpa. E o Romário, em contrapartida, sempre foi correto com o Cruyff.

Aí o Brasil vai pra Copa do Mundo, é campeão em 94 e o Romário pega um mês de férias. Quando faltavam quinze dias pra começar o Campeonato Espanhol, o Romário volta. Ou seja: em vez de ficar um mês de folga, ele ficou dois. Os outros jogadores do Barcelona (Bakero, Julio Salinas, Ronald Koeman, Laudrup, Stoichkov) queriam uma reunião, porque tiveram trinta dias de folga e o Romário tinha tido cinquenta. Foram falar com o Cruyff, que disse:

— É melhor não ter reunião nenhuma, deixa pra lá.

Mas os caras insistiram:

— Não, não, não. Ele tem que dar uma explicação pro grupo.

O Cruyff acabou aceitando.

O Romário chegou no CT do Barcelona e o Cruyff comunicou a ele que o grupo queria fazer a reunião, porque eram trinta dias de folga, e não cinquenta.

— Se eu fosse você, pegaria noventa dias, porque busquei isso com a Holanda e não consegui ser campeão mundial, parabéns. Mas não posso falar isso na frente do grupo. Vamos pra reunião e para todos os efeitos eu tô do teu lado.

Romário respondeu:

— Mister, fica tranquilo.

E foi pra reunião. Quando o Romário entrou na sala, o Bakero, capitão do time, falou:

— A gente queria saber por que nós tivemos folga de trinta dias e você tá chegando noventa dias depois. Falta uma semana pra começar o campeonato e quem faz gol pra nós é você. Você é o nosso artilheiro. A gente quer uma explicação sua.

— Quer uma explicação minha? Primeiro, é o seguinte: espanhóis de merda, na Copa não passaram da primeira fase. Querem falar o que de mim? Laudrup, a Dinamarca nem pra Copa do Mundo foi, por que você quer explicação minha? Ronald Koeman, você nem me viu dentro de campo no jogo Brasil e Holanda. E aqui eu não jogo mais.

O Cruyff só falou:

— Eu não disse pra vocês não fazerem essa reunião? Eu não disse?

E o Romário:

— Aqui eu não jogo mais e vou embora.

Dizem também que o Julio Salinas levantou e disse:

— Ele é foda, ele é foda...

* * *

Romário vem embora, pro Flamengo, joga aqui o Campeonato Carioca e volta pra Espanha, pro Valencia. Estava num cassino, jogando baralho até tarde da noite, cinco horas da manhã, e o treino era às nove. Ele fumando charuto, aí chega o técnico, Luis Aragonés. Quando viu o

Romário no cassino, ele foi lá e falou:

— Que fazes aqui?

Romário olhou pra ele e respondeu:

— A mesma coisa que você tá fazendo, jogando.

— Ah, mas amanhãde manhã, às nove horas, tem treino, e você tem que correr.

— E você tem que dar o treino, tu não tem que pensar?

O treinador ficou puto com Romário. Chegou de manhã, meteu um treino tático nele, pra marcar os zagueiros.

— Marca os zagueiros, Romário.

— Não marco. Fui contratado pra fazer gol.

— Tem que marcar os zagueiros.

— Não vou marcar zagueiro, fui contratado pra fazer gol.

— Tá bom, então acompanhe os zagueiros.

— Não vou acompanhar zagueiro, fui contratado pra fazer gol. Eu não acompanho nem minha mulher, míster. Eu não acompanho nem minha mulher, quanto mais um zagueiro...

* * *

Depois daquele episódio, o técnico perdeu a paciência com o Romário:

— Então, pode sair do treino e vai embora, que aqui você não joga mais.

Romário, então, saiu do treino, vai à presidência do clube e fala:

— O treinador tá de bronca comigo porque me viu num cassino às cinco horas da manhã, mas ele também tava lá. Falou que eu não vou jogar mais.

Aí o presidente do Valencia disse:

— Como é que pode isso? Eu te contratei por milhões, vou mandar ele embora. Quem vai jogar no seu lugar?

— O Angulo, que ele botou no meu lugar lá no treino.

— Então, domingo, a gente vai ver o jogo juntos. Vem pra minha casa e depois do jogo eu vou mandar ele embora.

Romário ficou todo feliz. No domingo, começa o jogo do Valencia, Angulo vem e faz 1 a 0. Angulo vem e faz 2 a 0. Valencia 3 a 0, três gols de Angulo.

O presidente, então, olhou pro Romário e falou:

— O treinador tava certo, quem tá errado é você. Por isso, quem vai embora é você...

* * *

... Serginho Chulapa (ex-centroavante do São Paulo e do Santos)

Nos seus tempos de centroavante, Serginho Chulapa sempre se caracterizou pela agressividade. Ele falou pra mim que começou a ser agressivo assim lá na Bahia, depois que pegou um zagueiro chamado Sapatão. O Sapatão deu uma rasgada nele, ele olhou:

— Pô, Sapatão, mas o que é isso?

E o Sapatão falou:

— Aqui na Bahia é assim que funciona.

Dali em diante, o Serginho também falou: “Agora, vou brigar com os zagueiros sempre”.

O Chulapa naquela sua ignorância, naquela sua valentia, já veterano no Santos, e o César Sampaio começando a carreira. Aí o Chulapa olhava pro Sampaio e dizia:

— Pô, esse menino é folgado, cara, ele é muito folgado!

E o Sampaio quieto. Aí ele chamava:

— Sampaio, faça um favor. Você é folgado, hem, Sampaio? Você é muito folgado.

Aí o Sampaio respondia com aquele jeito dele, todo humilde:

— Pô, mas Serginho, o que foi que eu fiz? Eu sou da Igreja, Serginho, minha família toda é da Igreja.

— Que Igreja, que Igreja, Sampaio... Ó, faz um favor pra mim: vai lá na cozinha, acende esse cigarro e traz um café pra mim.

A cozinha da concentração era longe pra caramba, mas o Sampaio foi. Vem com o café e o cigarro, que já estava pelo meio. O café frio.

— Sampaio, não tô falando que você é folgado, Sampaio? O café tá frio!

— Mas Serginho, é que a cozinha é longe...

— E o meu cigarro? Você fumou, Sampaio?

— Não, Serginho, eu não fumo, eu sou da Igreja...

— Então eu sou mentiroso, é?

— Tá bom, Serginho, então eu fumei e tomei seu café...

Ele tinha que falar o que o homem queria escutar, né?

* * *

Naquela época, o Serginho também combinou com o Sampaio o seguinte:

— Onde eu estiver e eu assobiar, venha. Se você não vier, você tá morto.

Um dia, o Santos estava concentrado e o Serginho, enquanto jogava baralho, assobiou. O Sampaio está no quarto e pensa: “Será que é o Serginho?”. Quando o Sampaio levantou, o Serginho disse:

— Sampaio, tem mais de meia hora que eu tô chamando, Sampaio.

Ele falando pros outros jogadores:

— Eu falo que ele é folgado e vocês não acreditam...

* * *

O Santos tinha um zagueiro chamado Toninho Carlos. Toda vez que o time ia enfrentar o Corinthians, ele sentia uma contusão no coletivo-apronto da sexta-feira. O Serginho Chulapa até falava pra dois, três amigos que também jogavam no Santos:

— Quer apostar que ele vai sentir e não vai enfrentar o Corinthians?

Começou o treino, Toninho Carlos foi e caiu:

— Não vai dar domingo, domingo não dá, contra o Corinthians...

Ele era zagueiro, tinha que marcar o Sócrates, tinha que marcar o Zenon, o Casagrande...

— Não vai dar, Serginho, eu me machuquei. Tá doendo muito a minha coxa.

Serginho, então, falou:

— Não, Toninho, vai dar pra você jogar, sim. Vai dar e você ainda vai jogar pra caralho no domingo.

O Toninho Carlos ficou bom rapidinho:

— Então tá bom, Serginho. Vai dar e eu vou jogar pra caralho no domingo!

Ele que não jogasse, pra ver aquela “elegância” que o Chulapa tinha...

14

A vida depois
da bola

De jogar eu parei, mesmo, foi no Corinthians. Mas a carreira eu encerrei no Juventus, da Mooca. Um dia estou em casa e o Rincón me liga:

— Vampeta, o que você tá fazendo?

— Tôem casa, Freddy.

— Eu tô indo trabalhar com Vanderlei no Atlético Mineiro e Corinthians; agora, precisa de um treinador para as categorias de base. Você aceita?

— Lógico, aceito.

Mal cheguei no Corinthians; o Afonso, coordenador das categorias de base, me fala:

— Vampeta, nós temos um custo muito alto na divisão de base. O Corinthians gasta quase dois milhões por mês e temos vários jogadores aqui que não estão sendo aproveitados no time principal, estão encostados. Nós vamos, então, fazer uma parceria com o Nacional e você vai ser o treinador lá. Vocês vão treinar com todo o material do Corinthians, só que no dia do jogo joga com o material do Nacional, que disputa a quarta divisão do Campeonato Paulista.

A gente tinha que treinar lá no Nacional, nada de treinar no Parque São Jorge nem em Itaquera. Desse grupo que trabalhou comigo saíram Taubaté, Willian Moraes (que morreu em um assalto quando estava emprestado ao América de Minas, que Deus o tenha em bom lugar), o Vinicius, uma turma de jogadores. Todo dia voltava gente que estava emprestada e falavam pra eles:

— Vai procurar o Vampeta no Nacional.

Um dia eu estou dando coletivo e vi um negão com material. *Short* preto do Corinthians, meião preto. Negão grande, negão “azul”. Pensei: “Pô, quem é essa novidade aí? Todo dia chega um diferente...”. Chamei ele e falei:

— Bom dia, amigo. Prazer, meu nome é Vampeta.

Ele falou:

— Eu sei, professor. Mandaram me apresentar aqui com o senhor. Meu nome é Jonathan.

Aí eu disse:

— Quem foi que mandou?

E ele:

— Seu Carlinhos. Seu Carlinhos e o pessoal do Corinthians.

— E você jogou onde?

— Eu sou baiano, contrerrâneo seu. Já joguei no Vitória, joguei na Lusa...

Pensei: “Porra, contrerrâneo, da Bahia, porte físico...”. Aí falei:

— Joga de quê?

— Jogo de volante, cabeça de área.

Pensei: “Achei um cabeça de área”. Porque o time estava meio ruim na cabeça da área, mesmo.

No treino, tirei um e falei:

— Entra, Jonathan. Aquece e joga.

Esse negão foi pra bandeirinha e ficou lá parado. Insisti:

— Ô, fera, cabeça de área não joga aí.

E ele:

— Onde joga mesmo?

Pensei: “Iihhh...”. E tirei ele. Terminou o treino, sentei com ele e perguntei:

— Você já jogou bola, mesmo, filho?

— Já, pô.

— Então, você deve tá mal fisicamente.

— Eu tô, professor.

— Dá dez voltas no campo.

Ele deu as dez voltas no campo e eu falei:

— Jonathan, faz cinco embaixadinhas com a bola. Cinco, peteca a bola cinco vezes. Ele falou:

— Professor, eu não posso fazer isso. Posso contar a minha verdade pro senhor? A verdade é a seguinte: eu moro num albergue, cheguei aqui, tô vendo todo mundo trocando de roupa, entrei no vestiário, peguei o material e usei. Não tenho o que comer, não tenho onde morar e me apresentei aqui. Tô vendo todo mundo dizendo que é jogador, entrei aqui, me apresentei.

Ali eu consegui um emprego pra ele. Virou roupeiro do Nacional.

* * *

Estava dando o treino e chegaram lá uns cinquenta meninos. Eu perguntava a posição e a idade de cada um, pra poder fazer a peneira, pra ver se passava alguém, se descobria algum Neymar, algum Fenômeno, pra levar pro Corinthians. Todo mundo sentado no gramado, eu em pé, com a prancheta do Joel Santana.

Aí teve um menino que não me deu o nome nem a posição. Falou:

— Eu queria ficar por último, pra só depois dizer a posição e o meu nome.

Por dentro, eu dizia assim: “Esse aí deve estar querendo saber onde tem mais jogadores na posição pra ir onde tem menos gente”. Achei que era essa a malandragem do moleque. Depois que peguei o nome de todo mundo, a posição de todo mundo, cheguei pra ele:

— E você? Seu nome?

— Eduardo.

— Você joga de quê?

— Eu jogo onde tivero seu problema.

— Onde estiver o meu problema?

— É. Jogo onde tiver o seu problema.

— Então, você vai pegar os onze coletes e vai treinar contra os onze de cá sozinho, porque eu tenho problema em todas as posições. E passar bem, aqui você não vai fazer teste, não. Pode ir embora.

* * *

Fico um ano no Corinthians e de lá vou pro Grêmio Osasco. Quando cheguei, era treinador, virei coordenador e passei a vice-presidente. Como treinador, a gente estava jogando a terceira divisão do Campeonato Paulista e tinha um lateral-esquerdo chamado Bruno. Eu falava:

— Bruno, pelo amor de Deus, cara! Você vai no fundo e cruza. Você cruza essa bola, não precisa acertar o passe pra ninguém. Joga a bola lá na área e volta correndo, fecha seu espaço. Eu não tô te pedindo nada de mais...

Nisso, está o grupo todo sentado. Foi aí que ele falou:

— Professor, posso falar alguma coisa? Se eu soubesse cruzar e voltar rápido, eu não estaria na terceira divisão, estaria na primeira!

* * *

O presidente do Grêmio Osasco se chama Lindenberg Pessoa. Ele fundou o clube, que tem só quatro anos de vida e já está na segunda divisão do Campeonato Paulista. O Lindenberg é muito atento à contabilidade do clube. Normalmente, eu que faço a folha de pagamento, contrato jogadores, falo de salário. Ele não é muito ligado nisso, mas está sempre prestando atenção nas contas, está olhando.

Fiz um plantel para jogar a segunda divisão do Campeonato Paulista em 2013, estou dando o orçamento, falando quanto vai sair a folha de pagamento e quanto cada atleta vai ganhar. Amédia de salário é dois, três mil, porque é um time da terceira. Aí eu comecei a falar os nomes e quanto cada um ganhava:

— João Paulo, dois e quinhentos; Bruno, dois e quinhentos; Guilherme, dois; o outro Bruno, mil e quinhentos; Agnaldo, mil e quinhentos...

Estou fazendo a folha de pagamento e ele está olhando.

— Total: trinta e quatro mil e quinhentos.

Aí ele vem em mim:

— Vampeta, por que todo mundo ganha mil e quinhentos e esse tal de “Total” tá ganhando trinta e quatro mil e quinhentos? Quem é esse “Total”? Ele é craque?

Esse é o presidente do Grêmio Osasco...

* * *

15

Vampeta e
a fama

Sempre curti ser famoso. A única coisa que às vezes é chata é quando você está comendo e alguém pede um autógrafo. Mas mesmo assim você tem que estar sorrindo. O torcedor, as pessoas que te pedem autógrafo é que fazem você ser a pessoa pública que você é. O Ronaldo, por exemplo, não pode ter a vida que eu tenho, e eu nunca vou ter o que o Ronaldo tem. Ele, o Pelé, esses caras não podem andar na rua em nenhum lugar do mundo. Eu sou reconhecido dentro dos restaurantes, um ou outro me cumprimenta, tira uma foto, mas não é aquela coisa de parar multidões. Então, eu acho que cheguei em um degrau muito confortável. Não que Pelé e Ronaldo não sejam felizes, os caras podem ter a mesma humildade e às vezes não têm a mesma liberdade, de estar no lugar que se quer na hora que se quer. Mesmo com todo o dinheiro, com toda a fortuna do mundo, a gente sabe que eles têm que andar com escolta, não podem estar em qualquer lugar, não. Já eu, quando chegava em *shows*, ia entrando sem ser convidado, ninguém perguntava nada. Isso é o que o futebol faz. Depois de Corinthians, Seleção Brasileira e Flamengo, abre as portas de tudo.

* * *

O programa de domingo lá em casa, quando eu era garoto, era acordar cedo pra ver o Sílvio Santos o dia todo. Meio-dia almoçava macarrão com aquele suco de uva que, se tivesse muita gente, dava até pra ver o açúcar, de tanta água que a gente punha. O último programa era o *Show de Calouros*. Dali a pouco eu conheceria o Sílvio Santos pessoalmente. O Gugu eu via no *Sabadão Sertanejo*, sábado à noite. Daqui a pouco estou no SBT, várias vezes, com o Gugu. Dei casa no programa dele, fiz várias matérias com o Gugu. Daqui a pouco eu estou lá com a Hebe, levando a minha filha, a mais velha, Gabriella, no Dia dos Pais. Até dar um selinho na Hebe eu dei!

Fui convidado por Chico Anysio e por Carlos Alberto de Nóbrega, da *Praça É Nossa*, pra fazer programas com eles. Fui de frente com Marília Gabriela, estive com Jô Soares. Conheci Zeca Pagodinho, Leci Brandão, Zezé di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone. Falei com Lima Duarte. Tive a chance de estar com Anderson Silva, conheci Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Chiclete com Banana. E aí você começa a viver um mundo também como se fosse celebridade, um mundo que a bola proporciona. Já estive com Lula lá no Planalto. É difícil? É, pior que é. Falar do Juca Kfoury, do José Trajano, do Galvão Bueno, do Sílvio Luiz... É difícil porque você tem que ter talento pra ser convidado por todo mundo. Sou uma pessoa pública em qualquer parte do país hoje. Se eu for em qualquer região, Sul, Norte, Nordeste, Centro-Oeste, vai ter pelo menos cinco ou dez pessoas que vão me reconhecer de alguma forma. Ou pelo trabalho que eu fiz com o cinema ou por posar nu ou pelo futebol.

Pô, ser amigo do Popó, do Maguila, que no meu tempo de menino eu ficava olhando lá... O Faustão. São pessoas que representam o país. Só não deu tempo de eu pegar o Chacrinha. Só não tive chance de estar pessoalmente, ainda, com o Rei Roberto Carlos. Ser amigo do Zico, conhecer o Pelé, ser elogiado pelo Pelé como o melhor jogador do país em 99... Conhecer o Falcão, Cerezo, da posição que eu jogo, porque eu sempre admirei os caras. Ter bebido com Sócrates, com Nelinho, sentar na mesa com eles e Paulo César Caju. Ter viajado à Jamaica com Serginho Chulapa e Jairzinho, o Furacão. Ser amigo pessoal do Careca, centroavante. Ter um relacionamento muito bom com Romário, ser amigo de um dos maiores de todos os tempos, que é o Ronaldo Fenômeno. Edmundo, Djalminha, Edílson... Aí vem a arbitragem, ser amigo do Paulo César Oliveira, conhecer bem o Godói. O Arnaldo César Coelho, o José Roberto Wright... Vários cantores da Jovem Guarda, Caetano Veloso, Gilberto Gil... Com a Beth Carvalho, aliás, eu paguei um mico.

Eu estava no Paris Saint-Germain e fui convocado pelo Leão para a Seleção Brasileira. A

gente ia jogar contra o Equador, domingo, em Quito. Na quinta-feira, a CBF mandava a passagem da Varig, pra se apresentar na Seleção na sexta-feira. Mas eu ia e comprava da TAM, com o meu dinheiro, mesmo, porque na TAM saía um voo quinta de manhã, eu chegava aqui na quinta, que era dia *deshowno* Terra Brasil, a minha casa de pagode. Liguei pro meu gerente e ele disse que ia *tershowda* Beth Carvalho.

Cheguei, jantei e fui *proshow*. Fiquei no camarote, terminou *oshowe* eu, como dono da casa, desci e fui pro camarim pra conhecer a Beth, falar com ela. Quando cheguei, ela estava sentada junto com Arlindo Cruz e Sombrinha. Só que lá no Terra não tinha ar-condicionado, era ventilador, e eu fiquei parado na frente de um ventilador. Como estava um calor danado, a Beth falou:

— Ô, meu filho, você não tá vendo que tá na frente do ventilador, não?

Ela pensou que eu fosse algum fã, que tinha ido lá pra pedir autógrafo. De fato era fã, mas ela não reconheceu que era eu. Aí o Arlindo Cruz e o Sombrinha ficaram morrendo de vergonha e disseram rápido:

— Vampeta! E aí? Domingo a gente ganha do Equador lá?

A Beth, que também gosta de futebol e torce pro Botafogo, quando olhou pra mim pediu mil desculpas. E eu falei:

— Não, tá certo mesmo...

A Beth ainda falou que nós tínhamos que botar um ar-condicionado e o gerente da casa, pra amenizar, disse que o Jorge Aragão falou que não era legal sair *doshow* direto pro ar-condicionado. E a Beth, brincalhona, ainda completou:

— Quem? Jorge Aragão? Esquece isso aí, eu tô muito na frente dele.

* * *

Uma das vezes em que estive no Gugu, no programa do SBT, foi em uma competição de homens contra mulheres. Éramos eu, Zezé di Camargo e Luciano, Rodriguinho, do Travesso, e Popó. Do outro lado, Elke Maravilha, Helen Ganzarolli e mais duas cantoras, acho que foi Ivete Sangalo e eu não lembro bem quem.

O Zezé vem com um menino, um moleque de rua, que sustentava a família. Um moleque de oito anos, engraxate. O menino saía às quatro horas da manhã pra engraxar sapato em um hotel em São Paulo e voltava oito da noite. O nome dele era Samuel. Aquilo comoveu todo mundo no SBT. O auditório chorando e aí o Zezé falou:

— Durante um ano eu vou dar móveis pro moleque, porque ele faz propaganda.

Aí o Rodriguinho, do Travesso, falou:

— Durante um ano eu vou dar roupa pra família do moleque.

Aí vem o Popó:

— Durante um ano eu vou dar cesta básica pro moleque.

E a parada está apertando, está chegando em mim. Eu penso: “O que que eu vou dar?”, e digo:

— Ó, a parada é a seguinte: um deu comida, outro deu móveis, outro deu roupa. E o moleque vai morar onde? Eu vou dar uma casa pro moleque no valor de cinquenta mil reais.

Aí que foi uma choradeira danada no programa. Peguei minha carteira, fiz um cheque de cinquenta mil reais. Quando retornou do comercial, dei o cheque pro Gugu.

Depois de dois, três meses eu fui na casa do moleque. Portão automático, a casa toda mobiliada, com tudo. Eu, lá em Nazaré, pra abrir o portão da minha casa, tenho que descer do carro e empurrar. O Edílson, o Luizão e o Rincón falavam:

— Vampeta, você tá louco? Se deu cinquenta mil, susta o cheque.

E eu dizia:

— Não, pô! Depois, Deus não ajuda...

Passando dois anos, eu vou no SBT, esse moleque está lá e fala:

— Não dá pra você pagar o recibo da conta de luz, não?

* * *

Eu já me meti em cada uma... Fui pro mundo árabe, posei nu, participei de várias coisas fora do futebol. Aí pintou um convite pra mim: “Vampeta, você topa participar da Dança dos Famosos, no *Domingão do Faustão*? Falei: “Topo. Essa é fácil”.

Enfrentei Reginaldo Rossi, aqueles atores da Globo lá, as dançarinas, as atrizes e tal. Vou dançar a Dança dos Famosos achando que era coisa fácil. Passei na primeira fase, passei na segunda e na terceira vou disputar com Reginaldo Rossi. Era forró, e a parada é ao vivo. O Faustão com aquele negócio: “Ô louco, meu, quem sabe faz ao vivo! E ele que jogou no Corinthians, jogou no Flamengo, Seleção Brasileira: Vampeta e Sabrina Cabral!”. Aí eu estava no palco com aquelas dançarinas gostosonas.

Só que, um pouco antes, eu estou no camarim com Reginaldo Rossi. Ele tinha vindo de um *show* na Paraíba e falou:

— Vampeta, eu tenho uma cachacinha boa aí, mas ela é boa pra tomar só chupando laranja.

— Ah, então bota pra tomar coragem, né?

E eu ia disputar a dança contra ele. O Reginaldo Rossi abriu a cachaça e comecei a chupar laranja, tomando com ele, pra me dar coragem pra dançar. Porque uma coisa é você ir na balada e dançar, totalmente descontraído, outra é ter que dançar ao vivo.

Na hora que o Faustão me chama eu entro bêbado, bêbado, bêbado. Quem está em casa não sabe que eu estou errando tudo, só quem é coreógrafo e dançarina. Justo na dança que era minha praia, eu que sou baiano. A música ia pra um lado e eu ia pro outro. A dançarina chegou no meu ouvido e falou:

— O que é que você tá fazendo?

Respondi:

— Não... A pergunta certa é o que foi que o Reginaldo Rossi fez comigo...

Acabei eliminado da Dança dos Famosos por causa de um litro de cachaça do Reginaldo Rossi. Ele passou de fase e eu fiquei.

* * *

Eu e o Richarlyson fomos juntos a um programa de televisão pra disputar um carro e duas motos em uma prova de conhecimentos gerais. Era Corinthians *vs* São Paulo. Aí começam a cair as perguntas:

— Vampeta, qual é a capital do Equador?

Eu:

— Quito.

Ponto para o Corinthians!

— Richarlyson, local onde se vende remédio com a letra “f”?

— Farmácia.

Ponto para o São Paulo!

— Vampeta, qual a capital da Bahia?

— Salvador.

— Richarlyson, quem é o atual campeão da Libertadores?

— Boca.

E aí vai. Até que caiu esta pra mim:

— Vampeta, ser vivo de oito patas e duas antenas, colorido e com a letra i?

E eu falei: *isquilo*.

— *Isquilo*, com “i”??? Só se for esquilo de Nazaré das Farinhas... Ponto pro Richarlyson.

Perdi dois carros e uma moto.

* * *

16

Vampeta por
Vampeta

Tenho duas filhas: Gabriella, de onze anos, e Giovanna, de dez. Levo os nomes delas tatuados, um em cada braço. Duas filhas com a mesma mulher, Roberta Pinto Soares. Ela estudava jornalismo e o Evandro, do grupo de pagode Arte Popular, foi quem me apresentou a ela. Nós nos conhecemos em 99, em um jogo do Corinthians pela Libertadores. Depois nós saímos, fomos num *show* do Belo e do Rodriguinho. Nunca tive esse problema de ter que fazer DNA, que às vezes aparece na televisão. Dei muita sorte de ter as duas filhas com a mesma mulher. Pago pensão tranquilo. A primeira filha, quando nasceu, eu que procurei a Justiça. A mãe delas nunca me pediu pensão. Elas são bonitas pra caramba. A de onze parece que tem quinze. Quando eu posei nu, elas nem tinham nascido, mas a mãe falou que já viu a de onze anos entrando na internet pra ver as fotos. Mas meu estado civil é solteiro, eu nunca casei. Está bom assim.

* * *

Minha caçula torce pro Juventus, da Mooca, porque me viu jogando lá. A mais velha é corintiana doente. Já me viu sendo campeão no Goiás, no Vitória. Chegou a ir pro Corinthians comigo, também, um tempo. Sou muito fã de ter duas filhas mulheres com saúde, mas sempre falo pro Luizão, pro Rincón, pro Ricardinho, que têm filhos homens, que se eu tivesse um filho homem ia ser do caralho. Eles me dizem que eu tenho que pagar os meus pecados. Na escola, a mais nova faz questão de dizer pra todo mundo que eu sou pai dela. A mais velha é mais tranquila, não quer aparecer muito. São muito boas, viajam duas vezes por ano pra Miami. Tudo o que a gente ganhou é pra gastar com elas, mesmo... Aí eu brinco: “Vê se arrumam um casamento bom, senão vai quebrar a família toda...”.

Eu não tenho ciúme das minhas filhas, tenho não. Só não quero que usem drogas. O resto pode ficar à vontade. Mas namorar pode. Se for bonita, os caras têm que ir pra cima, mesmo. Vai ter namorado, o cara vai ficar na minha cola: “Vou pegar a filha do Vampeta, o pai dela era foda...”. Não vou esquentar, não. Falo sempre pra mãe delas: só não pode cair *no crack*, na cocaína.

* * *

O Doutor Sócrates falava que entrou na festa sem ser convidado e saiu sem ninguém perceber. Comigo aconteceu isso. Eu já estava parando de jogar, em 2008, quando pintou um convite do Juventus. Só que quando eu fui pro Goiás, joguei uma Libertadores e fui campeão goiano, e depois pro Brasiense, percebi que a cobrança vinha como se eu ainda fosse aquele jogador do Corinthians e da Seleção, enquanto esses times dificilmente teriam condições de disputar títulos.

Seis meses depois de parar, já estava trabalhando como técnico do Sub-20 do Corinthians, do Nacional e do Grêmio Osasco, onde vim como treinador, depois virei coordenador geral e agora sou vice-presidente. Eu também não queria seguir a carreira de treinador, não, porque foram vinte e dois anos tendo que jogar, ganhar, dormir sendo cobrado. Ter que começar tudo de novo como treinador? Quarta e domingo? Perder o privilégio de viver um pouquinho? Já que Deus me permitiu um poder aquisitivo legal para ainda poder curtir?

Eu não conseguiria ganhar oitocentos mil por mês, como muitos treinadores, e não viver a vida. Admiro muito o Luxemburgo, esse é um *bon vivant*... Mas cada um tem o seu jeito de viver. Eu não sou desse perfil que vai trabalhar de novo pra ganhar dois, três milhões e não ter tempo pra família, não ter tempo pra me divertir. Na minha passagem pelo futebol eu já me diverti pra caramba. Só que como treinador não vou poder fazer as coisas que fazia como

jogador. Como jogador eu era comandado, como treinador teria que comandar essa turma toda aí e ser exemplo. Sou um cara que nunca tive problema de chegar bêbado em treino, de fugir de concentração. Mas eu, depois dos jogos, me divertia. Agora mesmo, depois que eu parei de jogar, em um dos clubes por onde eu passei como técnico e dirigente, cinco jogadores levaram dez mulheres pra dentro da concentração porque era aniversário de um deles. Não foram pro treino, sumiram e ainda deixaram as mulheres lá, tomando sol e tudo. É o tipo de maluquice que eu nunca fiz, eu fazia após o jogo.

* * *

Essa posição que estou no Grêmio Osasco é uma boa. É um time que só tem quatro anos, já estamos na segunda divisão do Campeonato Paulista, disputando a Copa Federação, que vale uma vaga na Copa do Brasil. Eu até brinco: “Rumo à Libertadores! Rumo a Tóquio!”. Consigo estar com os meus amigos, de vez em quando corro, jogo minha bola. Sobra mais tempo pra fazer o que eu quero.

Pra mim, a vida é o seguinte: eu não sei o que vai acontecer amanhã, então procuro viver o dia de hoje sem fazer besteira para que não falte o de amanhã. A gente tem que estar sempre sorrindo. Eu, que já tive a chance de ler *aBíblia* toda três vezes na Holanda, não posso querer juntar fortuna na Terra sem saber o que vai acontecer no dia seguinte. Eu vivo a vida tranquilo, acho que não me faltou nada, não me arrependo de nada ao longo destes trinta e oito pratrinta e nove anos. Só posso estar de bom humor, porque fico olhando as coisas que acontecem. Tem gente em cada situação pior...

Desde moleque sempre tive a chance de me comunicar bem. Eu nunca tive assessoria de imprensa, nunca tive nada. Tenho o mesmo número de celular há catorze anos. Também não tenho vaidade. Gosto de ter conforto, uma casa legal. Adoro televisão — uma televisão no quarto, um bom edredom e comida não podem faltar. Nunca gostei de muita tecnologia, nem sei brincar de Play Station. Twitter, que está tendo agora, Facebook, eu não tenho nada disso, nunca tive. Se você me perguntar: “Qual a sua distração?”, eu respondo: “Jogar bola”. Assim se resume a passagem de Vampeta: sempre fui um cara feliz, gosto de jogar bola, bater um dominó, estar feliz e brincando com os amigos.

Tem gente que tem o maior tesão pra ir pra Nova York, pra Miami, pra Dubai. Nada disso me encantou. Acho que o lugar que me encantou mesmo foi São Paulo (eu cheguei aqui em 98 e permaneci por aqui, tenho duas filhas paulistanas). Acho o Rio de Janeiro lindo, também. Se não fosse São Paulo, moraria em Salvador ou no Rio de Janeiro. Tanto que eu brinco que a capital da Bahia é São Paulo, porque tem mais baiano do que paulista. Se eu tenho medo da morte? Ninguém quer morrer, é gostoso viver pra caramba. O Chico Anysio falava que não tinha medo de morrer, o gostoso é viver. Então vamos viver, cada dia viver mais.

* * *



No Tri, time de Plataforma do subúrbio de Salvador, onde Vampeta ainda era chamado de Deco. Ele é o quarto agachado, da esquerda para a direita, aos 13 anos.

© Arquivo Pessoal



Pouco antes de ser negociado para o futebol holandês, curtindo um banho de cachoeira em Muniz Ferreira (BA), ao lado dos amigos Pita e Alex.

© Jasper Juinen/Reuters/Latinstock



No PSV Eindhoven, em um clássico contra o Ajax, enfrentando o craque holandês Mark Overmars: a vitória foi do time do Velho Vamp por 2 a 0, em 1997.



“Gato da capa” na revista G Magazine de janeiro de 1999: um dos primeiros jogadores de futebol que tiveram coragem de posar nu.

©Vidal Cavalcante/Agência Estado



O Corinthians bicampeão brasileiro em 1999. Da esquerda para a direita, em pé: Luciano, Maurício, Fernando Baiano, Dida, Gilmar, João Carlos, Vampeta, Kléber, Márcio Costa e Edu. Agachados: Augusto, Marcos Senna, Luizão, Ricardinho, Dinei, Marcelinho, Edílson e Índio.

© Paulo Whitaker/Reuters/Latinstock

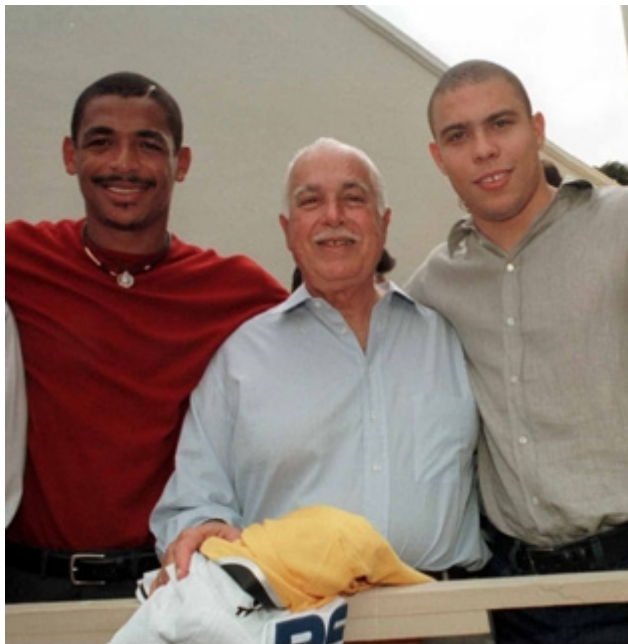


Pelo Corinthians, tentando parar o palmeirense Zinho, em um dos muitos duelos disputados entre os dois rivais em 1999.



O Corinthians campeão mundial em 2000. Da esquerda para a direita, em pé: Dida, Kléber, Fábio Luciano, Vampeta, Rincón e Adilson. Agachados: Luizão, Índio, Ricardinho, Marcelinho e Edílson.

© Xando P./Folhapress



Junho de 2000: na inauguração do Cinema Rio Branco, em Nazaré das Farinhas, ao lado do então senador Antônio Carlos Magalhães e de Ronaldo Fenômeno.

© Stefano Rellandini/Reuters/Latinstock



Em uma das poucas partidas pela Inter de Milão, enfrentando o holandês Theo Janssen, do Vitesse, pela Copa da Uefa de 2000.

© Jack Guez/AFP



Na apresentação ao Paris Saint-Germain, em 2001, entre o zagueiro argentino Mauricio Pochettino e o presidente do clube francês, Laurent Perpère.

© Joedson Alves/Agência Estado



Reencontro de ex-corintianos em Taguatinga (DF), pelo Brasileiro de 2001: Vampeta estava no Flamengo e Marcelinho, no Santos.

© Fernando Santos/ Folhapress



Feliz na primeira de suas voltas ao Corinthians, carregando os coletes para os companheiros treinarem no Parque São Jorge, em 2002.

© Fernando Santos/Folhapress



Pausa para descansar durante outro treino no Parque São Jorge, ao lado dos companheiros Deivid e Gil, também em 2002.

© Fernando Santos/Folhapress



Seção de risos e hidromassagem na piscina aquecida do Corinthians após um jogo contra o Guarani.

© Fernando Santos/Folhapress



Para Vampeta, Carlos Alberto Parreira foi o “melhor técnico” com quem ele já trabalhou, no vitorioso Corinthians de 2002.



Novamente campeão pelo Corinthians, no Rio-São Paulo e na Copa do Brasil de 2002. Da esquerda para a direita, em pé: Dida, Batata, Otacílio, Fabinho, Anderson, Vampeta, Fábio Luciano, Doni, Rogério, Fabrício e Kléber. Agachados: Santiago Silva, Ângelo, Renato, Gil, Ricardinho, Leandro e Deivid.



O Brasil penta na Coreia do Sul e no Japão. Da esquerda para a direita, em pé: Lúcio, Edmilson, Roque Júnior, Gilberto Silva, Marcos, Kaká, Vampeta, Anderson Polga, Dida, Rogério Ceni e Belletti. Agachados: Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno, Roberto Carlos, Kleberson, Rivaldo, Cafu, Júnior, Ricardinho, Luizão, Edilson, Denilson e Juninho Paulista.

© Juca Varella/Folhapress



Comemorando o penta ao lado do Fenômeno, companheiro desde os tempos de Holanda. Na camisa, a inscrição: “Vampeta 100% Nazaré, Bahia, Brasil”.



Ao lado de Fábio Luciano e do compadre Rogério. No peito, a última faixa pelo Corinthians: campeão paulista de 2003.



A sequência da famosa cambalhota, diante da incredulidade dos companheiros e do então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.

© Fernando Amorim/Agência A Tarde/Futura Press



De volta ao Vitória, ao lado de Edílson, em 2004: os dois pentacampeões mundiais ganharam também o Campeonato Baiano.

© Joel Rodrigues/Futura Press



No Brasiense, com o técnico Joel Santana, em 2005: primeiro dos três rebaixamentos ao longo da carreira.

© Fernando Amorim/Agência A Tarde/Futura Press



Na última passagem pelo Corinthians, em 2007, a queda para a Série B do Campeonato Brasileiro.



No Juventus, do bairro paulistano da Mooca, seu último clube como jogador profissional, em 2008: a irreverência de sempre, durante um treino.

© Rivaldo Gomes/Folhapress



Em 2011, uma curta passagem como técnico, pelo Grêmio Osasco: “Foram 22 anos sendo cobrado. Pra que começar tudo de novo como treinador?”.



O Vampeta vice-presidente: “Essa posição no Grêmio Osasco é uma boa. Sobra mais tempo pra fazer o que eu quero”.